



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

VALDIR DE LIMA SILVA

**O ARQUIVO PESSOAL DE HELITON SANTANA COMO FONTE DE
INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: a militância social na Paraíba**

JOÃO PESSOA - PB

2019

VALDIR DE LIMA SILVA

**O ARQUIVO PESSOAL DE HELITON SANTANA COMO FONTE DE
INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: a militância social na Paraíba**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade
Federal da Paraíba – Linha de pesquisa: Informação,
Memória e Sociedade – como requisito para a
obtenção do Grau de Doutor em Ciência da
Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Nilza Barbosa Rosa.

JOÃO PESSOA - PB
2019

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586a Silva, Valdir de Lima.

O ARQUIVO PRIVADO DE HELITON SANTANA COMO FONTE DE
INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: a militância social na Paraíba /
Valdir de Lima Silva. - João Pessoa, 2019.

190 f. : il.

Orientação: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
OLIVEIRA.

Coorientação: Maria Nilza Barbosa Rosa ROSA.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA.

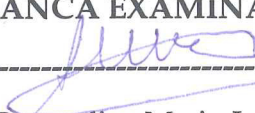
1. Informação. Memória. Movimentos Sociais. Arquivos.
I. OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de
Oliveira. II. ROSA, Maria Nilza Barbosa Rosa. III.
Título.

UFPB/BC

VALDIR DE LIMA SILVA

O ARQUIVO PESSOAL DE HELITON SANTANA COMO FONTE DE
INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: a militância social na Paraíba

BANCA EXAMINADORA

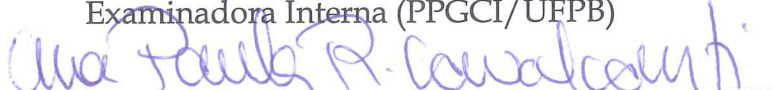
 *pl orientadora.*

Professora Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Orientadora (PPGCI/UFPB)

Professor Dr. Henry Pôncio Cruz de Oliveira
Examinador Interno (PPGCI/UFPB)

Professor Dr. Carlos André Macêdo Cavalcanti
Examinador Externo (PPGCRQUFPB)

Professora Dra. Nayana Rodrigues Cordeiro Mariano
Examinadora Interna (PPGCI/UFPB)



Professora Dra. Ana Paula Rodrigues Cavalcanti
Examinadora Externa (PPGCR/UFPB)

Professora Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto
Suplente Interno (PPGCI/UFPB)

Professor Dr. Zeny Duarte de Miranda
Suplente Externo (PPGCI/UFBA)

*Ao Alto das Populares de Santa Rita, na memória de Heliton Santana
e na trajetória da Dra. Bernardina Freire.*

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A Osalà e a Songô Ayrá, a minha ancestralidade, a memória dos movimentos populares da Paraíba, aos militantes da Teologia da Libertação, em memória: D. José Maria Pires e D. Hélder Câmara, Padre Paulo Koellen, as Irmãs da Caridade da Mãe de Misericórdia (Irmã Cecília, Gerda, Laeta, Marianna, *in memorian*).

Marta Santana, viúva de Heliton e minha madrinha, as filhas Andila Nahusi e Caiala Nahahy, meus agradecimentos mais que especiais por tudo, desde a escolha por mim, como Curador do Arquivo Privado Pessoal e pela confiança antes e durante toda a pesquisa. A casa e os braços abertos me proporcionaram dias inesquecíveis de aprendizado e muito carinho.

As pessoas entrevistadas, Dulce Santana (irmã de Heliton), Branca Barbosa, atriz e amiga de Heliton, e Padre Luiz Albuquerque Couto, ex-membro do CEDOP e amigo de Heliton.

A minha família, aos amigos e amigas, nas pessoas de meu pai Antonio Lourenço (In memorian), Maria Cecília (minha mãe), Grícia Guedes, Iyá Verônica Lourenço, Pai Carlos, Patrícia Cavalcanti e a turma do doutorado, em especial a Ana Cláudia Cruz Córdula, pela parceria nos trabalhos. Com todos aprendi muito.

Ao corpo docente: Doutoradas e Doutores: Bernardina Freire de Oliveira, que dispensa comentários porque amor não se mensura, Maria Nilza Barbosa Rosa, que foi minha professora, supervisora de estágio e coorientadora (uma amiga), Nayana Rodrigues, Izabel França, Henry Pôncio; Gisele Cortes, Edvaldo Carvalho; Carlos Xavier, José Mauro Loureiro, Gracy Martins, Edivanio Duarte, Maria Cleide Rodrigues, por toda partilha de saberes.

Ao Professor Dr. Carlos André M. Cavalcanti e a professora Dra. Ana Paula Rodrigues Cavalcanti, pelas contribuições.

Ao GECIMP, grupo de pesquisa do qual faço parte. GRATIDÃO ME DEFINE!

RESUMO

Cada arquivo pessoal tem, em sua acumulação, um sentido de imortalizar a história de um indivíduo, personificando-o em suas relações. O objeto de análise desta pesquisa é o Arquivo Pessoal de Heliton Santana, dentro do bojo da militância social na Paraíba. Esse paraibano de Santa Rita soube associar informação e memória ao contexto das práticas sociais que o rodeiam, protagonizando lutas simbólicas, criando movimentos sociais e registrando seu tempo em suportes diversos, a saber: som, imagem e letras. As experiências vividas por ele estão ligadas à produção cultural e aos movimentos sociais, os quais se incluem os movimentos negros na Paraíba, constituindo espaços pouco conhecidos pela crítica. A pesquisa teve como objetivo analisar a constituição da informação e da memória a partir do arquivo pessoal de Heliton Santana, contidas nos itens documentais, à luz da concepção teórica da escrita de si. A apreciação dos atributos memorialísticos foi norteadada pela perspectiva da pesquisa documental associada à técnica da entrevista livre. A partir da análise e interpretação dos dados foi possível delinear a trajetória, como também identificar os traços significativos da constituição do arquivo. Conclui-se que o Arquivo pessoal de Heliton Santana se configura como registro material da escrita de si do produtor, constituindo-se como uma significativa fonte de pesquisa, capaz de evidenciar os traços memorialísticos de sua produção cultural. Pretende-se contribuir dessa forma para a perpetuação da sua memória e de grupos de pessoas que dedicaram e dedicam parte de suas vidas à luta por causas coletivas salvaguardando essas memórias.

Palavras chave: Informação. Memória. Movimentos Sociais. Arquivos Pessoais. Heliton Santana.

RÉSUMÉ

Chaque archive personnelle a, dans son accumulation, le sentiment d'immortaliser l'histoire d'un individu, en le personnifiant dans ses relations. L'objet de l'analyse de cette recherche est l'archive personnelle de Heliton Santana, située dans le contexte du militantisme social de Paraíba. Ce paraibano de Santa Rita a su associer information et mémoire au contexte des pratiques sociales qui l'entourent, menant des luttes symboliques, créant des mouvements sociaux et enregistrant son époque sur divers supports, à savoir: son, image et paroles. Ses expériences sont liées à la production culturelle et aux mouvements sociaux, parmi lesquels les mouvements noirs à Paraíba, constituant des espaces peu connus des critiques. La recherche visait à analyser la constitution de l'information et de la mémoire à partir des archives personnelles d'Heliton Santana, contenues dans les éléments documentaires, à la lumière de la conception théorique de l'écriture de soi. L'appréciation des attributs mémoriels a été guidée par la perspective de la recherche documentaire associée à la technique de l'entretien gratuit. L'analyse et l'interprétation des données ont permis de délimiter la trajectoire et d'identifier les traces significatives de la constitution de l'archive. Il est conclu que les archives personnelles de Heliton Santana constituent un enregistrement matériel de la propre écriture du producteur, constituant une source de recherche importante, capable de mettre en évidence les caractéristiques mémorielles de sa production culturelle. Il est destiné à contribuer de cette manière à la perpétuation de leur mémoire et des groupes de personnes qui ont consacré et consacré une partie de leur vie à la lutte pour des causes collectives sauvegardant ces souvenirs.

Mots-clés: Information. La mémoire. Mouvements sociaux. Archives personnelles. Heliton Santana.

ABSTRACT

Each personal archive has, in its accumulation, a sense of immortalizing the history of an individual, personifying him in his relations. The analysis object of this research is the Personal Archive of Heliton Santana, inside the scope of social militancy in Paraíba. This man from Santa Rita, Paraíba knew how to associate information and memory to the context of social practices that around him, starring symbolic fights, creating social movements and recording his time in diverse supports, such as sound, image and letters. The experiences lived by him are linked to cultural production and social movements, in which are included black movements in Paraíba, constituting spaces little known by critic. The research is aimed to analyze the constitution of information and memory starting from the personal archive of Heliton Santana, contained in documentary items, in the light of the theoretical conception of self writing. The appreciation of memorialistic attributes was guided by the perspective of document research associated to the technique of free interview. From the analysis and interpretation of data it was possible to delineate the trajectory, as well as to identify the significant traces of the archive constitution. It is concluded that the personal archive of Heliton Santana is configured as a material register of the producer self writing, constituting as a significant source of research capable of evidencing memorialistic traces of his cultural production. This way, it is intended to contribute towards the perpetuation of his memory and of groups of people that have dedicated part of their lives to the fight for collective causes, safeguarding these memories.

Keywords: Information. Memory. Social Movements. Personal Archives. Heliton Santana.

LISTA DE SIGLAS

AAPB: Arquivo Arquidiocese na Paraíba

AUS: Associação Universitária Santaritense

APNs: Agentes de Pastoral Negros

CEBs: Comunidades Eclesiais de Bases

CNBB: Conselho Nacional dos Bispos do Brasil

CCJAA: Colégio e Curso José Américo de Almeida

CEDHOR: Centro de Defesa dos Direitos Humanos Dom Oscar Romero

CDDHMMA: Centro de Defesa dos Direitos Humanos Margarida Maria Alves

CEDOP: Centro de Documentação Popular

CI: Ciência da Informação

CPT: Comissão Pastoral da Terra

DTP: Departamento de Teatro Popular

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

INCRA: Instituto Nacional do Seguro Social

LC: Ligas Camponesas

MAC: Movimento de Adolescentes e Crianças

MARCA: Movimento de Artistas da Caminhada

PJMP: Pastoral de Juventude do Meio Popular

MNPB: Movimento Negro da Paraíba

MST: Movimento Sem Terra

MTP: Movimento de Teatro Popular

NDHIR: Núcleo de Documentação Histórica Regional

PI: Pastoral do Índio

SUS: Sistema Único de Saúde

Lp: Long play (disco de vinil)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sujeitos da pesquisa.....	28
Quadro 2: Arquivo Pessoal de Heliton Santana em diferentes espaços.....	31
Quadro 3: Arquivo Pessoal de Heliton Santana: gêneros documentais.....	32
Quadro 4: Arquivo Pessoal de Heliton Santana: subgêneros documentais.....	33
Quadro 5: Composição de dossiês.....	99
Quadro 6: Grupos que se agregaram ao DPT.....	111
Quadro 7: Espetáculos do TELL.....	121
Quadro 8: O uso da Metodologia.....	121
Quadro 9 - Organização da APNs - PB.....	123
Quadro 10 – Tarefa dos militantes.....	123
Quadro 11 - Espetáculos do TELL.....	133
Quadro 12 - Anima-Ação e o Movimento de Artistas da Caminhada.....	151

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - VI Encontro Mundial do MAC, Olinda: 1982.....	20
Ilustração 2 - Colégio Estadual de Santa Rita, hoje Escola Integral Cidadã Enéas Carvalho.....	62
Ilustração 3 e 4 - Histórico Escolar de Heliton Santana.....	64
Ilustração 5 - Casamento de Heliton e Marta Santana.....	69
Ilustração 6 - Doença e fé: texto original.....	77
Ilustração 7 - Encerramento do show solidário para Heliton com Chico Cesar.....	79
Ilustração 8 - Diploma.....	81
Ilustração 9 - Convite.....	82
Ilustração 10 - Batismo de Andila e Caiala.....	86
Ilustração 11 - Heliton e o MAC em sua casa.....	88
Ilustração 12 e 13 - Folder (frente e verso).....	91
Ilustração 14 - Aniversário de Caiala à caminho da escola com os pais.....	92
Ilustração 15 - Branca Barbosa e Heliton em cena.....	95
Ilustração 16 e 17 - Baú que guarda o acervo de Heliton Santana (Baú aberto e fechado).....	101
Ilustração 18 - Fuso (Objeto doado pela Casa de Farinha).....	102
Ilustração 19 - Heliton Santana entrevistando a Deputada Federal - PSOL junto a Dom José Maria Pires na Arquidiocese da Paraíba na década de 1980.....	108
Ilustração 20 - Ala Kzomba do Bloco Segura o Bagaço - Carnaval de Santa Rita, 2005.....	130
Ilustração 21 - Espetáculo Alô Alô Brasil. Centro Comunitário João Paulo II-Alto das Populares, Santa Rita.....	136
Ilustração 22 - Espetáculo Abandonados. Centro Comunitário João Paulo II-Alto das Populares, Santa Rita.....	140
Ilustração 23 - Capa da Cartilha “Brincando de fazer coisa seria”	147
Ilustração 24 - Capa da cartilha “BAB do Teatro Popular”	148
Ilustração 25 - Capa da revista Negra Voz.....	150
Ilustração 26 - Escola Estadual que leva o nome de Heliton Santana.....	154

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 ENCONTROS NA TRAVESSIA.....	19
1.2 OBJETIVOS.....	22
1.3 ORGANIZAÇÃO DA TESE.....	23
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	25
2.1 OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	25
2.2 O MÉTODO DOCUMENTAL NA OBSERVAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS.....	29
3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	34
3.1 INFORMAÇÃO E MEMÓRIA.....	37
3.2 ARQUIVO E ESCRITA DE SI: espaço de tradução do eu.....	40
3.3 OS DIVERSOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL: um rápido revisitar..	46
4 HELITON SANTANA: UMA MEMÓRIA DE SI E COLETIVA.....	53
4.1 PELO OLHAR (E CORAÇÃO): Dulce Santana.....	55
4.2 ENTRELAÇOS: Marta Santana.....	63
4.2 “UM BRILHO CEGO DE PAIXÃO E FÉ: faca amolada”	73
4.3 PERCURSOS: Andila e Caiala.....	82
4.5 UM CICLO QUE SE FECHA.....	92
4.6 OS RUMOS QUE LEVOU O ACERVO.....	97
5 UMA MEMÓRIA PARA OS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	104
5.1 CEDOP.....	106
5.2 AS LUTAS POPULARES.....	106
5.3 O MOVIMENTO NEGRO NA PARAÍBA.....	114
5.4 VIDAS EM CENA: “BRINCANDO DE FAZER COISA SÉRIA”	129
5.4.1 O Teatro Popular.....	131
5.4.2 Cordéis e peças Teatrais.....	140
6 PALAVRAS FINAIS: IDEIAS SINTETIZADORAS.....	153

REFERÊNCIAS.....	158
FONTES DOCUMENTAIS.....	167
ANEXOS.....	168
ANEXO A: Agentes de Pastoral Negros da Paraíba: memorial. Santa Rita, 2000.....	169
ANEXO B: Cartilha do Teatro Popular. CEDOP, João Pessoa, 1995.....	177

*“Vendo os meus sonhos e em troca da fé ambulante
Quero ter no final da viagem, um caminho de pedra feliz.
Tantos anos contando a história, de amor ao lugar que nasci.
Tantos anos cantando meu tempo, minha gente de fé me sorri.
Tantos anos de voz nas estradas,
Tantos sonhos que eu já vivi”.*
(O vendedor de Sonhos. Milton Nascimento e Fernando Blant)

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Quanto mais plural e correlacionado for o registro da informação, mais integral e possível de ser interpretado (LOPES, 2000, p.70).

Dentro das Ciências Sociais há um movimento de reconstruir histórias de vida, biografias, a partir de arquivos privados pessoais, porém é importante ressaltar que nem todos os documentos dos arquivos são exclusivamente de caráter privativo, alguns ganham o caráter de privado, por pertencer a um proprietário, todavia alçam o interesse público. No caso dos arquivos privados pessoais ainda são incipientes as pesquisas que se debruçam sobre este campo frutífero, sobretudo em caráter analítico pelo viés da construção de uma escrita de si (FOUCAULT, 1992), ou mesmo referente a memórias de seu produtor. Isso em razão de grande parte desses acervos não estarem disponíveis ao público tanto no modo analógico como digital; em outros momentos encontrarem-se na linha tênue do privativo; outros pela falta de condições técnicas de organização e tratamento dos documentos, e, pela ausência de tecnologias que viabilizem a disponibilização e compartilhamento de informações por meio digitais, o que do ponto de vista de espaços limitam o acesso e gera a problemática do silêncio ou ocultamento da memória (ASSMANN, 2011). Tudo isso associado contribui para uma incompreensão da dinâmica dessa categoria de arquivos.

Nora (1993, p. 13) assegura que é preciso criar arquivos “para manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”. O autor aponta ainda que “a defesa pelas minorias de uma memória refugiada sobre focos privilegiados é enciumadamente guardada, nada mais faz do que levar a incandescência, a verdade de todos os lugares da memória”. Ao destacar um esforço pela recuperação dos espaços de memória, Nora (1993) discorre sobre a problemática dos lugares, da necessidade de reparação dessa ausência, o que vem corroborar a empreitada de produzirmos

material que dê suporte e viabilize a pesquisa acadêmica desses grupos pesquisados, e estimule a criação de espaços de memória.

Pensando assim, destacamos o arquivo pessoal do paraibano Antonio Heliton Santana,¹ como fonte de informação e memória. A arte engajada exercida por ele ajudou a disseminar o conhecimento, a informação e formação de uma “massa despolitizada”², por meio da defesa das ideias de liberdade, de igualdade perante a lei, de direitos individuais e de legalidade institucional.

Assim caminhando, nosso protagonista enveredou pelos movimentos sociais, políticos, sindicais e religiosos, oscilando da Teologia da Libertação da igreja católica - surgida na década de 1960, expandindo-se com muita força na América Latina - às religiões afro-brasileiras como o Candomblé e a Umbanda como simpatizante.

Enveredou também, pelos caminhos das artes integradas: dança, teatro, poesia, música, literatura de cordel, cinema, indo de protagonista a produtor, sempre com foco pautado na informação forte (MORIN, 1999) e no respeito ao outro. Essa trajetória revela sua atuação cultural, de produtor, disseminador de informações de parte da memória de vários movimentos sociais na Paraíba, dos quais foi cofundador, a saber: Movimento de Teatro Popular, Movimento Negro da Paraíba, Movimento de Adolescentes e Crianças, Associação de Transplantados Renais da Paraíba. Em 2010, quando solicitamos que Heliton Santana escrevesse uma memória sobre o Movimento Negro da Paraíba, o mesmo ao atender via e-mail, me indagou se sua memória solitária teria validade científica para a academia, para minha dissertação de mestrado em Ciências das Religiões pela UFPB. Nossa resposta para essa indagação se dará durante todo percurso do trabalho.

Certamente seu arquivo potencializa a salvaguarda de uma memória para os movimentos sociais na Paraíba. A atuação de Heliton Santana nesses encontros foi de protagonista dessa história, na qual nos inserimos em 1982, no Encontro Mundial do Movimento de Adolescentes e Crianças (MAC) em Olinda, PE, onde participamos juntos.

¹ Daqui em diante, utilizaremos neste trabalho apenas o nome Heliton Santana.

² Esta expressão foi utilizada pelo Movimento de Teatro Popular para Plateia na Paraíba em meados da década de 1970, quando da efervescência da teologia da libertação.

A ausência de uma organização da memória dos movimentos sociais na Paraíba, dos quais Heliton Santana militou é percebida nos espaços de preservação dessas memórias. Assim, o percurso teórico dialoga a todo o momento com a experiência existencial de nosso protagonista, pois como aponta Gomes (2004), há um lugar de fala que situa sua vivência e a de quem lê seus escritos, ou seja, a escrita de si.

Gomes (2004, p. 10) esclarece que a escrita de si “integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si”. Essa produção pode ser mais bem entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre indivíduo moderno e seus documentos, preservando-se a memória documental.

No caso dos arquivos pessoais, a sua formação se concretiza na medida em que o titular passa a agrupar documentos resultantes de conjuntos de atos, em concordância com o seu modo de vida. Nesses arquivos, como alertam Duarte e Farias (2005) é comum encontrarmos documentos que enaltecem a imagem do titular e de seus pares, e podem representar sempre o vínculo pessoal que o titular mantém ou manteve com o mundo.

1.1 ENCONTROS NA TRAVESSIA

Nosso contato inicial com Heliton Santana se dá nos idos da década de 1970, no Bairro Popular em Santa Rita. Maria Cecília, minha mãe, o conheceu nas comunidades eclesiais de base, na igreja das Graças³, no auge da teologia da libertação na América Latina. Não tardou o ingresso de toda minha família nos movimentos, a começar pelo Movimento de Adolescentes e Crianças (MAC) devido a nossa idade e, posteriormente Pastoral de Juventude do Meio Popular (PJMP), Movimento de Teatro Popular (MTP) e depois sindical e partidos políticos.

Foi na travessia que o encontro se fez, nas andanças que os caminhos se entrecruzaram. A partir desse momento, os fazeres de Heliton Santana pulsavam na juventude da cidade e atravessava as fronteiras, de início, estaduais, posteriormente fronteiras e fronteiriças, a exemplo do Encontro Mundial do MAC, na cidade Olinda, PE, como testemunha a **ilustração 1**:

³ A igreja das Graças é uma igreja católica localizada entre as ruas Santo Antonio e 22 de Maio no Bairro Popular (popularmente conhecido como Alto das Populares) em Santa Rita.

Ilustração 1 - VI Encontro Mundial do MAC, Olinda: 1982. Heliton Santana manuseando uma bacia e Valdir de Lima Silva, próximo a ele.



Fonte: Arquivo privado pessoal de Heliton Santana.

Em nosso trabalho utilizamos a produção de Heliton Santana como artefato memorialístico, abrindo caixas, remexendo baús, revisitando correspondências, diários, documentos, enfim. Desse modo, foi possível observar, por meio dos rastros e vestígios (GINZBURG, 2006) as particularidades da vida de nosso protagonista, através de sua produção, criando informações de natureza cultural configuradas em documentos que guardam a memória de um militante e pesquisador da cultura popular.

Heliton Santana produziu peças teatrais, criou e organizou movimentos sociais, refletiu e descreveu sobre itens documentais, os quais quando concebidos, contribuíram como traços de identidade informacional no seu arquivo.

Entendemos que uma das tarefas dos movimentos sociais é capitanear a identidade e permitir a conscientização e reconstrução da personalidade (ALONSO, 2019). Daí que seu espólio⁴ pode ser visto como uma edição quase completa de sua vida e obra. A partir dessas especificidades, incluímos Heliton Santana nesse cenário,

⁴ Expressão utilizada por Duarte e Farias (2005) e refere-se ao conjunto de documentos, pertencentes a um titular, independente de tipologia.

e a evocação desses indícios de memórias, a exemplo das lutas do campesinato na Paraíba desde as Ligas Camponesas (LC); a Comissão Pastoral da Terra (CPT); e posteriormente do Movimento Sem Terra (MST), pode proporcionar esclarecimentos a outras pessoas que lutam pela mesma causa, possibilitando-os melhor conhecer suas histórias, estratégias, lutas e resistências.

Afora o acervo do Centro de Documentação Popular (CEDOP) que se encontra no Arquivo da Arquidiocese da Paraíba⁵, e alguns documentos no Núcleo de Documentação Histórica Regional (NDHIR) da Universidade Federal da Paraíba, todo o arquivo de Heliton Santana encontra-se sob responsabilidade de Valdir de Lima Silva (Curador), sendo aberto a pesquisas posteriores. Informamos que há um projeto a ser executado pelo Instituto Federal de Educação, Campus Santa Rita onde o arquivo pessoal de Heliton Santana será digitalizado e aberto a pesquisa.

Em sua maior parte, esse acervo é composto por documentos impressos, e refletem traços marcantes na vida de nosso protagonista, contribuindo e sinalizando informações relevantes à pesquisa. O seu legado desenha uma direção até hoje significativa, na sua produção intelectual e de militante: os estudos voltados para questões político-culturais e sociais, a produção historiográfica sobre os movimentos sociais e a apreciação da cultura popular, com que aprimorou este paraibano em seu contexto, num esforço para oferecer material de relevância à população.

Vale destacar que priorizamos neste trabalho a documentação relacionada aos Movimentos Sociais na Paraíba, especialmente, o Movimento Negro, sua atuação no teatro popular, e ainda, os documentários por ele produzidos.

Nossa tese se sustenta na trajetória de Heliton Santana, fortalecida a partir do seu arquivo pessoal, como uma trajetória de recuperação memorialística dos Movimentos Sociais na Paraíba, mais especificamente, na cidade Santa Rita. Essa memória poderá se afirmar no registro e salvaguarda de diversas organizações sociais das quais Heliton Santana foi fundador, colaborador e militante por mais de quatro décadas. Fazer esse caminho e revisitá-lo através da arte sem fronteiras, das ruas do Bairro Popular em Santa Rita-PB, do jornal *Negra Voz* e de ser documentado

⁵ Localizado no Palácio do Bispo – Praça Dom Adauto. Centro- João Pessoa.

pela BBC de Londres é captar não apenas o percurso de homem negro, mas sua intervenção no tempo e espaço. Dessa forma, o acervo de conhecimento e informações, do que ainda está implícito e velado, precisa de ser descoberto, isto é, visibilizado.

Assim, Heliton Santana soube associar informação e memória ao contexto das práticas sociais que o rodeiam, protagonizando lutas, criando movimentos sociais e registrando seu tempo em suportes diversos, a saber: som, imagem e letras, uma espécie de itinerário de si mesmo. Desse modo consideramos que o trabalho social e cultural, por ele desenvolvido, guarda além de sua memória, a memória de seu tempo, isto é, a memória coletiva (HALBWACHS, 2004). Diante disso, este trabalho pretende responder à seguinte questão de pesquisa: *como constituir informação e memórias para os movimentos sociais a partir do arquivo pessoal de Heliton Santana?*

A partir desse questionamento foi definido o objetivo geral de investigação: *Analisar a constituição da informação e da memória a partir do arquivo pessoal de Heliton Santana.* E, como objetivos específicos: Mapear a produção contida no arquivo pessoal de Heliton Santana; Levantar os traços representativos da memória de Heliton Santana, a partir de sua produção cultural; Evidenciar através de documentos, a atuação de Heliton Santana ao Movimento Negro na Paraíba, e, Identificar informações sobre os Movimentos Sociais na Paraíba por meio do Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

1.2 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Esta tese compõe-se de sete capítulos, descritos a seguir:

No *primeiro capítulo* apresentamos a INTRODUÇÃO do trabalho, a tese, o problema de pesquisa e os objetivos do estudo.

No *segundo capítulo* apresentamos a METODOLOGIA, ou seja, o caminho percorrido por meio da definição do método documental com base na proposta de Arostégui (2006), visando à coleta de dados no arquivo e em outras fontes documentais que foram pertinentes para análise.

No *terceiro capítulo* denominado de CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS imprimimos a discussão entre Informação e Memória; Arquivo e Escrita de si; e

Movimentos Sociais, apresentando o resultado de nossa reflexão sobre essas questões. Além das discussões focadas no arquivo pessoal, relacionamos as ideias de Gomes (2004) e Oliveira (2018) referentes à Escrita de si, orientadas por uma análise documental, e fontes que se descortinam diante de um arquivo privado. “É justamente nesse espaço privado, que de forma alguma elimina o público, que avultam em importância as práticas de uma escrita de si” (GOMES, 2004, p.9).

No *quarto capítulo* denominado de Heliton Santana: uma memória de si e coletiva buscamos entrelaçar as vidas, destacando a força de nosso protagonista tal qual “um brilho cego de paixão e fé: faca amolada”, e sua trajetória de vida. Ainda nesse tópico, tratamos de sua atuação nos movimentos sociais e culturais, também sobre sua saúde e a luta pela vida. Tratamos, assim, da recuperação de um percurso biográfico, mesmo que nos deparando com a necessidade de escolha daquilo que deve compor o relato dos feitos do biografado.

No *quinto capítulo* denominado de UMA MEMÓRIA PARA OS MOVIMENTOS SOCIAIS são tratados: O Centro de Documentação Popular (CEDOP), as lutas populares e o Movimento Negro na Paraíba como espaço de memória e resistência, e ainda os agentes de pastoral negros e o movimento negro unificado como uma memória em ação. E ainda: Vidas em cena: “brincando de fazer coisa séria” foi direcionado um olhar sobre o teatro popular, sobre cordéis e peças teatrais além dos documentários produzidos por Heliton Santana. Examinamos a produção através da pesquisa em seu arquivo pessoal, apresentando a natureza interna e externa do acervo e reunindo os elementos pertinentes à composição do espólio.

Na *última seção* denominada de PALAVRAS FINAIS formulamos as ideias sintetizadoras da análise desenvolvida ao longo do trabalho.

Por fim, acreditamos que produzimos material de pesquisa relevante para a academia e para os movimentos sociais pesquisados.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Creio ser tão impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, sem conhecer particularmente as Partes (PASCAL, Pensée, frase n. 73).

É através das palavras de Pascal, citadas em epígrafe, que introduzimos a presente seção, explicitando o caminho seguido pelo estudo. A problemática aqui abordada tem como espaço a prática de pesquisa que buscamos referenciar como atividade na produção do conhecimento, entendendo que a pesquisa é um trabalho em processo. Adotar uma abordagem metodológica significa escolher um caminho, esse caminho muitas vezes, requer ser reinventado a cada etapa. As atividades de pesquisa estão associadas com a produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o pesquisador teve a ideia da pesquisa até o momento em que os resultados de seu trabalho são aceitos como parte integrante do conhecimento científico (GARVEY, 1979).

Como assevera Demo (1991), o trabalho científico, propriamente dito, é avaliado, pela sua qualidade política e pela sua qualidade formal. Qualidade política, como destaca o autor, refere-se fundamentalmente aos conteúdos, aos fins e à substância do trabalho científico. Qualidade formal diz respeito aos meios e formas usados na produção do trabalho.

Minayo (1993) por sua vez, considera a pesquisa como uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. Para a autora, trata-se de “uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” (MINAYO, 1993, p.23). A pesquisa é, portanto, um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, que tem por base procedimentos racionais e sistemáticos.

2.1 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Para caracterizar a abordagem metodológica utilizada neste trabalho optamos pela *abordagem qualitativa*, pois segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17) esta abordagem visa a oferecer uma definição genérica, inicial. Para estes autores, “a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo [...]”, isto é, “[...] os pesquisadores dessa área utilizam práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance”.

A abordagem qualitativa *do tipo documental*, segundo Helder (2006, p. 12) “vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor”. Neste tipo de pesquisa, se deve atentar para uma análise cuidadosa “visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA, 2007, p.70). Com efeito, há uma estreita ligação entre as memórias e as anotações como fontes documentais.

Tendo como fonte principal o arquivo pessoal de Heliton Santana, a pesquisa documental fez com que recuássemos no tempo e verificássemos a atuação de nosso protagonista no âmbito da cultura popular e dos movimentos sociais na Paraíba, nesse caso nos propusemos a entender a lógica do acervo como fonte de informação. Essas fontes nos induziram à busca e à adoção do conceito de *análise documental* que, segundo Aróstegui (2006, p.508), é “um conjunto de princípios e de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações para o estudo e explicação de um determinado processo de memória”.

Como aponta Aróstegui (2006, p.480), “há uma relação intrínseca com a temporalidade e a singularidade do objeto de estudo, que se sustenta em dados memorialísticos, revelados através de “vestígios, relíquias e testemunhos”, constituindo as fontes de uma memória extraída de um arquivo pessoal, acumuladas, tratadas e compiladas. Segundo este autor, “a análise documental envolve a comprovação de técnicas explícitas, erudição literária, crítica histórica e análise da fonte” (ARÓSTEGUI, 2006, p.480).

Quanto ao processo de pesquisa no arquivo pessoal de Heliton Santana, consideramos que foi lento e gradual, pois buscamos direcionar os materiais

arquivísticos no manuseio de reconhecimento no processo de tratamento e organização da massa documental. Começamos pela seleção dos documentos arquivados, bem como na responsabilidade no manuseio, na clareza sobre a natureza da unicidade documental (BELLOTTO, 2004) e nos deparamos com várias memórias em um baú fechado, mas que logo se abriria para futuras pesquisas.

O processo de leitura de cada documento ocorreu primeiramente de forma assistemática, apenas para reconhecimento. Depois foi a vez da leitura de cada documento do acervo, o que nos proporcionou um trabalho contínuo de investigação, de análise do tipo documental num confronto com os depoimentos das personagens entrevistadas para a pesquisa.

Assim, atentamos para as mediações e práticas, usos e destinos dos documentos, pois a maneira como se acumulam, se organizam e se armazenam nos arquivos parece querer defrontar-nos com um itinerário próprio, uma escrita de si, com vistas a orientar a própria leitura e interpretação. Neste trabalho, as fontes documentais foram obtidas seguindo-se as etapas:

- a) Agrupamento das fontes que se encontram no baú;
- b) Mapeamento e descrição do acervo para proceder a sua organização e, posteriormente, a coleta dos dados e informações;
- c) Classificação e depuração dos dados e informações;
- d) Ligação entre as fontes documentais e a construção de uma escrita de si (critério intencional, levando em conta que tudo vai depender da natureza interna das fontes, como propõe Aróstegui (2006, p.492-494).

Considerando o *critério de classificação e depuração dos dados* (BELLOTTO, 2004), buscamos a veracidade e adequação dessas fontes aos propósitos da pesquisa, para depois fazermos a ligação entre as fontes documentais e a construção de uma *escrita de si*. Os diversos registros (orais, escritos, gestos) possuem em comum a característica de reunirem lembranças escolhidas, valores e regras de ação das quais não está ausente a dimensão afetiva associada a procedimentos de identificação, garantidores da coesão grupal tanto dos autores, como dos receptores das lembranças (HALBWACHS, 2004).

Além das fontes documentais, selecionadas para análise, realizamos a *entrevista livre* com pessoas que conviveram com Heliton Santana, em suas relações pessoais e profissionais, como uma das formas de complementarmos as coletas de dados. Como afiança Minayo (1993), se as entrevistas forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um dos entrevistados percebe e significa sua realidade.

Além disso, como assegura Minayo (1993), a entrevista favorece ao levantamento das informações permitindo ao entrevistador compreender a lógica que preside as relações entre as pessoas ou grupos, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. Ao nos aproximarmos de cada entrevistado, expusemos a temática e eles falaram com base no seu repertório de conhecimentos e informações, de lembranças e recordações.

A escolha dos entrevistados se deu pela familiaridade com o nosso objeto de estudo, e nos ajudaram a traçar o perfil Heliton Santana como militante social, como se pode conferir no quadro a seguir:

Quadro 1 – Sujeitos da pesquisa (Entrevista livre)

Marta Santana	Viúva de Heliton Santana
Andila Nahusi	Primeira filha de Heliton e Marta Santana
Caiala Nahahy	Segunda filha de Heliton e Marta Santana
Dulce Santana	Irmã de Heliton Santana
Padre Luiz Couto	Ex-membro do CEDOP
Branca Barbosa	Ex-integrante do grupo: Teatro, Luta e Libertação (TELL) e Anima-Ação

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Esclarecemos que não se trata de um trabalho com proposta de amostragem, nosso intuito foi registrar a narrativa de pessoas que conviveram com nosso protagonista e, através dela, a vivência e o pensamento de cada entrevistado nesse enlace. Este registro alcança uma memória pessoal que é também uma memória social, familiar e grupal.

Todas as entrevistas foram gravadas e, em seguida, transcritas, para retirarmos delas as diversas possibilidades de interpretação, as diferentes leituras

sugeridas pela entonação, pela ênfase, pela emoção, pelas pausas, pelos silêncios e até pelo gestual (PORTELLI, 1997, p.2). Este autor assegura que grande parte das informações pode se perder na passagem da oralidade ao documento escrito, por isso deve-se procurar garantir, na transcrição, a fidelidade à intenção e à memória do entrevistado.

Todo esse contexto faz com que o arquivo não se reduza à guarda da memória, mas extrapole a tal função, como afiançam Barros e Neves (2009). Sendo assim, “Ele representa um meio necessário para a definição social e cultural, assumindo uma postura de mediação na conquista de direitos, no que tange a aquisição e a criação de novos conhecimentos” (BARROS; NEVES, 2009, p. 60).

2.2 O MÉTODO DOCUMENTAL NA OBSERVAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS

A intenção biográfica dos titulares de arquivos pessoais associa-se a vontade de tornar público os documentos por si acumulados, mesmo que seja após o seu falecimento (BELLOTTO, 2004). Assim, todo acervo de cunho pessoal traz as evidências do seu criador, responsável pela constituição e guarda de seus próprios documentos, elaborados por si ou armazenados de acordo com a sua trajetória de vida, sendo de certo modo reflexos de seus pensar e fazer socialmente. Desse modo, o arquivo pessoal apresenta algumas possibilidades ao estudo dos tipos documentais.

Tais documentos são provenientes do espaço doméstico, das relações afetivas, das devoções, dos hábitos e das preferências, que não teriam o devido valor reconhecido por serem considerados irrelevantes juridicamente. Como assegura Lejeune (2008), por conterem as características íntimas e específicas da vida do titular, esses documentos se aproximam do caráter autobiográfico.

Inúmeros motivos levam a pessoa a acumular documentos sobre a sua vida, definindo assim, a *escrita de si*. O termo escrita de si é utilizado como definidor de um arquivo pessoal, mas serve para entender os motivos que levam alguém a formar o seu arquivo pessoal (OLIVEIRA, 2018). Seja qual for o motivo para se formar um arquivo pessoal, a ação de seleção de quais documentos deve compor o acervo

acarreta na elaboração da narrativa de sua vida. Sobre esse ponto de vista o arquivo pessoal de Heliton Santana pode ser percebido como uma escrita de si.

Operacionalmente, tomamos o Arquivo Pessoal de Heliton Santana como fonte autobiográfica de pesquisa. Esse arquivo divide-se em privado e pessoal. Após a sua morte, a viúva Marta Santana, e as filhas Andila e Caiala decidiram sobre o destino de custódia do mesmo, ficando com a família os álbuns de fotografia, inclusive as fotos referentes à participação do custodiado nos movimentos sociais, no entanto disponibilizaram todo acervo fotográfico para nossa pesquisa.

As doações ocorreram após o falecimento do titular do arquivo cujas responsabilidades recaíram aos herdeiros.

Essa intencionalidade é, em boa parte dos casos, o critério principal para guarda e descarte de documentos, desenhando o arquivo segundo a visão particular de seu produtor e/ou daqueles que tiveram tal documentação sob seus cuidados. E é essa manipulação inicial, plena em valores subjetivos, em grande parte a responsável por estabelecer o que “merece” ser lembrado e o que ‘pode’ – ou ‘deve’ – ser esquecido, em uma pré-seleção documental que foge ao controle do arquivista e de seus métodos (ABELLÁS, 2012, p. 76).

Existe uma intencionalidade do titular do arquivo inerente em seus documentos, seja para formar um discurso sobre si, uma imagem de si ou outra finalidade. Essa concepção afasta os interessados por esses documentos do denominado “feitiço dos arquivos pessoais”, pois esses arquivos não contêm a verdade em sua forma bruta. O legado dos arquivos pessoais não se restringe a perpetuação da memória do titular do acervo. Esse, por estar inserido dentro de um espaço e tempo, conterà documentos que associam e respondem por uma sociedade e época, ou seja, está imbuída também, em consonância à memória individual, à memória coletiva, aumentando, conseqüentemente, os motivos para a sua preservação (ABELLÁS, 2012).

Ressaltamos a descrição e a divisão do Arquivo Pessoal de Heliton Santana, como se pode conferir abaixo:

a) A biblioteca pessoal de Heliton Santana foi doada para a biblioteca do CEDHOR - Centro de Defesa dos Direitos Humanos Dom Oscar Romero em Santa

Rita. À exceção das memórias escritas por Heliton, a documentação referente ao CEDOP, com a extinção desse Centro, foi para o Arquivo da Arquidiocese da Paraíba. A documentação é referente à parte administrativa e ao acervo produzido como: cartilhas, livretos, jornais, entre outros.

b) O acervo áudio visual do CEDOP contém aproximadamente, mil e quinhentos itens produzidos pelo órgão com temática relacionada aos movimentos sociais, como a CPT, MTP, MNPB, MAC, entre outros. Este foi acomodado no SINTRICOM até qualquer outra decisão por parte dos sócios fundadores do CEDOP, sendo Heliton Santana representado por Marta Santana, podendo ambos, ser pesquisados.

c) O acervo de livros de Heliton foi doado a Biblioteca do CEDHOR. Os demais documentos que fazem parte do acervo ficaram sob responsabilidade do curador do arquivo e encontram-se desde 2011 em sua residência, acomodado em um baú de madeira. De certo modo, o arquivo já viera organizado por Heliton quando naturalmente o produzia.

O que tornou o trabalho mais fácil de entendimento foi o fato de que o pesquisador fez parte de muitos momentos vividos e narrados na documentação (textos, fotos, notícias e áudio visuais). Paradoxalmente, a proximidade com a personagem central e com os fatos, tornou também, mais difícil de fazer o distanciamento necessário para a pesquisa, sendo um exercício e aprendizado diário.

Alguns quadros referentes ao arquivo de Heliton Santana foram construídos, para ilustrarmos e representarmos imgeticamente a divisão do arquivo e a organização da documentação.

Quadro 2 - O Arquivo Pessoal de Heliton Santana em diferentes espaços

Arquivo da Arquidiocese da Paraíba (João Pessoa)
Arquivo do SINTRICOM (João Pessoa)
Arquivo privado de Valdir Lima: Fundo Heliton Santana (Santa Rita)
Biblioteca do CEDHOR (Santa Rita)

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Sobre arquivo, a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE) (2006, p. 14-15) utiliza os seguintes elementos: a) *Autor* como “Designação genérica para quem cria um documento”; b) *Dossiê* como “Unidade de arquivamento constituída de documentos relacionados entre si por assunto (ação, evento, pessoa, lugar, projeto)”; c) *Entidade Coletiva* como “Grupo de pessoas que agem de maneira organizada e é identificado por um nome específico, variando no seu grau e forma de organização, como instituições e movimentos sociais, políticos, econômicos, científicos, culturais, militares e religiosos, bem como feiras, seminários, congressos, expedições, naves, aeronaves e embarcações”; d) *Fundo* (arquivo) como “Conjunto de documentos de uma mesma proveniência.

Na esteira do pensamento de Bellotto (2004), podemos dizer que o arquivo de Heliton Santana, trata-se de um “Fundo Fechado”, uma vez que o Autor do arquivo é falecido e não produz mais documentos.

Quadro 3 - O Arquivo Pessoal de Heliton Santana: gêneros documentais

Documento audiovisual
Documento bibliográfico
Documento cartográfico
Documento cinematográfico
Documento iconográfico
Documento eletrônico
Documento micrográfico
Documento textual

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Quanto ao gênero documental, de acordo com informações extraídas da NOBRADE (2006, p.15) trata-se de uma “Reunião de espécies documentais que se assemelham por suas características essenciais, particularmente o suporte e o formato, e que exigem processamento técnico específico e, por vezes, mediação técnica para acesso [...]”. Encontramos também nesse arquivo, uma diversidade de documentos em variados suportes (**Quadro 4**).

Nas subdivisões dos gêneros documentais, montamos um quadro de acordo com a documentação que integra o arquivo de Heliton Santana, a saber:

Quadro 4 - O Arquivo Pessoal de Heliton Santana: subgêneros documentais

Gênero bibliográfico: folheto(s), livro(s), monografia(s), obra(s) rara(s), periódico(s), periódico(s) raro(s) e tese(s).
Gênero eletrônico
Gênero filmográfico: filme(s) cinematográfico(s), fita(s) videomagnética(s), filme(s) cinematográfico(s) negativo(s).
Gênero sonoro: disco(s) e fita(s) audiomagnética(s).
Gênero tridimensional: descrição livre, podendo-se recorrer a tesouros especializados.

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

O arquivo de Heliton Santana conta com álbuns de fotografias, alguns panfletos e recortes de jornais que noticiaram as apresentações do MARCA e do Anima-Ação na Europa, organizado por ele e por Marta Santana. Os textos teatrais foram todos catalogados por Branca Barbosa desde o período do grupo TELL, seguindo-se com Anima-Ação. O arquivo conta, além da documentação em suporte de papel, também audiovisual, imagética, com parte do figurino de espetáculos do Anima-Ação, acessórios utilizados nos espetáculos teatrais, e uma grande coleção de discos em vinil, fitas de gravador, fitas k-7.

A partir de documentos arquivísticos, capitaneados nesse arquivo, evidenciamos uma produção contextualizada em época e lugar, com dimensão abstrata e simbólica, e de valor cultural.

Por fim, apresentamos as estratégias de construção da produção de Heliton Santana, de sua militância nos movimentos sociais e de sua atuação como produtor cultural e ator teatral. Desse modo, percorremos o seu Arquivo Pessoal, no intuito de divulgá-lo, para que sirva de fonte documental para outras pesquisas.

3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição, interpreta. O sujeito-leitor que se relaciona criticamente com sua posição, que a problematiza, explicitando as condições de produção da sua leitura compreende. Sem teoria não há compreensão (ORLANDI, E. P., 1996, p.116).

As palavras de Eni Pulcinelle Orlandi, epigrafadas no início deste capítulo, nos levam a entender que o lugar social dos interlocutores é parte constitutiva do processo de significação. Os sentidos de um texto estão determinados tanto pela posição que ocupam aqueles que o produzem quanto os que o leem. Assim, sujeitos e sentidos são elementos de um mesmo processo, o da significação (ORLANDI, 1996).

Neste capítulo propomos a reunião e o aprofundamento dos conceitos de informação e memória; de arquivo e escrita de si; e de movimentos sociais, constantes neste trabalho. Na relação de um texto com outros, buscamos sua relevância.

Em se tratando de estudos sobre informação, concebemos inicialmente a informação como sensações que se juntam ao cenário das lembranças, que compõem o acervo de experiências dos sujeitos. Nesse sentido a informação, como afiança Pollak (1989), é um conjunto de elementos por eles articulados. De acordo com Huyssen (2000), as informações constituem o que chamamos de memória coletiva. A memória coletiva conserva as informações que vão sendo retidas num processo de escolha.

Buscando inserir nessa discussão o conceito de *arquivo*, observamos o entendimento de Nora (1993, p.14), de que existe uma obsessão por arquivos no mundo contemporâneo, “da escrita à alta fidelidade da fita magnética: ao mais modesto vestígio, a dignidade virtual do memorável”. Quando desaparece a memória tradicional, nos sentimos obrigados a acumular informação arquivística. Para Nora (1993, p.15) “vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos são sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se

tornar prova em não se sabe qual tribunal da história”. Assim, os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso criar arquivos. Nora (1993, p.13) esclarece: “se o que defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que envolvem, eles seriam inúteis”.

Gomes (1998, p.11) chama atenção para o crescente interesse dos pesquisadores pelos arquivos privados. Ela argumenta que isso se deve a uma revalorização do indivíduo na história, ou seja, “a uma revalorização da lógica de suas ações, pautadas em um campo de possibilidades que possui limites, porém oferecem alternativas baseadas em transformações na história cultural, política e social”.

Sobre esse aspecto diríamos que há um processo de mudança social pelo qual uma lógica coletiva, regida pela tradição, deixa de sobrepor ao indivíduo que se torna moderno. Como reforça Gomes (2004, p.11-12), isso se dá “justamente quando postula uma identidade singular para si no interior do todo social, afirmando-se como valor distinto e construtivo desse mesmo todo”. Para tanto, o sujeito começa a estabelecer uma relação maior com seus documentos, construindo algumas práticas culturais, ou seja, práticas da escrita de si.

As práticas de escrita como observa Gomes (2004), podem evidenciar uma trajetória individual com um percurso que se altera ao longo do tempo, e decorre por sucessão. A autora acrescenta que essas práticas “podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser decomposto em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc.” (GOMES, 2004, p. 13).

Para Heymann (2009, p.1), isso significa um trabalho que funciona como “‘prova’ das trajetórias às quais se busca associar o atributo da exemplaridade e da singularidade, fundamentais à construção da noção de ‘legado’”. Um legado, por exemplo, dos movimentos sociais, uma constante na história política do Brasil.

Nesse sentido, Gohn (2013, p.335) argumenta que o histórico de lutas que os movimentos sociais constroem, “demarcam interesses, identidades, subjetividades e projetos de grupos sociais, estabelecem práticas, fazendo diagnósticos e criando agendas, para si próprios, para a sociedade e para o poder público”.

Pollak (1989) ressalta a existência de tantas memórias subterrâneas opostas à memória oficial e chama atenção para o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. O autor atenta para o fato de que as significações dos acontecimentos do passado não se estabelecem de uma vez para sempre. Nesse sentido, como garante Gohn (2013, p.335), há momentos em que “vozes fragmentadas e silenciadas entram em disputa com as normas e discursos unilateralmente estabelecidos, desconstruindo versões oficiais, combatendo opressões e imposições de todo o tipo”.

As discussões aqui apresentadas nos permitirão transitar pelo mundo da informação e memória, sem perdermos o rumo que nos orienta a respeito do arquivo pessoal, a escrita de si e os movimentos sociais. Neste trabalho, para que os esforços não se percam, é necessário avançar a discussão teórica nessa direção.

3.1 INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

Pensar no termo memória leva em um primeiro momento, a reconhecer “que a memória do coração não elimina as coisas, mas amplia as coisas boas” (GARCÍA MARQUES, 2019, não paginado). Graças a esse artifício, como observa este autor, “consequimos suportar o peso do passado” (GARCÍA MARQUES, 2019, não paginado).

Neste tópico articulamos as definições de informação ligadas às concepções de memória, destacando a existência de relações conceituais entre os dois termos. Não pretendemos avançar na discussão etimológica do termo informação, mas reconhecemos a polissemia do termo quando reflete que, a palavra informação sempre foi ambígua e literalmente empregada para definir diversos conceitos (GÓMEZ, 1995).

A informação está ligada a todos os processos que envolvem a vida dos indivíduos. Por sua vez a memória, que segundo Assmann (2011) já foi cultuada pelos gregos antigos, como a deusa Mnemosine, e como diria Bauman (2001), vem sendo ressignificada pelos momentos de fluidez em que vivemos.

O conceito de informação é usado comumente no sentido de conhecimento comunicado, como apontam Capurro e Hjørland (2007), nesse sentido Araújo (2012, p. 146) esclarece que o significado de informação pode ser compreendido “como um fenômeno objetivo, com existência independente dos sujeitos e dos contextos; algo possível de ser transmitido tal como é de um ponto a outro num processo de comunicação”.

Para Araújo (2012, p. 148) a informação passa a dar, “especial atenção às maneiras como os indivíduos percebem seus estados de lacuna cognitiva e as estratégias utilizadas por eles para buscar e usar as informações de que necessitam”. Desse modo, é a natureza social da informação que é levada em conta, a sua fixação em um determinado contexto e, ainda, o caráter ativo do sujeito, pois ele é muitas vezes dissociado do contexto social, reforça Araújo (2012).

Os caminhos para a discussão do termo memória não são simples, posto que, ela perpassa vários entendimentos, assim também, como a informação. O uso do termo memória evoca seu significado como a capacidade de nosso cérebro de recordar fatos, eventos e informações.

Como observa Le Goff (2003, p.419) o sentido da memória deve ser compreendido como a “propriedade de conservar certas informações”. O autor afiança que isso nos remete, “em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p.419).

Desse modo, a memória seria então a responsável por guardar aquilo que vivenciamos e que se juntam a todo o momento às percepções vividas no presente, influenciando e criando nosso futuro. Desse modo, como assevera Capurro (2003), a memória retém as informações, mas como processo mental estaria antes na informação. O autor esclarece que conseguimos produzir informações, porque somos capazes antes, de armazená-las e processá-las em nossa mente.

O entendimento de Halbwachs (2004) sobre a memória, é que ela pode vista sob o ponto de vista do seu caráter social, e assim, é memória coletiva. O autor assevera que a memória individual é aquela que o indivíduo carrega consigo, mas como essa mesma memória passa pelos grupos, tornando lembranças em comum, é

também memória coletiva. Desse conjunto de lembranças comuns, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada indivíduo, pois cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva (HALBWACHS, 2004).

Para o autor este ponto de vista muda, conforme o lugar que o indivíduo ocupa e este lugar muda, segundo as relações que ele mantém com outros meios. A memória, seja ela definida na esfera individual ou coletiva, não deixa de fazer parte de um grupo, assim sendo, a memória é sempre coletiva. Entendemos que, assim, a recordação acontece em conjunto, mas nossas lembranças permanecem coletivas.

Como assegura Nora (1993), a memória coletiva é a que fica no passado, no vivido dos grupos. O autor considera a memória como um eterno presente, repleto de recordações, de lembranças que surgem de “um grupo que ela une” [...]. A memória “é por natureza, múltipla e desacelerada; coletiva; plural e individualizada” (NORA, 1993, p. 9).

Na esteira do entendimento do conceito da memória coletiva, proposto por Halbwachs (2004), Capurro (2003, p.184) argumenta que “a informação é um fenômeno social”, considerando a informação e a memória como produtos sociais e que emergem de grupos sociais.

Candau (2012) ao relacionar memória e identidade, observa que os termos possuem uma relação intrínseca, em que a primeira tem grande importância na construção da identidade do sujeito e do coletivo. Sem suas lembranças o sujeito não se reconhece, não existe.

Nesse caminho de entendimento, Pollak (1992, p.204) afirma que a memória é um elemento singular em relação à identidade de um indivíduo, sendo ainda “um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Para o autor as memórias reprimidas e os silêncios forçados, por mais estáveis e sólidos que as instituições e grupos sociais possam parecer, nenhum deles tem sua perenidade assegurada, pois sua memória:

Pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do

momento alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas. O passado longínquo pode então se tornar promessa de futuro e, às vezes, desafios lançados a ordem estabelecida (POLLAK, 1989, p.11).

Pollak (1989) chama atenção para os perigos do apagamento das memórias dos grupos de determinadas minorias sociais, mostrando preocupação com a ausência de ações que visem à reconstrução e preservação dessas memórias. Para o autor, ao se reconstruir certas histórias de vidas, reconstroem-se também identidades coletivas, o lugar social do indivíduo e sua teia de relações. Assim, ele aponta para os elementos da memória e para o fato de que a história é capaz de produzir novos temas, objetos e interpretações.

Buscamos até aqui apresentar referências na literatura, de como a informação e memória podem ser percebidas no contexto sociocultural e político de comunidades ou de um grupo. No próximo tópico dissertaremos sobre arquivo e a escrita se si.

3.2 ARQUIVO E ESCRITA DE SI: espaço de tradução do eu

A diferença entre arquivo público e arquivo privado é relevante para o entendimento conceitual de arquivo pessoal. A lei de arquivo, Lei nº 8.159/91, dispõe sobre a política nacional de arquivos conceituando e estabelecendo a diferença entre arquivo público e arquivo privado. No artigo 7º a lei define arquivos públicos como:

Os arquivos públicos são os conjuntos de documentos produzidos e recebidos, no exercício de suas atividades, por órgãos públicos de âmbito federal, estadual, do Distrito Federal e municipal em decorrência de suas funções administrativas, legislativas e judiciárias (BRASIL. Lei nº 8.159, 1991, art. 7º).

Todas as unidades da administração pública ao produzir os seus documentos geram arquivos nos quais deverão estar disponíveis para a pesquisa, já que são de caráter público. As instituições privadas que desempenham serviços públicos também produzirão arquivos de caráter público, com ressalvas previstas na Lei de acesso à informação nº 12.527/2011.

Já o artigo nº 11 da lei nº 8.159/91 conceitua arquivos privados como conjuntos de documentos oriundos de pessoas físicas ou jurídicas. Assis (2009), com base nessa lei, argumenta que Arquivos privados abarcam tanto os arquivos institucionais como os arquivos pessoais sem considerar as suas especificidades. E como uma categoria de arquivo privado, Assis (2009) considera-se os arquivos pessoais interpretados, incluindo as suas características que os distinguem dos demais. Para o autor, os documentos produzidos e acumulados em decorrência das atividades de uma pessoa são os que compõem um arquivo pessoal.

Para Assis (2009), o local de origem de produção não satisfaz plenamente a diferença entre arquivo público e arquivo privado. Por essa classificação, os documentos da administração pública seriam classificados como públicos e os acumulados por uma pessoa como pessoal (privado), conforme definido na Lei nº 8.159/91, reforça o autor.

Como assevera Assis (2009), há casos em que o limite dos documentos em ser privados e públicos é tênue e busca uma melhor definição para arquivo pessoal tendo como base a acumulação e produção de documentos: “é a pessoa, a partir de seus critérios e interesses, que funciona como eixo de sentido no processo de constituição de arquivo” (ASSIS, 2009, p. 45).

O titular acumula os seus documentos de acordo com as atividades que desempenha durante a sua vida e é na esfera privada que ele decidirá quais desses documentos irão compor o seu arquivo. O acervo se tornará público de acordo com valor que esse receberá posteriormente.

Pela vasta quantidade de documentos autobiográficos que os arquivos pessoais possuem, eles podem ser considerados como uma escrita de si, isto é, uma produção do eu (OLIVEIRA, 2018). Certamente não são todos os arquivos pessoais que podem ser considerados produções de si, somente por conter diversos documentos autobiográficos, assegura Oliveira (2018). Para a autora o que os caracteriza de tal modo é a forma de acumulação dos documentos neles contidos que, segundo Heymann (1997), podem demonstrar a intenção de seu titular de torná-los públicos.

Para Heymann (1997), o processo de acumulação e organização dos registros documentais presentes nos arquivos pessoais podem passar por diversos critérios, e também variar segundo avaliações táticas do tempo presente relativas a projetos significativos em algum período para o titular ou de suas posições sociais ocupadas. A exigência do arquivamento de si não possui apenas uma função ocasional. O sujeito deve manter seus arquivos de vida para ter sua identidade reconhecida, para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro e, sobretudo, existir no cotidiano (ARTIÉRES, 1998).

Para o autor, o titular ao escolher e ordenar alguns acontecimentos traça o sentido que deseja dar à sua vida, tanto considera que:

Arquivar a própria vida é se por no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIÉRES, 1998, p. 11).

Nesse sentido diríamos: uma espécie de “feitiço dos arquivos privados”. O termo “feitiço dos arquivos privados” é esclarecido por Gomes (1998) como um feitiço que se traduz por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público. Assim “ele revelaria seu produtor de forma que aí ele se mostraria, e o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros” (GOMES, 2004, p. 125).

Ao tratar da escrita de si a autora argumenta que:

Trata-se de um conjunto de ações, considerando desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita, como é o caso das autobiografias e os diários, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar coleções (GOMES, 2004, p.11).

Para Heymann (2005, p.41-42), o interesse dos pesquisadores pelos arquivos pessoais, parece repousar “na expectativa deste contato com a experiência de vida dos indivíduos cuja memória fica acessível aos que examinam sua papelada, vista

como repositório seguro dos registros de sua atuação, pensamento, preferências, pecados e virtudes”.

Bellotto (2004) assegura que os arquivos pessoais podem ser classificados de acordo com a natureza de sua produção. A primeira divisão ocorre entre arquivos pessoais e institucionais, ou arquivos de pessoas físicas e arquivos de pessoas jurídicas de direito privado. A autora assevera que na categoria pessoal estão incluídos os arquivos produzidos por pessoas físicas e por grupos familiares, criando uma categoria específica, como extensão do conceito de arquivo pessoal.

A denominação Arquivo Social, para se referir a arquivos de entidades organizadas para desenvolvimento de atividades em benefício de um grupo social qualquer, é utilizada por Bellotto (2004) incluindo neste conceito “associações de classe, entidades educacionais e beneficentes, entidades religiosas, culturais, entre outras possibilidades (BELLOTTO, 2004, p. 255).

São inúmeras as variáveis para reconhecimento de bens culturais como relevantes para a sociedade, assegura Heymann (1997). Para o autor, “Esse reconhecimento passa pela compreensão do valor daquele bem perante o grupo e também pela criação de mecanismos de preservação efetivos”. Este é um problema “difícil de resolver, mesmo para aqueles acervos cujas entidades estejam sob influência dos órgãos governamentais” (HEYMANN, 2005, p.3).

Bellotto (2004) entende que a preservação dos documentos privados é um problema complexo, e as questões de recolhimento, sonegação e destruição de papéis apresentam facetas mais complexas. Assim para a autora:

Quando se trata da área privada. Isto porque atos ligados aos deslocamentos de fundos, aos critérios de avaliação, à proibição de expurgo indiscriminado e de exportação podem ser determinados por leis municipais, estaduais e federais, com validade nas suas respectivas jurisdições, quando o que está em causa são documentos produzidos pelo poder público. No caso dos acervos privados é apenas a sensibilização, por persuasão, por especiais interesses e concessões que certos acervos podem ser resgatados para a pesquisa histórica (BELLOTTO, 2004, p.258).

Os arquivos de interesse público e social, a efetividade de qualquer processo de preservação estará sujeita ao desejo voluntário do titular em recolher estes documentos a uma instituição de custódia de arquivos permanentes e permitir o acesso público a eles. No caso da preservação de arquivos pessoais Bellotto (2004) destaca que somente um pequeno número desses arquivos tem sido preservado e tornado público e em muitos casos, os documentos desaparecem com o passar dos anos.

A preservação de arquivos, sejam eles pessoais ou institucionais, ainda demanda a criação de políticas públicas eletivas, de modo a torná-lo um espaço informacional que privilegie o aspecto físico, material e técnico atrelado ao conjunto de documentos que o compõem (RICOEUR, 2007). Para o autor, os fragmentos de memória presentes nos arquivos revelam-se como espaço privilegiado para pesquisas, possibilitando inúmeras descobertas e propostas de investigação.

Ricoeur (2007) entende que o lugar ocupado pelo arquivo é, ao mesmo tempo, um lugar físico e social. Físico por abrigar “uma espécie de rastro” documental, e social pela condição histórica a que se encontra abrigado. Como assegura Ricoeur (2007), da mesma forma que o documento o arquivo se insere num contexto muito específico que possibilita vislumbrar aquilo que, de alguma maneira, foi selecionado como documento importante de ser lembrado. Nesse sentido, Ricoeur (2007) observa que no arquivo se pode verificar o processo memorialístico, e destaca que “ele deixa de ser o repositório da memória coletiva e passa a ser visto como um lugar social, que guarda as memórias do passado inseridas nos documentos arquivados” (RICOEUR, 2007, p. 132).

Assim, os autores “ao preservar seus documentos pessoais e ordenar acontecimentos que balizaram sua vida, estabelecem seu lugar social” (OLIVEIRA, 2018, p.48-49), construindo a escrita de si. Para tanto, Oliveira (2018, p.49) assegura que “a força, mesmo que despretensiosa, de acumular seus documentos, coerentemente, parece almejar seu lugar [...], delimitando uma espécie de esboço autobiográfico de seu próprio fazer”.

Desse modo, como afiança Foucault (1992), a escrita de si empresta ao texto características do escrevente e fornece subsídios para que se possa associar o homem

à obra, possibilitando que se reconheçam no texto atributos inerentes ao seu autor como pessoa única e individual. Para o autor, “a escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva”, ou seja:

Adiciona-se à tradição que é perpetuada nas cadernetas a peculiaridade de seu uso, de suas rememorações, pois o olhar para o passado implica motivo e aprendizado próprios, de quem olha, de maneira a, finalmente, através da escrita e da leitura da mesma, formar a si próprio (FOUCAULT, 1992, p. 141).

Na esteira do pensamento de Foucault (1992) podemos entender que o papel da escrita é constituir um fundo, isto é, um conteúdo, com tudo o que a leitura constituiu. O fundo daquele que, “ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a verdade”. Assim, “a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em forças e em sangue” (FOUCAULT, 1992, p. 143).

Porém, Bellotto (2004) adverte que necessita de precaução devido a uma característica que define arquivo pessoal, a de que o seu acervo deve seguir a fronteira correspondente ao longo de suas vidas. Muitos documentos não são produtos das atividades pessoais da pessoa acumuladora de documentos, mas por alguma razão ela resolve guardar juntas certas tipologias (OLIVEIRA, 2018). Esses documentos por si só terão conotação específicas que darão significado a pessoa titular do acervo (ASSIS, 2009).

Desse modo, Oliveira (2018) ao adentrar em espaços inscritos no arquivo público pessoal de Simeão Leal percebe o retorno do vivido, do pensado, do imaginado, do visto, do falado, do experimentado. Como assegura Lejeune (2008), pensar no termo autobiografia sob a perspectiva arquivística é conceber “que uma pessoa faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular, a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p.14). Assim, cada arquivo pessoal tem, em sua acumulação, um sentido de imortalizar a vida de um indivíduo em todas as suas nuances (OLIVEIRA, 2018).

As referências teóricas até aqui apresentadas, nos permitiram transitar pelo mundo da informação e memória, do arquivo pessoal e a escrita se si, sem perder a rumo que orienta nossa pesquisa.

Na próxima seção trataremos dos movimentos sociais, vistos como ação coletiva de um grupo organizado, que busca alcançar mudanças sociais por meio do embate político, dentro de uma determinada sociedade e de um contexto específico. Como assevera Gohn (2013), nos movimentos sociais grupos de pessoas se reúnem com um interesse para lutar por um direito, por uma mudança social que desejam na sociedade ou para se posicionar contra uma mudança.

Para Castelo (2012), os grupos sociais existem com o objetivo de promover alterações na ordem social ou de chamar atenção de outros cidadãos e dos governos para uma situação insatisfatória ou injusta.

3.3 OS DIVERSOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL: um rápido revisitar

Sobre os movimentos sociais, é relevante compreender como e porque estes grupos políticos surgem, e ainda as conjunturas internacionais, nacionais, locais onde os mesmos se afirmam e as bandeiras de lutas que defendem.

De acordo com Tilly (2010), no século XVIII, na Europa Ocidental e na América do Norte as pessoas começaram a criar movimentos que, segundo o autor “envolvem a elaboração coletiva de reivindicações que alcançando sucesso, conflitariam com os interesses de outrem” (TILLY, 2010, p.20-21).

Para o referido autor, é o movimento social:

Um esforço público sustentado de elaboração de reivindicações coletivas direcionadas a determinadas autoridades (esforço que pode ser chamado de campanha); o emprego de combinações dentre as seguintes formas de ação política: criação de associações e coalizões para finalidades específicas, reuniões públicas, desfiles solenes, vigílias, comícios, demonstrações, iniciativas reivindicatórias [...] e panfletagem (esse conjunto variável de atividades pode ser chamado de repertório dos movimentos sociais) (TILLY, 2010, p.22).

Tilly (2010) argumenta que os movimentos sociais, embora organizados com esta nomenclatura, existem como representação da manifestação de grupos oprimidos contra seus opressores. Isto acontece desde que se tem registro das sociedades humanas, variando quanto aspecto de consciência política e discurso a

depender de cada sociedade e seu tempo, reforça Tilly (2010). Para o autor, o caráter ideológico desses movimentos tem fonte teórica diversificada, a depender do contexto social dos grupos organizados.

Com base na concepção expressa por Tilly (2010), tomamos como exemplo, a Teologia da Libertação que, segundo Andrade (2017), nasce no seio da cristandade católica apostólica romana, na América Latina. A própria bíblia, como livro sagrado, fundamenta o surgimento do movimento que faz opção pela luta em favor das pessoas empobrecidas e excluídas socialmente, tendo nas Pastorais Sociais, sua metodologia de atuação junto a esses grupos.

Andrade (2017, p.28) assegura que “a constituição dos movimentos sociais na forma coletiva de confronto, não significa que estes sejam sempre violentos ou extremistas”. Para o autor, a ação coletiva é o principal recurso, e muitas vezes “o único que as pessoas têm para lidar com adversários mais bem equipados. No entanto as ações de confronto diferem entre si quanto às formas de repressão e controle social empregado para combater os que se levantam [...]” (ANDRADE, 2017, p.28).

Corroborando, nossa intenção neste aspecto é de situar nosso protagonista e sua atuação nos movimentos sociais, sua militância como intelectual orgânico e ao mesmo, sujeito que produz informação sobre os movimentos sociais, sempre se preocupando com a salvaguarda da memória dos mesmos.

Para Andrade (2017, p.28), os organizadores de movimentos sociais sabem bem isso, tanto que: “Usam essa dinâmica para explorar oportunidades políticas, criar identidades coletivas, agrupar as pessoas nas organizações e mobilizá-las contra os adversários mais poderosos”.

Sobre o processo histórico dos movimentos sociais, encontramos aporte teórico, dentre outros autores já aqui citados, o trabalho de Andrade (2017) que versa sobre os movimentos sociais no Brasil e sobre sua gênese. Como descreve o autor:

Até os anos de 1990 as teorias dos movimentos sociais dividiram-se entre duas grandes vertentes. Uma nascida nos Estados Unidos será influenciada pela Escola de Chicago constituirá as Teorias da Mobilização de Recurso e Teoria dos Processos Políticos. Outra

nascida na Europa, influenciada pelo marxismo, será conhecida como Teoria dos Novos Movimentos Sociais (ANDRADE, 2017, p.29).

Mais adiante, Andrade (2017) assegura que estas duas vertentes compõem os dois paradigmas que marcaram o início do debate sobre os movimentos sociais, promovendo diálogos quanto as suas divergências e esforços de síntese. Para ele, a primeira é marcada pelo enfoque estratégico e a segunda, pelo enfoque identitário.

Dialogando com Melucci (2001) sobre conceituação e métodos de ação dos diversos movimentos sociais, o autor assegura que “um movimento social [como] é uma ação coletiva cuja orientação comporta solidariedade, manifesta um conflito e implica a ruptura dos limites de compatibilidade do sistema ao qual a ação se refere” (MELUCCI, 2001, p.15).

No Brasil, como afiança Castelo (2012), os movimentos sociais ganharam relevância a partir da década de 1960, quando surgiram os primeiros movimentos de luta contra a política vigente ou com as transformações ocorridas no campo econômico e social. A história dos movimentos sociais se mistura com a história do Brasil. Para Castelo (2012) alguns movimentos sociais podem durar apenas por algum tempo, pois foram formados por uma causa em especial; outros podem prolongar sua ação no tempo, pois tem atuação em uma área que reivindica muitos direitos.

Como destacam Scherer-Warren (1987) existem e existiram inúmeros movimentos sociais no país, desde A Inconfidência Mineira, passando pela Revolução Federalista que aconteceu no Sul do Brasil entre os anos de 1893 e 1895, a Revolta da Chibata no Rio de Janeiro no ano de 1900. Quanto ao Movimento Negro, mais especificamente, os autores dizem que este é o nome dado a diversos movimentos sociais que existem para combater o preconceito racial na sociedade.

Como observa Dagnino (1994), desde o período da escravidão no Brasil já existiam movimentos de resistência e de libertação do povo negro, porém a partir da década de 1970 o movimento se fortaleceu e conseguiu aumentar a atenção social por suas demandas. O autor considera que essa é uma situação comum aos movimentos para lutar por direitos referentes às minorias (DAGNINO, 1994).

Além dos movimentos sociais no Brasil, já citados aqui, existiram outros como: Movimento Indígena; Movimento Estudantil; Movimento das Diretas Já; Caras Pintadas, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), dentre outros, cada um com sua especificidade que não vem ao caso, detalharmos neste trabalho. Certamente, muitos dos movimentos sociais que existem hoje no país são motivados por desigualdades sociais e por falta de garantia de direitos.

A seguir, faremos uma reflexão sobre os movimentos sociais no Brasil contemporâneo, mais especificamente, na Paraíba, e a participação de Heliton Santana nos movimentos sociais.

Andrade (2017, p.29) ao dissertar sobre os movimentos sociais no Brasil, diz que a discussão identitária, nascida da corrente norte americana, “será mais difundida e repercutida naturalmente nos estudos das ações coletivas e de mobilizações sociais ocorridas no país, durante o processo de lutas de resistência à ditadura e redemocratização”. Segundo Andrade (2017), esta teoria vê nos novos movimentos sociais que se articulam para além da questão operária e camponesa, questões ligadas à moradia, ecologia, ao feminismo e negritude. Ainda de acordo com o autor:

Estes novos movimentos defendem inovações culturais na sociedade, atuam com uma ênfase anti-institucional, baseada na construção de uma auto identificação ou defesa de uma identidade específica, constituindo-se forças sociais que buscam mudar a estrutura da sociedade. Mais do que reivindicar interesses específicos, eles atuam sobre o mundo da cultura e das relações sociais buscando renovar as formas de vida coletiva (ANDRADE, 2017, p.29).

Sobre a discussão étnico-racial produzida dentro da academia, trouxemos alguns autores declarados negro para contribuir com o viés da militância dentro e fora do movimento negro, do qual Heliton Santana foi cofundador. Começamos por Amorim (2011) ao destacar o que ele pensa sobre o Movimento Negro Unificado (MNU):

Temos de considerar que o MNU não foi a primeira organização a conceber a importância de Palmares e Zumbi nesta dimensão. A Frente Negra Brasileira foi fundada em 16 de setembro de 1931,

tornou-se um partido político em 1936 e durou até a repressão getulista fechá-la em 1937. Foi a mais importante entidade de afro-descendentes na primeira metade do século, no campo sociopolítico [...] Outra importante experiência veio com a fundação, por Abdias Nascimento, do Teatro Experimental do Negro (1944-1968). Sua meta principal foi o resgate do legado cultural africano no Brasil através do teatro [...] (AMORIM, 2011, p.101-102).

Ainda sobre o processo de organização do MNU, Amorim (2011, p.103) realça que:

Mesmo que essa perspectiva já estivesse vinculada às lutas negras ao longo da República, é com a fundação do MNU, em 1978, que ela passa a ser debatida nos inúmeros estudos, e encontros. Debates que marcaram a trajetória dos organismos negros ao longo da década, a partir do que foi desenvolvido pelo já mencionado Grupo Palmares, de Porto Alegre, fundado em 1971.

Segundo o CDHOR em Panfleto Informativo Santa Rita, Heliton Santana foi um dos poucos dramaturgos negros no Brasil que trabalharam a questão da negritude através do teatro. Por sua participação e militância nos movimentos sociais, Heliton Social foi o vencedor do prêmio de personalidade do ano na luta por direitos humanos.

Na montagem e remontagem da peça Axé-Resistência Negra, a temática estava sempre presente nas peças teatrais, bem como em outras manifestações artísticas como poemas, cordéis, performances solo, documentários e em palestras frequentes para a comunidade em geral.

Na CI, Oliveira e Aquino (2002) publicam um artigo em uma revista sobre “O conceito de informação étnico-racial na Ciência da Informação”, trazendo uma contribuição etimológica e reflexiva sobre a produção de pesquisadores e pesquisadoras negras nas IES.

Nessa linha de pesquisa, Santana, Oliveira e Lima (2016) apresentaram trabalho que ficou registrado nos *Anais* do evento. Os autores trabalharam o contexto do nascimento do conceito de informação étnico-racial, no interior da Ciência da Informação. Eles esclarecem que, numa perspectiva coletiva:

A informação étnico-racial implica na construção de uma memória positiva que pode implicar na reconfiguração das estruturas cognitivas, que por sua vez pode diluir os conflitos entre *self* e ideal de *self*, promovendo a aceitação, orgulho e uma identidade fortalecida (SANTANA, OLIVEIRA, LIMA, 2016, p. 06).

No contexto das Ciências Sociais Aplicadas, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação, e Relações Étnico Raciais (NEPIERE)

Tem contribuído para os estudos sobre a população negra, na Pós-Graduação em Ciência da Informação e Graduação em Biblioteconomia e Arquivologia, enfocando o acesso, o uso e os efeitos da informação étnico-racial. O NEPIERE foi criado em 2009, está vinculado ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba com apoio do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, gerando trabalhos nas linhas de pesquisa: Informação, Memória e Sociedade (SANTANA, OLIVEIRA; LIMA, 2016, p.11).

A produção acadêmica que versa sobre a questão étnico-racial está presente em diversas áreas de estudo na UFPB e em diversas IES, nos variados departamentos como: Ciências Humanas, Educação Sociais Aplicadas, entre outros, a exemplo da Ciência da Informação, Ciências das Religiões, História, Ciências Sociais, Antropologia, dentre outras. Nesse sentido, podemos trazer à baila a aplicação da Lei 10.639, que segundo Rocha (2013, trata do direito à diferença e, sem dúvida:

É uma maneira de avançar no reconhecimento identitário de inúmeros sujeitos sociais que têm sido secundarizados na educação brasileira que ainda mantém uma visão de mundo etnocêntrica, na qual é destacada a perspectiva de uma cultura ocidental, baseada num sujeito do sexo masculino, branco, cristão e heterossexual, adulto, classe média e sem deficiência (ROCHA, 2013, p. 78-79).

A lei 10.639 é um marco na educação brasileira para o ensino de história africana e afro-brasileira, abrindo espaço e possibilidades para pesquisas e produção científica sobre essas temáticas. A partir de sua promulgação, há de se considerar um aumento significativo da produção no Brasil.

A militância de Heliton Santana nos movimentos sociais nunca foi totalmente autodidata. Heliton lia tudo que o despertava interesse. Sentia que precisa estar sempre bem informado, visto que trabalhava diretamente com informação relativa às

artes e a comunicação. Ministrava com frequência palestras e coordenava mesas redondas, oficinas, GTs, além de atender às comunidades. Tinha uma biblioteca com presença marcante de autores como: Augusto Boal, dramaturgo e ensaísta brasileiro, considerado uma das grandes figuras do teatro contemporâneo internacional; Paulo Freire, considerado um dos pensadores mais notáveis na educação brasileira, tendo influenciado o movimento chamado Pedagogia Crítica; Leonardo Boff, teólogo, escritor, filósofo e professor universitário brasileiro, expoente da teologia da libertação no Brasil e conhecido internacionalmente por sua defesa dos direitos dos pobres e excluídos; por fim, Frei Betto, um frade dominicano, jornalista graduado e escritor, entre outros que se preocupavam com a questão social.

A discussão da Organização do MNU e MNPB com contribuições do arquivo pessoal de Heliton Santana será retomada no quinto capítulo.

No próximo capítulo versamos sobre HELITON SANTANA: uma memória de si e coletiva entendendo, como Artières (1998, p. 11), que “arquivar a própria vida é pôr-se no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio e, nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

**4 HELITON SANTANA:
MEMÓRIA DE SI, MEMÓRIA COLETIVA**

4 HELITON SANTANA: MEMÓRIA DE SI, MEMÓRIA COLETIVA

*Coisa pequenina, centelha divina, renasceu das cinzas. Onde
foi ruína, pássaro ferido, hoje é paraíso. (Flávio Venturinni /
Jorge Versilo).*

Em consonância com alguns autores que tratam da memória, como Halbwachs (2004) e Assmann (2011), entre outros, asseguramos que rememorar o passado é reviver as tradições, as histórias; é permitir mostrar a competência específica da memória, a lembrança do passado; é disseminar e reproduzir as ideias pela memória, constituindo-se elementos de manutenção da vida social e do entrelaço de um tempo vivido.

Entendemos que a memória é composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas não lhe pertence somente; ela é concebida como propriedade de uma comunidade, um grupo (HALBWACHS, 2004). As lembranças, por sua vez, pertencem ao indivíduo e estão no indivíduo, mas isso não as torna únicas e individuais. Mesmo a lembrança mais particular remete a um grupo, a um contexto de interação (ASSMANN, 2011).

Para Halbwachs (2004) a memória ao mesmo tempo em que pode ser encontrada na consciência individual, dela independe e se origina de uma consciência coletiva, que ao estar em todos não está em lugar algum. Assim, na interação e no significado comum que as lembranças têm para o grupo é que se forma a memória coletiva, assevera Halbwachs (2004).

No caso de nosso protagonista, ao longo de sua vida de homem simples, público, político, militante em movimentos sociais, ele reuniu vários artefatos e os arquivou para compor a sua memória individual, como diria Oliveira (2018). Nesse caso, Oliveira (2018) assegura que os arquivos são instrumento de construção de uma memória de si e coletiva; um instrumento de transmissão da imagem de si construída pelo autor ou produtor do arquivo, ou seja, marcas de uma existência.

4.1 PELO OLHAR (E CORAÇÃO): Dulce Santana

Antes de explorar as características do arquivo de Heliton Santana, apresentamos a sua trajetória a partir da entrevista livre realizada com dona Dulce Santana, de 79 anos, única irmã viva de Heliton Santana. Uma entrevista que não foi fácil de ser realizada, fora adiada inúmeras vezes, por motivos diversos, o que nos fez pensar se não seria a dificuldade de dona Dulce Santana em falar sobre seu irmão mais novo, que ela chama carinhosamente de Leto. Após quase um ano de tentativas, fora então concretizada, começando-se pela origem da entrevistada e sua relação com Heliton Santana.

Como acontece em toda entrevista do tipo livre, e após o momento de adaptação, nossa entrevistada se dispôs a falar o que lhe vinha à memória sobre seus familiares, em particular seus pais, e sobre si mesma:

Nasci em Santa Rita, em casa, no dia 25 de março de 1940. Meu pai conheceu minha mãe em Tibiri Fábrica. Minha mãe trabalhava na fábrica e meu pai era motorista. Não sei se ele foi levar alguma coisa lá e a viu. Minha mãe morava num lugar de sítio, depois da linha do trem, lá descendo onde tem uma igrejinha velha, pro lado de cá, onde tem uma igrejinha velha, num sítio. Não era deles. Com meus avós, pai Luiz, eu cuidei dele, e ela Idalina, era dona de casa e ele acho que trabalhava na fábrica, porque todo mundo ali só trabalhava na fábrica. Minha mãe era Maria da Penha de Santana, ela nasceu em 6 de janeiro de 1911, sabia ler, estudou. Mãe tinha uma voz boa, bonita, ensinava os dever dos meninos que não era como agora, agora é mais difícil. Ela cantava em casa. Essas músicas antigas. Minha mãe cantava e dançava (risos). Era do tempo de rádio, ela dançava na cozinha e pegava a gente e dançava. Ela disse que no dia que foi casar ela estava grávida de João e na hora de assinar no cartório, o menino pulou na barriga. Ela foi casar na igreja e no civil pelo Monsenhor Rafael de Barros. (risos).

Sobre como seus pais se conheceram e, posteriormente o casamento, dona Dulce conta:

Mãe conheceu pai e casou. Meu pai morava em santo Amaro, do lado direito de quem vai para João Pessoa, onde hoje tem não sei o quê da polícia. Do lado de lá era um sítio do meu avô, pai João Joaquim de Santana e mãe Marica era Joana do Espírito Santo. Quando a gente estava de férias do colégio ia para lá, era uma maravilha. Era um sítio arrendado do engenho. Ele era agricultor. Era plantação de cana, de batata doce, de macaxeira, para revender. A gente só ia para matar a saudade.

A entrevista transcorria bem, respeitando-se os limites da entrevistada e seu esforço em trazer à memória o que ela julgava ser importante contar. Assim, Dona Dulce suspirou, esforçou-se para lembrar-se das coisas ocorridas, puxou o ar e continuou contando:

Meu pai era Severino Joaquim de Santana. Ele nasceu em 29 de junho de 1911. Ele não estudou. Ele era analfabeto. Uma presença que parecia que sabia ler. Não dizia uma palavra errada. De noite, quando ele tava com tempo a gente ia para mesa e eu dizia _ Pai venha aprender a ler, pelo menos seu nome, se não o senhor vai botar o dedo, fica feio. O senhor é muito bonito. Pai não cantava porque ele tinha vergonha. Ele assobiava a música todinha, você sabia a música todinha. Ele nem cantava e nem dançava. Eles namoraram pouco tempo porque ela logo engravidou e esse povo antigo quer logo mandar matar. A gente morava na rua Dom Eurico, que chamam a rua do Cercado. Meu tio Manoel da Penha tinha duas casas e deu uma a minha mãe. Eu nasci nessa casa, eu e João. O prefeito começou a medir lá, mãe disse, e a casa de mãe ia ser uma saída de avenida. Aí ele pagou o valor e botou abaixo e fez uma rua.

Com autoridade sobre o registro de suas lembranças, e confiança em suas recordações voltadas para um compromisso afetivo, dona Dulce falava sobre seus avós, do êxodo rural interno, dentro de Santa Rita, do falecimento de seu avô paterno além da aquisição da casa da família:

Aí meu avô, o pai de pai foi vender as coisas na praça de Bayeux e ele caiu do cavalo, morreu de infarto, ele tinha uns 47 anos. Ele era novo e bonito, igual a meu pai. Levaram ele para o Sandu, que antigamente era na rua da catedral, na General Osório (João Pessoa). Aí pai Joaquim morreu e mãe Marica não poderia ficar no sítio só, pai já casado, morava numa casa alugada. Olha que conversa visse ... Aí a vaca de mãe Marica engravidou e ninguém sabia, mas quando nasceu foi um casal e não morreu, ficaram bem grandinhos. Aí mãe Marica vendeu os dois bezerros, a vaca e dois cavalos e comprou a casa que a gente morava, com os animais que ela tinha na rua da Independência, número 38. A gente não pode esquecer aquele número não. Se eu tivesse dinheiro comprava aquela casa de volta, por que é uma lembrança.

Procuramos ouvir e registrar o que era falado, sendo este um instrumento de receber a memória da participante e um meio de transmitir suas lembranças. A narrativa girou em torno da família, do nascimento de Heliton, de sua infância, os

sinais de problemas renais, enfatizando que essa doença também tirou a vida de seu pai e quatro irmãos:

A gente se criou tudo ali, Leto (Heliton) nasceu naquela casa. Mãe tinha parto normal com parteira. Ele ficou como o último. Não lembro do parto por que a gente não podia chegar perto, só quando começava a dar banho. Ai eu fiquei encantada por que não tinha mais menino e eu disse _ Quem vai criar sou eu, aí um cria outro cria, todo mundo queria Leto. Leto pequenininho. Mãe avó morreu na casa, tinha 88 anos e deixou a casa para nós. Eu era casada, fui para o Rio. Aí ela me pediu que quando ela estivesse doente eu viesse cuidar dela por que só eu sabia vestir ela. Ela era da Ordem Franciscana, tinha aquela roupa que colocava aquele cordão [...] era muito trabalhoso, colocava um manto que ficava como uma freira. Aí eu vim do Rio e um mês ela morreu e eu voltei. Ela era muito católica, todo mundo lá em casa era. Meu pai tinha obrigação de todo domingo ir pra missa e levava todo mundo.

Continuando a escutar dona Dulce, pelo caráter evocativo por via da memória, ouviríamos outro tanto:

Na infância de Leto ele era um menino bom. Ele não gostava de palavrão. Os meninos do depósito de Teimoso quando ele chegava no depósito os meninos diziam que ele ia ser doutor porque tinha as unhas bem limpinhas, bem cortadinhas, só quem cortava era eu. Ele se penteava, se arrumava, não gostava de se sujar. Ele gostava demais de carnaval, ele quem puxava os blocos. Era porta estandarte. Os meninos diziam que parece que Heliton tinha alguma coisa porque ele não ficava no chão dançando frevo, parecia que flutuava. As pessoas diziam “ _ Rapaz, aproveite esse menino”. Ele era muito estudioso.

Sobre risos cautelosos, saudosos talvez, Dona Dulce nos contou uma curiosidade sobre a vida de Heliton Santana ainda na infância:

No dia em que eu casei, Leto foi embora comigo. Não teve lua de mel porque Leto estava na casa (Risos). Foi com uma mala desse tamanho, do tempo de dom Pedro e cipó pau. Eu engomei a roupinha dele, fiz a mala e ele dizendo que ia embora mais Duta. Meu marido era doido por ele. Depois ele voltou para casa de mãe. Leto vendia bisqui na feira, era camelô, todo mundo gostava dele. Ele não entendia que eu fosse embora, ele não queria que eu fosse embora.

Ouvindo dona Dulce falar, relacionamos às palavras de Assmann (2011) quando se refere que o que rege a atividade mnêmica é a função social exercida aqui

e agora pelo sujeito que lembra aproximando no mesmo espaço histórico e cultural a imagem lembrada. Assim, dona Dulce vai buscando na memória os fatos, e esboça certo prazer em contar o que se lembra:

Quando ele foi crescendo, um dia deu uma dor, a levou para o Sandu. Era bem pertinho, onde hoje é a rádio 100.5. Aí o médico disse que eram rins. Já era um rapaizinho (sic) já, com jeitinho de enxerido. Ele não era extravagante, ele não bebia. O negócio dele era dançar, era fazer teatro. Ele dizia que ia ser professor e mãe dizia que trabalhava demais e não ganhava dinheiro. Ele estudava para o vestibular. Aí o filho do dono da Cincera estudava com Heliton e disseram a Heliton que ele disse: “Mas rapaz, esse nego vai ser doutor?” Leto passou no vestibular e ele não passou. Leto raspou a cabeça, foi aquela confusão, foi bom demais, uma alegria, a gente chorou, foi uma alegria a cabeça dele raspada, tão bonitinha a cabeça dele tão bem feitinha. Pai comprou um lp, lá em casa tinha uma radiola que levantava a tampa assim pra lá e aqui passava ... assim ... Felicidade, passei no vestibular”. Aí ele dizia que não aguentava mais essa música, aí quando ele ia chegando pai dizia bota, pra gente rir (Risos).

Agora que dona Dulce relaxou os fios da tensão, percebemos que ela quer falar muitas coisas, lembrando-se de algumas naturalmente, de outras o esforço é nítido, misturando fatos e épocas. Assim ela relata que:

Heliton queria fazer enfermagem para trabalhar no manicômio judiciário porque ele tinha pena daquele povo. Não era nem o trabalho, ele queria fazer caridade. No dia em que ele casou, eu não fui para o casamento dele porque eu estava fazendo prova no Santa Emília de Rodat, era eu e ele da [área] saúde. Meus pais tinham muito orgulho dele. O único que não foi motorista, os outros tinham a profissão de pai. Meu pai tinha uma marinete, que é o que hoje é uma van. A gente era unido. Ele me chamava Duta. Ele dava aula particular para se manter na universidade e pai ajudava como podia, porque eram cinco filhos. Meu pai morreu em 1981, aos 71 anos, com problemas renais e todos os meus quatro irmãos também. Eu também tenho problemas renais. Mãe morreu em 1997 com 85 anos”.

Questionada sobre a influência de Dom José Maria Pires na vida de Heliton, dona Dulce responde:

Quando ele passava por Santa Rita, ele deixava banana, laranja que trazia do sítio. Aí ele dizia: “meu filho”. Minha mãe dizia: “Oxe, ele diz meu filho. Eu acho que se ele fosse embora ele levava ele (Heliton)”. Minha mãe tinha ciúmes de Heliton.

Dona Dulce falou também sobre o processo de doença de Heliton Santana e, conseqüentemente, de sua morte:

Eu cuidei dele, eu era tudo para ele, ele tinha que ter forças. O médico disse que ele só ficava bom se eu doasse o meu rin para ele, porque a gente tinha um amor entranhado, uma coisa muito séria porque eu sentia as coisas dele e ele sentia as minhas. Mas eu não podia porque eu nasci com três ureter [ureteres] de geração. O médico disse que se tirasse o meu rin, ele ficava bom e eu ia fazer hemodiálise, mas eu não me importava, tu acredita? Eu disse: homem faça, tire o meu rin e dê a ele. Eu queria que ele visse as meninas dele moças. E hoje eu sou doente por isso. Minha pressão é alta por sofrimento. A gente fez um combinado, eu e ele. Quando mãe adoecesse, a gente dava assistência. Mas quando mãe adoeceu ele já estava doente. Eu achava ele lento e saía com ele de braços e perguntava o que ele tinha e ele não sabia.

Em verdade, a mente de dona Dulce está carregada de lembranças. É com uma entonação mais saudosista que ela conta sobre esse passado familiar, que se constituiu depositário das suas recordações, e não se esforçou muito por preenchê-lo, tendo plena consciência de tudo que se passou:

Eu comecei a sonhar com ele doente. Uma noite eu sonhei com ele muito doente, eu me acordei assustada. No outro dia uma vizinha que morava de frente veio logo cedo e me avisou que ele iria se internar para começar a fazer hemodiálise, mas ele pediu para ela não contar a mim, ele tinha medo que eu morresse. Ele disse a mim que pediu a Deus que tirasse ele, mas não me tirasse. Eu disse, mas meu filho, por que você pediu isso? E se você morrer quem vai tomar conta de mim. Ele disse; “Eu vou morrer Dulce e você vai ficar” (Chorando). Eu fui visitar ele e disse que sonhei com ele doente, mas não foi um sonho, foi meu espírito. Eu entrei na casa dele, andei a casa todinha e vi Leto deitado, muito mal. Um dia antes da moça ter vindo me contar. Eu ia para São Paulo trabalhar, mas ele me pediu para não ir e eu fiquei para cuidar dele. Ele me chamou para morar com ele definitivamente e eu iria fazer isso (chorando).

Frente aos acontecimentos narrados por dona Dulce, intuímos que haveria para ela uma espécie de obrigação moral, a obrigação de lembrar-se dos fatos relacionados à vida de Heliton. Nesse sentido, matizamos a afirmação de Halbwachs (2004), que os graus de exigência da memória não são os mesmos em todas as circunstâncias, pois quem se ocupa menos em lembrar acaba exercendo menos a atividade da memória.

Parece que para dona Dulce a lembrança do passado é uma forma de alimentar o espírito. É uma forma de alimentar a própria vida. É a sua memória. Assim ela diz:

Olha, eu fazia qualquer coisa por Leto. Abaixo de Deus, era tudo [...]. Eu me sentia segura, eu tinha para onde ligar, uma pessoa para conversar. Uma vez o médico me chamou e me disse que o colocaria por duas horas para fazer hemodiálise, mas não sabia se ele sairia vivo. Aí eu voltei pra a cama e me ajoelhei no chão perto da cama dele e pedi a Jesus pela vida dele e um sinal. Daí, vi uma luz debaixo da cama e ele não morreu. Para mim ele foi um filho, um marido e um pai. Foi o pai dos meus filhos. Ele me ajudou criar e educar meus filhos.

Sabemos que as narrativas nunca são neutras. Elas envolvem saberes e reflexões, transitando por caminhos que trazem marcas de identidades, uma vez que são construídas nas relações e processos vividos. Desse modo, como assegura Delgado (2006) carregam potencial na produção de significados para o vivido. Para o autor:

Múltiplas variáveis, temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram a sua vida (DELGADO, 2006. p. 16).

Apesar da satisfação em falar sobre Heliton, dona Dulce já se mostrava cansada. Cansaço normal para quem buscou na lembrança algo presente na memória acumulada por décadas. São acontecimentos vividos e lembrados, nos quais se constroem uma ponte com o passado:

[...] Família é raiz. É a sua mãe, seu pai, seu pai, sua irmã. [...]. Se Jesus amanhã ... Hoje se você souber ... Sabe quem morreu? Dona Dulce. Só estava só esperando eu chegar lá, para tirar tudo de Heliton, eu vou satisfeita, porque eu não esperava viver a idade que estou.

A entrevista foi encerrada com um tom de dever cumprido, após tantas tentativas e desencontros. Mas nossa entrevistada disse estar muito satisfeita em

poder contribuir para a memória do irmão, que ela tem orgulho em dizer que era famoso.

No sentido de colher informação sobre Heliton Santana, além dos depoimentos obtidos nas entrevistas, buscamos saber mais sobre nosso protagonista, desenvolvendo uma espécie de biografia, porém sem a preocupação de traçar uma linearidade.

Foi em 04 de agosto de 1950 que nasce Antônio Heliton Santana, em Santa Rita, uma cidade localizada na Região Metropolitana de João Pessoa, onde prosperou a cultura da cana de açúcar. A cidade abriga um universo artístico, composto por atores; repentistas; músicos; dançarinos; coreógrafos; poetas; artesãos; cineastas; artistas plásticos, entre outros.

O menino, filho de seu Severino Joaquim de Santana, conhecido por “Burro Preto”, e dona Maria da Penha Santana, morava com os pais no antigo Bairro do Cercado, que passou a chamar-se Bairro da Liberdade. Seu pai era mecânico de automóveis e a mãe, dona de casa. Uma família de cinco irmãos, sendo quatro homens. Todos falecidos e uma única irmã, Dulce, ainda viva.

Heliton Santana participou ativamente da prática docente, dos movimentos sociais e culturais populares, tendo uma vida produtiva. Destacar sua participação nesses campos significa dar o justo reconhecimento a um homem que batalhou pela cultura na Paraíba.

Esse Santaritense quando criança estudou o curso primário no Colégio Estadual de Santa Rita, hoje Escola Estadual Antonio Teixeira, no Centro da cidade. Ingressou através do Exame de Admissão no ginásial aos 14 anos, no ano de 1965 ao de 1968 concluiu o 1 Ciclo e começou o segundo, o curso científico, que foi realizado no período de 1969 a 1971, ambos no Colégio Estadual de Santa Rita, hoje Escola Integral Cidadã Enéas Carvalho (**Ilustração 2**).

Ilustração 2 - Colégio Estadual de Santa Rita, hoje Escola Integral Cidadã Enéas Carvalho



Fonte: <http://br.infoaboutcompanies.com/Catalog/Para%C3%ADba/Santa-Rita/Escola/Col%C3%A9gio-Estadual-En%C3%A9as-Carvalho>.

Em 1971, Heliton Santana concluiu o ensino médio, sendo logo aprovado no curso de enfermagem da UFPB, depois se especializou em Penitencialismo. No período de estudante foi associado militante da Associação Universitária Santaritense (AUS). Iniciou aí sua vida pública, tendo-se constituído em figura ativa nos movimentos sociais.

Na esteira de pensamento de Certau (1994), podemos dizer que esse contato de Heliton Santana com os grupos forneceu diversos elementos que lhe serviram de inspiração, e por meio da militância ia construindo um lugar para si e uma tradição.

Essa tradição pode bem ser a metáfora necessária para sua vivência em movimentos sociais, vivida ou refletida do mesmo modo por todos os participantes, mas pode ser também, como afiança Alonso (2013, p.53), “uma forma de contestação à ordem, protagonizada por agentes sociais da estrutura dominante”.

Outro elemento fundamental na vida de nosso protagonista é a religiosidade, primeiro a religião católica, apreendida em casa e nas missas; depois a Umbanda e o Candomblé como simpatizante. Uma associação comum no espírito do nosso protagonista, reafirmando a importância das crenças em sua vida.

4.2 ENTRELAÇOS: Marta Santana

Em entrevista livre, Marta Santana diz sobre nosso protagonista, realçando que ele começou a trabalhar logo cedo, ainda aos 5 anos, porque queria ter dinheiro para ajudar a mãe. Juntava quengas de coco⁶ e as colocava em sacos que, com ajuda de pessoas mais velhas, vendia nas olarias onde se queimavam as quengas. Ele dizia que comprava *drops*, seu doce predileto, e biscoito “Brasiles”.

Ia ao cinema, seu lazer preferido. Foi uma criança trabalhadora, mas não perdeu o interesse pelos estudos, foi o único da família a se formar em um curso superior. Durante todos os seus ciclos escolares obteve boas notas, não tendo tido reprovação, e com frequência máxima de acordo com seus históricos escolares (Marta Santana, Entrevista livre, 2018).

Heliton Santana sabia que galgaria muito mais; que precisava alçar voos, por isso, trabalhava e estudava com afinco, buscando as oportunidades que a vida ia lhe oferecendo. Estudava, trabalhava e, aos poucos, se engajava em movimentos sociais, acreditando que esse engajamento pudesse favorecer a vida de muitas pessoas. Era ávido por justiça social, embora ainda não tivesse muita noção desse comprometimento, que tangenciaria sua vida inteira.

Sabemos que o histórico escolar pode representar toda história escolar de uma pessoa. No caso de Heliton Santana não foi diferente. O histórico escolar representa as instituições onde ele estudou, desde as primeiras letras, as vivências que teve as disciplinas estudadas e os resultados em forma de notas ou conceitos. Nesse entendimento de documento escolar, buscamos no arquivo de nosso protagonista as imagens e, fazendo um recorte trouxemos à baila o ano 1968, como se pode conferir nas ilustrações 3 e 4:

⁶ Vasilha feita de meio coco, depois de retirado o seu miolo. O conteúdo dessa vasilha é chamado de quengo.

Ilustração 3 e 4 – Histórico Escolar de Heliton Santana

Dobre aqui _____

Antônio Heliton de Santana
 Nome do Aluno
04-agosto-1950
 Data do Nascimento
Santa Rita
 Cidade
Paraíba
 Estado
Joaquim de Santana
 Nome do Pai
Marina da Silva Santana
 Nome da Mãe

Colégio Estadual de Santa Rita
 Exame de Admissão
 Estabelecimento que expediu o certificado
Santa Rita
 Cidade
Paraíba
 Estado

RESULTADOS

Português: *9,20*
 Geografia: *7,00*
 Média Geral: *7,50*

Aritmética: *4,00*
 História: *9,00*
 Média Geral: *05-12-1964*

Fonte: Arquivo Privado Pessoal Heliton Santana

Colégio Estadual de Santa Rita
 Nome do Estabelecimento

1.º CICLO

	Português	Matemática	Geografia	História	Trabalho	Desenho	Outros	Média
1.ª Série	<i>840</i>	<i>870</i>	<i>850</i>	<i>765</i>	<i>910</i>	<i>735</i>	<i>900</i>	<i>835</i>
2.ª Série	<i>891</i>	<i>866</i>	<i>815</i>	<i>900</i>	<i>958</i>	<i>833</i>	<i>877</i>	<i>877</i>
3.ª Série	<i>841</i>	<i>833</i>	<i>833</i>	<i>950</i>	<i>891</i>	<i>941</i>	<i>866</i>	<i>879</i>
4.ª Série	<i>925</i>	<i>900</i>	<i>808</i>	<i>966</i>	<i>933</i>	<i>933</i>	<i>914</i>	<i>914</i>

Nome do Estabelecimento: *Colégio Estadual de Santa Rita*
 Ano: *1965*
 Nome do Inspetor: _____

Nome do Estabelecimento: *Colégio Estadual de Santa Rita*
 Ano: *1966*
 Nome do Inspetor: _____

Nome do Estabelecimento: *Colégio Estadual de Santa Rita*
 Ano: *1967*
 Nome do Inspetor: _____

Nome do Estabelecimento: *Colégio Estadual de Santa Rita*
 Ano: *1968*
 Nome do Inspetor: *Rodrigo Alves da Silva*
 Diretor: *Manoel de S. S.* Secretário: _____

Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Em 1972, Heliton Santana atuou como docente no Ginásio Augusto dos Anjos em Santa Rita, ministrando aulas de artes. Nesta ocasião para festejar o aniversário do primeiro ano da instituição das freiras holandesas, ele montou o espetáculo “Brasil Caboclo” de Zé da Luz, que culminou com o nascimento do grupo TELL (Teatro Luiza Lacet que posteriormente virou Teatro, Luta e Libertação), extinto em 1989.

Foram 18 espetáculos, sendo um deles “Axé, Resistência Negra”, filmado pela BBC de Londres em Recife (1985). Em 1992, cria o Departamento de Teatro Popular, uma organização no Nordeste com D. José Maria Pires, Arcebispo da Paraíba. Ainda em 1992, cria o movimento de teatro popular e o Centro de Documentação Popular (CEDOP) (SANTANA, 1995, p. 6).

Conforme depoimento de Marta Santana, Heliton começou a trabalhar formalmente como professor de Educação Artística no Ginásio Augusto dos Anjos,

que funcionava no turno noturno no prédio da Escola Estadual Maria Honorina Santiago que (situado no Bairro Popular) era uma escola filantrópica, construída e mantida pelas Irmãs da Caridade da Mãe de Misericórdia (holandesas). O Ginásio Augusto dos Anjos era uma escola particular, dirigida pela PROFESSORA Maria Helena Carmélio, onde Marta estudou e foi aluna de Heliton, posteriormente, esposa. Após o convite que recebera de D. José Maria Pires, ele começou a trabalhar na Arquidiocese de Paraíba como coordenador do Zonal Várzea (animador e formador de comunidades da micro região da zona da Mata) em um projeto onde ele recebia um salário simbólico.

Em fins de 1971, ele prestou exames vestibulares para o curso de Enfermagem na UFPB e foi aprovado para o primeiro período de 1972, sendo sua matrícula de nº 7212042. Concluiu o curso em 1975.2, em oito períodos, sem perda de disciplinas ou trancamentos, tendo colado grau ainda no dia 20 de dezembro de 1975. Terminou o curso de enfermagem num momento de muita dificuldade financeira e nem pode comparecer aos eventos da formatura. Ele colou grau sozinho, posteriormente, na reitoria da UFPB, conforme relata Marta Santana em entrevista livre (2018).

Em 1976, fez uma Pós-Graduação em “Aperfeiçoamento em Penitenciário”, convênio entre o Governo do Estado da Paraíba e a Pró-Reitoria de Pós-Graduação (UFPB) pelo Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Ainda neste ano, ele recebeu o título de Especialista. Em seguida, fez concurso público para enfermeiro no Estado, passou e foi chamado para trabalhar no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, em 1979. O salário contribuiu para ele desse uma guinada na vida e a primeira coisa que ele fez foi ir a Mesbla⁷ comprar roupas: “comprou uma calça boca de sino⁸ lilás e uma camisa lilás com branco, relata Marta Santana em entrevista livre (2018).

Em 1976, fez uma Pós-Graduação em “Aperfeiçoamento em Penitenciário”, convênio entre o Governo do Estado da Paraíba e a PRPG-UFPB pelo Centro de Educação, revelando que a questão da identidade negra sempre esteve presente na

⁷ A Mesbla é uma loja de departamentos, veio para João Pessoa em início dos anos de 1980 permanecendo até 1999. Localizava-se no Parque Solón de Lucena e era o ponto alto da moda da capital, com arquitetura moderna para época de sua instalação com escadas rolantes num período que ainda não existia Shopping Center no estado.

⁸ Um tipo de calça que era moda nos anos de 1970/80.

sua vida. Voltando um pouco no tempo, quando seu pai lhe dava dinheiro para ir ao barbeiro cortar o cabelo ele se recusava, ou em protesto, raspava o cabelo. Tal rebeldia amenizou.

Quando ficou independente, trazia o cabelo sempre no modo *brack*⁹. Ele usava apenas duas roupas: calça jeans com uma camisa branca e uma bolsa de estopa, revezando as duas roupas, iguais, isso na década de 1980. Mas antes, na década de 1970, ele usava roupas com cores chocantes, contrariando a imposição social de que as pessoas negras teriam que usar um figurino discreto com cores móbidas e claras. Deparamos com essas memórias em vários escritos de Heliton Santana.

A construção dessas memórias nos ajudou a refletir e entender o arquivo de Heliton Santana como uma composição de documentos pessoais de cunho privado e público do titular, que representa sua própria trajetória (OLIVEIRA, 2018). Como explica Oliveira (2018), são materiais acumulados durante toda a sua vida, sob a resolução construtiva da memória de si coerentemente integrada a esses documentos.

Não é possível ancorar as representações do passado somente em relatos orais, é preciso manter a marca da autenticidade para legitimar tais sentidos. Há, como aponta Pollak (1992), um trabalho constante de “enquadramento da memória”. É preciso escolher o que vai ser lembrado e o que deve ser esquecido, pois “as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (POLLAK, 1992, p. 204). O autor insiste no aspecto de construção da memória como uma estratégia de agentes e agências sociais para ancorar identidades, pois há, segundo Pollak (1992, p.204), uma “ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”.

A vida de Heliton Santana segue no ritmo agitado, parecendo não querer perder tempo tanto na vida laborativa como na vida amorosa. Assim, a vida vai tecendo os caminhos, foi então que Marta e Heliton se conheceram, namoraram dois anos seguidos, e quando ele foi aprovado no concurso público do Estado da Paraíba, decidiram casar-se.

⁹ O corte *black power* é um clássico para os cabelos crespos por valorizar o volume desse cabelo.

Em 1980, a paróquia de Santa Rita construiu no Alto das Populares o Centro comunitário João Paulo II e a comunidade decidiu que eles seriam os primeiros moradores da casa, anexa ao Cento Comunitário na condição de funcionários da paróquia.

Heliton Santana nasceu em Santa Rita; Marta Lúcia das Chagas em Alagoa Grande – PB, no dia 24 de julho de 1958, devido à falta de um hospital maternidade na cidade de seus pais, Sertãozinho. Marta é filha de Maria Romana e José Bernardo.

Essa família de agricultores mudou-se para Santa Rita, tendo comprado uma casa à rua Monte Castelo no Bairro da Santa Cruz. O pai era um comerciante bem sucedido no centro da cidade, tendo uma sapataria e um restaurante, e sua mãe, dona de casa.

Dona Maria Romana era médium umbandista, iniciada com Mãe Maria Grande, de Cruz das Armas em João Pessoa. Dona Maria fazia consultas espirituais em casa e cuidava das pessoas. A educação de Marta foi de grande responsabilidade de sua mãe e avós maternos: dona Joana (Nana) e seu Manuel (Mononé) que tiveram vida longa.

Marta ainda criança conheceu as Irmãs da Caridade da Mãe de Misericórdia que vieram da Holanda para o Brasil e se instalaram em Santa Rita, na rua Nossa Senhora do Carmo e José Paulino, próximas a casa de Marta. Irmã Cecília e Irmã Leta convidaram Marta para participar do Movimento Amigo das Crianças (MAC), que, posteriormente, virou Movimento de Adolescentes e Crianças, nascido na Ilha do Maruim em Olinda em 1968. Ela passou pelo MAC, foi aluna e depois foi catequista, acompanhante do MAC, como funcionária e coordenadora. De sua militância ali, ela teve a oportunidade de viajar todo país em encontros nacionais, também em encontro mundiais, tanto que foi a África do Sul e a Zâmbia como representante do movimento no Brasil.

De acordo com Marta Santana, em entrevista livre, quando Heliton e ela anunciaram o entrelaço matrimonial, coincidiu com o término da construção do Centro Comunitário João Paulo II no Bairro Popular de Santa Rita, conhecido por Alto das Populares devido ficar na parte alta da cidade. O centro foi uma realização do então pároco Padre Paulo Koellen, adepto da Teologia da Libertação, visando ser

um espaço para fomentar a formação eclesial de crianças, adolescentes e jovens na perspectiva de uma igreja comprometida com a causa dos mais necessitados, uma igreja engajada

Padre Paulo junto ao conselho paroquial convidou o futuro casal (Marta e Heliton) para morarem na casa do Centro na condição de funcionários da paróquia como animadores comunitários. Logo, o casal decidiu inaugurar o espaço com as festividades de seu casamento.

O evento aconteceu no dia 18 de outubro de 1980, entre os horários das 9 às 14 h, sendo um evento cultural. A liturgia fora organizada pelo casal e realizada pelo arcebispo da Paraíba, Dom José Maria Pires, com uma estimativa de 350 convidados, entre familiares, amigos, artistas, militantes das pastorais e pessoas da comunidade religiosa, onde cada convidado levaria alimentos regionais para serem partilhados em um almoço.

Os noivos dispensaram pajem ou dama de honra, preferiram um cortejo afro-indígena com pessoas amigas, vestindo indumentárias brancas e de estampas floridas conduzindo-os ao altar. Dentre as músicas, cantava-se uma que o Padre Reginaldo Veloso, do Recife, fez para Marta, chamada de “Samba Nega” e a música Afro-Ameríndia que Heliton Santana compôs para ela, musicadas por Ronildo Ramalho, que também fazia parte do TELL. Esta música foi ensaiada e cantada pelos jovens na cerimônia ao som de atabaques. Segue a letra:

Tuas raízes ameríndias me fascinam
 Ta taba ainda escuta o teu gemido
 A correr pelas matas no mundo afora
 Para se livrar do estrangeiro inimigo
 Tuas raízes africanas me encantam
 Tuas raízes africanas me encantam
 Da senzala ainda escuto o teu gemido
 A correr para formar quilombos
 E se livrar do estrangeiro inimigo
 Cinco séculos de luta
 De combate em defesa
 De tribos e quilombos diferentes.

(Arquivo Pessoal de Heliton Santana).

A liturgia do casamento fugiu dos padrões tradicionais de casamentos cristãos, especificamente de tradição católica, em pleno início da década de 1980. O casal, com roupas brancas e pés descalços, a noiva sem véu e maquiagem recitava poemas bíblicos, extraídos do livro Cântico dos Cânticos e simulavam cenas teatrais onde se perdiam na multidão de convidados. Heliton recitava um trecho e Marta respondia até se encontrarem diante do Arcebispo Dom José Maria Pires. A festa foi comemorada com músicas do folclore e do cancionário da MPB. Teve um momento em que as pessoas dançaram o toré, uma dança típica das tribos indígenas da Baía da Traição. O evento foi tema dos mais diversos comentários, devido ao seu caráter transgressor e inovador.

Ilustração 5: Casamento de Heliton e Marta Santana



Fonte: Arquivo Privado Pessoal de Heliton Santana.

A vida conjugal de Heliton e Marta Santana foi marcada por companheirismo, bastante trabalho coletivo e pouco lazer. As turnês do grupo de teatro ocupavam os fins de semana, e durante a semana estavam envolvidos em atividades pastorais diversas. As filhas Andila e Caiala nasceram e cresceram em meio a essa

rotatividade, além de crescerem vivenciando as lutas nos movimentos sociais. Marta, assim como Heliton viajou muito. Ela fez parte da coordenação nacional do MAC, passando a realizar trabalhos em todo país, assim como em outros países e continentes.

Marta Santana relata que viajou para África do Sul, em pleno período do apartheid¹⁰. Momento delicado politicamente, e ela disse poder sentir na pele o racismo, em um momento festivo no evento vizinhos do local de cor branca ligaram para polícia por se sentirem incomodados com os tambores e, implicitamente, a cor da sua pele, lembrando que foi o regime do apartheid que retirou os direitos dos negros e deu privilégios aos brancos, minoria naquele país.

Ao se lembrar de Heliton, Marta afirma que cem anos de sua vida não dariam para contar tudo que tem na memória, da sua relação de amor e cumplicidade. Assim se expressa dizendo:

De amor do mais profundo que possa existir. Daqueles que ultrapassam a tudo, a tudo que superam, que perdoam rapidamente, que deixam as coisas que não têm tanta importância para lá e que pensam o quanto viver junto é bom. O quanto estar feliz é bom e o quanto todos esses anos a gente brincou com a situação. A gente levou muito na esportiva. Muita coisa que a gente viveu, eu, ele e as meninas. E agora quando eu tive um câncer, meu maior espelho foi Heliton. Ele foi o grande homem da minha vida, em todos os sentidos. No momento de ser marido, foi marido, de ser amante, foi amante, de ser irmão, foi irmão, de ser pai, foi pai, de ser filho, foi filho. Eu acho que a gente passou por tudo que um casal pode passar. Eu não tenho nenhum arrependimento na vida. Tudo que a gente viveu era por que precisava ser daquele jeito (Marta Santana, Entrevista livre, 2018).

Marta conta que Heliton era muito discreto em sua vida pessoal e, por isso, D. José o chamou e sugeriu ordená-lo padre, para assumir uma paróquia, sem precisar passar pelo processo de formação de seminarista, uma vez que Heliton já era um animador pastoral nato. Mas, em um encontro entre Marta, Heliton e D. José Maria, este brincou com ela dizendo: “ah! É você que vai me roubar o padre?” Marta disse

¹⁰ Apartheid é uma palavra do idioma africânder que significa separação. O termo apartheid se refere a uma política racial implantada na África do Sul. De acordo com esse regime, a minoria branca, os únicos com direito a voto, detinha todo poder político e econômico no país, enquanto a imensa maioria negra restava a obrigação de obedecer rigorosamente à legislação separatista. Informações disponíveis em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/apartheid.htm>. Acesso em 28 de ago. 2019.

que D. José tinha um sentimento paterno por Heliton e se referia a ele como a um filho, e que Heliton algumas vezes o chamava de “meu pai”. A relação de D. José com Marta passou a ser de sogro e nora.

Embora tudo pareça conspirar contrariamente, Marta Santana afirma que foi no espírito de luta que ela mais fortaleceu sua fé e sua crença na vida. Através da arte no teatro popular, ela pode viajar para Itália e Bélgica na Campanha da Fraternidade em 1998 com o tema A “MULHER É O TRUNFO”, sendo ela uma das animadoras, foi em missão de arrecadar dinheiro para a manutenção de projetos sociais de instituições como: MAC, CEDOP e CPT.

Ela conta que trabalhou no INCRA como educadora social e que esta oportunidade partiu de um convite feito a Heliton, mas sua saúde já não lhe permitia participar, ela então abraçou a causa. Trabalhou por alguns anos nos assentamentos em Sapé, um município brasileiro do estado da Paraíba, localizado na Região Geográfica de João Pessoa, e Cruz do Espírito Santo, localizado na Região Metropolitana da capital.

Pelos relatos de Marta, percebemos que ela soube levar toda experiência acumulada ao longo de sua militância no MAC, no Movimento de Teatro Popular, no Grupo de Amigos, Grupo de Mulheres de Santa Rita e Pastoral de Juventude do Meio Popular.

Sobre sua história com Heliton, Marta Santana recorrendo à memória relata:

Eu conheci Heliton numa peça de teatro. Eu fui para o cinema e quando cheguei ao cinema São João de Santa Rita, o porteiro disse que não teria cinema, que seria teatro [...] Era Heliton, dona Luizinha (Luiza Lacet), que era minha professora de português, fazendo teatro. E ele apresentou um texto que se chamou “Um grito de um louco de guerra”. Era tão estranho aquilo para mim, eu com 12, 13 anos, mas eu achei bonito aquele rapaz interpretando aquela coisa, aquele teatro que eu nunca tinha visto. Depois o reencontrei no Colégio Augusto dos Anjos; ele era o meu professor de Educação Artística, já cursando o ginásio. (Marta Santana, Entrevista livre, 2018).

Sobre ter filhos, Marta disse que era um desejo antigo do casal. Uma opção. Esperaram por Andila 7 anos. E no dia 9 de setembro de 1988, às 11:30 horas, ela nos chegou com seus 3 quilos 850 gramas e 48 centímetros. Que moça! Nem preciso dizer da nossa felicidade que se expressa assim:

Daletu manoel índio /dale que te harábien, / encontrarás el
caminho/como ayeryolo encuentre.
Daletu manoel índio, / dale que te harábien, / te mojará el sudor
santo /de la lucha e eldeber (DANIEL VIGLIETTI).

Das solidariedades aos irmãos índios, vale também o nome da nossa filha
Andila:

Ô mãe, ô mãe,
Nossa mãe abre teu colo generoso
Parir, gerar, criar e provar nosso destino valoroso.
São donas de casas, professoras, bailarinas,
Moças, operárias, prostitutas, meninas,
lá do breu das brumas vem chegando a bandeira.
Saúda e pede passagem a mulher brasileira
(JOYCE).

Que Andila seja o que lhe fizer feliz, diz Marta. Porém que seja solidária à sua
raça, à sua classe sem se fechar neles. Que ela possa contribuir com a luta libertária
das mulheres de todos os tempos. Como na música de Violeta Parra, não lhe faltaram
companheiras e tantas guerreiras-meninas:

Yo tengo tantos Hermanos /que no los puedo contar /
en lavalles, lamontã na /cada cual com sus trabajos
con sus sueños cada qual/ com la esperanza adelante
com los recuerdos atrás /yo tengo tantos Hermanos
que los puedo contar (A. YUPANQUI).

Marta acredita que Andila nasceu na perspectiva da saudade das tribos e dos
quilombos, o Paraíso Perdido a ser restaurado e alimentado pela Nicarágua: É o
presente que pedimos a Deus, que se pode expressar assim: *“Upa neguinho na estrada /
Upa pra lá e pra cá Virgem que coisa mais linda / Upa neguinho começando a andar... Cresce
neguinho e me abraça / Cresce e me ensina a cantar”*.¹¹

E, complementa, dizendo que, como pais, se esforçam para educar Andila:

*Como negra, porém na liberdade, para justiça, a igualdade e a fraternidade,
respeitando as suas faixas etárias. Cabe-nos ajudá-la a encontrar as chaves*

¹¹ Música de Edu Lobo e Gianfrancesco Guarnieri.

das portas do mundo. Mas, por enquanto, Duerme, duerme negritohist
(YUPANQUI).

A gestação da segunda filha, Caiala Nahahy aconteceu de forma inusitada, quando de um encontro de Marta e Heliton com um índio que afirmou ao casal que eles teriam uma segunda criança e que seria uma menina, sugerindo o nome de Nahahy. Segundo Marta Santana, ainda naquela noite ela engravidou num momento de muito amor e desejo de gestarem uma segunda criança.

O nome de Caiala é um misto das culturas iorubás e tupi guarani, sendo Caiala uma qualidade do orixá Iyemanjá, fruto da simpatia de Heliton e Marta pelas culturas afro-ameríndias, como seguem trechos da carta que fizeram para recepcionar a filha quando do seu nascimento em 26 de agosto de 1994:

“Navegando na memória
dos nossos antepassados
ela emergiu do porão
do navio negreiro.
Vestindo-se com o Atlântico
acolheu,
num abraço maternal,
aqueles que se jogaram ao mar
em busca de liberdade
como acolhe
as nossas oferendas
de filhos na diáspora.
[...]
De tanto respeito
pelas nossas raízes culturais,
de tanta admiração pelo mar,
não pode ser outro o nome de nossa filha,
senão Caiala
[...]
Nahahy
deusa morena

dos índios que também somos
 Caiala Nahahy
 Um abraços fraterno de culturas oprimidas”
 (Arquivo Pessoal de Heliton Santana)

Os relatos de Marta Santana sobre a luta de seu marido pela vida reforçam nossa consciência de que a finitude da vida corporal sempre gerou no homem angústias e reflexões. Esse tema permanece sorrateiro em nosso cotidiano, permeando nossa existência desde o momento em que nos deparamos com a realidade daquilo que é inexorável, isto é, a morte.

Acreditamos que a morte se desvela como perda. Como diria Heidegger (2012), uma perda experimentada pelos que ficam. Para o autor, “os sofrimentos não podem ser considerados separadamente das realizações humanas, pois eles nos auxiliam na compreensão da existência” (HEIDEGGER, 2012, p. 313). Portanto, como observa o filósofo, a morte é algo que o homem ainda não assimilou como natural e da qual não é possível se esquivar, acontece, inexoravelmente.

Após o falecimento de Heliton, Marta diz não esperar mais madrugadas intermináveis, angustiantes, sofridas, porque simplesmente ele já foi. Teve de ser assim: “foi faca amolada” o tempo todo; “o brilho cego de paixão e fé”.

Reconhecemos que guardar as memórias é dotar-se de um conhecimento sobre o passado, e isso confere ao seu portador autoridade, possibilidades de apropriação do passado pela via do presente. Neste sentido, parece pertinente pensar as estratégias de armazenamento e esquecimento do passado, como assegura Assmann (2011). Como consta na fala de Marta Santana, o que ela guardou e armazenou é, portanto, o que quis lembrar, pois o não mais lembrado tende ao esquecimento.

4.3 “UM BRILHO CEGO DE PAIXÃO E FÉ: faca amolada”

Heliton Santana em seu processo criativo apropriava-se, didaticamente, das letras de músicas de cancioneros da Música Popular Brasileira (MPB) para se

expressar em textos teatrais, em cena, ora cantando ora interpretando com a voz e o corpo, de cinema e mesmo como inspiração para as artes visuais. Com um considerável acervo de fitas e vinil (Lps)¹², ele acumulou décadas de produção de discos de artistas diversos. A música “Fé cega, faca amolada” - composição de Ronaldo Bastos e Milton Nascimento e interpretada por artistas diversos, como o próprio Milton Nascimento, Elis Regina e os Doces Bárbaros - fez parte dessa apropriação.

Ele lutou pela vida. Vitimado por problemas renais crônicos, hereditários, perdendo o pai, os três irmãos, e sua única irmã, Dulce Santana (ainda viva), que também tem problemas renais. Sobre o processo inicial da doença de Heliton, Marta relata:

Ele sentiu os sintomas da doença quando estava com Salete da Pastoral do Índio numa feira de saúde, mas, mesmo antes, na Itália, ele estava com pressão alta, mesmo assim optou por tomar vinhos. Na fitoterapia ele foi tomando chás, sucos e não descobriu o problema. Sentia muita sede, a pressão subindo cada vez mais, mas a preocupação com o coletivo o retardava a procurar um médico para fazer exames. (Marta Santana, Entrevista livre, 2018).

No dia do desfile do bloco Cafuçu, em João Pessoa, no ano 1998, ele sentiu muitas dores, mesmo assim desfilou nesse bloco, aponta Marta.

Em 4 de março desse mesmo ano Marta Santana viajou para a Bélgica, dessa vez com um monólogo chamado “Damas da Vida”, para arrecadar fundos das instituições estrangeiras para a manutenção do MAC, CEDOP e da CPT.

Logo em seguida a viagem, Heliton fez os exames e descobriu que os rins estavam paralisados há dois anos. A médica queria interná-lo de imediato, pois corria o risco de entrar em coma a qualquer momento. Mas ele reagiu contrariamente, argumentando que não poderia ficar enquanto não conseguisse alguém para cuidar de suas filhas, visto que sua esposa estava viajando. Preocupada, ela pensou em voltar, mas Heliton Santana pediu para ela colocar toda dor que estava sentindo para fora no momento em que entrasse em cena, principalmente

¹² O disco de vinil, conhecido Long Play (LP), é uma mídia desenvolvida fins da década de 1940 para a reprodução musical.

quando fosse encenar “o trator que destruía as plantações de trabalhadores e trabalhadoras nos assentamentos da Comissão Pastoral da Terra (CTP)”.

Na Bélgica, ela representou o Brasil como mulher nordestina junto a uma mulher do Haiti e outra do Equador. Marta Santana revelou que algumas pessoas na Bélgica ofereciam jantar para que ela contasse a sua história e sua união com Heliton.

No ano de 1998, a Escola Estadual Enéas Carvalho, a qual Heliton estudou, realizava a SEMANA CULTURAL HELITON SANTANA em parceria com o NUDOC/UFPB e o comércio local. Nesse evento, Heliton Santana realizou uma palestra sendo ovacionado por centenas de pessoas da comunidade escolar. Foi uma pequena palestra, sem texto, de modo espontâneo, onde Heliton narrou sua trajetória de vida, doença e enfrentamento das dificuldades.

Por época desse evento, o médico conversou com Heliton e o comunicou que poderia ter poucos meses de vida devido ao agravamento da doença, descoberta tardiamente. Contrariando as expectativas, ele ainda viveu 16 anos após essa notícia, inclusive tendo feito o transplante renal por um doador de 26 anos, que veio a óbito em acidente automobilístico.

Durante todo o processo de descoberta, tratamento, transplante e passagem de Heliton Santana, houve muito sofrimento por parte dele, da família e de pessoas amigas. Ele, que sempre foi contrário à privatização da saúde e lutava pelo direito ao Serviço Único de Saúde (SUS) com qualidade, precisou fazer urgente um plano de saúde para poder fazer o tratamento, visto que seu estado se agravava. O Instituto Nacional de Serviço Social (INSS) de imediato exigiu seu afastamento e aposentadoria por invalidez, o que, segundo Marta Santana, foi um choque para ele, que se recusou a deixar de trabalhar, contestando no INSS, mas esta decisão era irrevogável.

No texto intitulado “Doença e fé” (**Ilustração 5**) Heliton Santana escreveu suas memórias, com ênfase em seu sentimento sobre o processo da doença a qual foi acometido. Segue texto na íntegra:

Ilustração 6 - Doença e fé: texto original

Santa Rita, 15 de dezembro de 1998

DOENÇA E FÉ

Desde que foi definido o meu diagnóstico (Insuficiência Renal) que questiono-me diante da minha fé. Porque fui escolhido por Deus para contrair essa enfermidade? O que Deus quer fazer comigo por intermédio da doença?

Não tenho nenhuma formação superior a nível de fé, porém vou tentar responder as questões levantadas a partir da minha vivência.

Quem me conhece sabe que estou sempre disponível para servir. Sou capaz de tocar todos os instrumentos para garantir o concerto da banda, contanto que não se prejudique a caminhada do povo. Esse exercício constante desenvolveu em mim uma auto-suficiência.

Partindo do princípio de que tudo acontece segundo a vontade de Deus, acredito que esta doença é uma oportunidade para me reeducar. Necessito do outro de várias maneiras: do seu sangue para poder viver, do seu apoio para poder caminhar, das suas mãos e dos seus olhos para poder expressar os meus pensamentos. Para mim, estas deficiências são os meios que Deus me arranjou para eu me reconhecer apenas como parte de um todo, como relativo.

Sendo auto-suficiente, então eu me sentia poderoso e forte. A doença, por sua vez, revelou a minha fragilidade e a certeza de que eu sou comum, igual a todos: gemo de sofrimento, choro de angústia, questiono a minha fé. Por outro lado, não consigo viver sem rezar, sem a intimidade com Deus, que só a oração pode nos trazer.

Esta fragilidade me faz pedir a Deus: muita fé, mais paciência e mais capacidade para perceber a sua presença libertadora mesmo em meio ao sofrimento. A ação de Deus também é visível na minha recuperação. De um mês para outro, todas as minhas taxas subiram, inclusive superando os índices previstos pela medicina.

As expressões de solidariedade (cartas, telefonemas, visitas, serviços e levantamento de fundos), que tem motivado e mobilizado tanta gente, constituem mais que uma prova da Ação de Deus. Eu sou apenas o instrumento.

Dizendo isto, não quero fazer uma apologia à doença, mas reconhecer que é possível, na medida do possível, aprender com a dor.

Antônio Héilton de Santana

Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Heliton Santana tinha um salário considerável, devido ao cargo de chefia que ocupava no CEDOP. Aposentando-se, tinha plena consciência das perdas salariais, significativas, dificultando sua manutenção de vida, sobretudo o tratamento de hemodiálise, caro, e todo aparato ambulatorial que se fez necessário montar em sua casa. Diante da situação posta, Marta conta que Dom José Maria Pires se deslocou de

Belo Horizonte, vendeu um bem imóvel e doou a renda para Heliton Santana, a fim de contribuir financeiramente nesse processo tão doloroso de nosso protagonista. Também contribuíram financeiramente nesta causa Dom Marcelo Cavalheira¹³, Luiz Zadra e Irmã Laeta complementaram para a providência (INSS) para Heliton não ter perdas na aposentadoria.

Devido ao afastamento do CEDOP e por não poder mais contar financeiramente com a instituição, tendo que se aposentar e pagar um plano de saúde, caro, por conta de sua idade, as pessoas amigas começaram a se mobilizar para levantar fundos para sua cirurgia. Houve dois grandes eventos festivos, dentre inúmeras mobilizações, incluindo pessoas que fizeram doações e pediram para não serem divulgadas.

Segundo Marta, a comunidade de Santa Rita (a comunidade do Santuário Santa Rita de Cássia) organizou um evento no Clube Santa Cruz de Santa Rita no Centro da cidade, com uma feijoada, feita pelo próprio padre, ocasião em que os ingressos foram esgotados imediatamente. Cantaram músicas de Almir Santana¹⁴, de Ceíça Farias¹⁵ e de Vera Lima (Verinha)¹⁶. As pessoas queriam muito ajudar, e faziam o que podiam. Heliton Santana, em seus melhores momentos artísticos, gostava de

¹³ Quinto dos dezesseis filhos de Álvaro Pinto Carvalheira e Maria Tereza Mendonça Carvalheira. Entrou no Seminário Arquidiocesano de Olinda, em 1944. Cursou Filosofia e a Teologia, concluindo estes estudos em 1956. Passou seus últimos anos no Mosteiro de São Bento, em Olinda, Pernambuco, quando, em 25 de março de 2017, veio a falecer. Durante o regime militar no Brasil, defendeu os líderes católicos perseguidos, sendo ele mesmo, preso e torturado. Foi nomeado bispo auxiliar da Paraíba, recebendo a sé titular de Bitilho, que abrangia 25 cidades. Em 9 de novembro de 1981, aos 53 anos, foi designado bispo e depois Arcebispo da Arquidiocese da Paraíba, que exerceu até 5 de maio de 2004. Como bispo e arcebispo, foi membro da Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB Nacional (1987-1991 e 1995-1998), responsável pelo setor Leigos e CEBs; Vice-Presidente da CNBB Nacional (1998 a 2004). Participou do Sínodo dos Bispos sobre os Leigos e da Quarta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Santo Domingo. Foi delegado à Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a América por eleição da Assembléia da CNBB e confirmado pelo Papa João Paulo II (1997).

¹⁴ O “Paraíba Cantador”, nascido em Santa Rita (PB), é cantor e compositor. Disponível em: https://www.suamusica.com.br/zenildo_zlf/almir-santana-e-grupo-dethalhes. Acesso em: 29 de ago, 2019.

¹⁵ Cantora e compositora nascida em Santa Rita, gravou dois cd’s e morou por muito tempo em Porto Velho -Rondônia, onde ampliou sua carreira.

¹⁶ A cantora e arte-educadora Vera Lima é a idealizadora da iniciativa do Projeto leva música e literatura de cordel a zona rural.

Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura. Acesso em: 29 de ago., 2019.

fazer uma parceria em forma de shows e não apenas receber o dinheiro como contribuição.

O segundo evento foi um grande show no “Forrock”, com diversas parcerias, onde a comunidade de Santa Rita doou um ônibus para as pessoas da Paróquia, poder se deslocar. Este show foi organizado por João Balula¹⁷ e Verônica Oliveira (Vevé).¹⁸ Neste show, Dom Marcelo Cavalheira apareceu de surpresa e fez uma fala de agradecimento. Participaram também: Pedro Osmar, Paulo Ró, Diana Miranda, Adeildo Vieira, Milton Dornelas, Cátia de França, Escurinho, que também fez um show no Mosteiro São Bento para arrecadar fundos para Heliton, e participação especial de Chico Cesar¹⁹, entre outros.

Ilustração 7:- Encerramento do show solidário para Heliton com Chico Cesar.



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

De acordo com Marta Santana, Chico Cesar e Pedro Osmar faziam show em sua casa em Santa Rita (no Centro Comunitário João Paulo II). Pedro Osmar queria doar um rim, mas como não era compatível sugeriu que fizessem um show para angariar fundos, e, assim, poder ajudar o amigo.

Marc, um artista plástico da Bélgica, fez uma doação de telas para ajudar, e as pessoas compravam e pagavam como contribuição. Era a solidariedade e arte juntas.

¹⁷ João Balula (*In memoriam*) foi um militante do MN- PB e amigo de Heliton Santana.

¹⁸ Verônica (Vevé) é educadora e militante social.

¹⁹ Artistas do Canto e compositores da Música Popular na Paraíba.

Na tarde do show no Forrock, Heliton e Chico Cesar se encontraram à tarde, no Mosteiro São Bento. Marta conta que eles lembraram quando Chico cantava “Garrafa e meia garrafa” de Duda Fialho.

Como Heliton Santana tinha “um brilho cego de paixão e fé” pela vida, não aceitou sua limitação imposta pela doença e foi à luta. Durante o processo do tratamento ele percebeu o quanto as pessoas da Paraíba sofriam com a falta de uma política de transplantes de órgãos, tendo que se deslocar para Recife ou para o Sudeste do país. Heliton pensou em rever a própria legislação referente a estes processos.

Ele começou a conversar com outras pessoas que faziam hemodiálise, diálise e que estavam em filas homéricas à espera de uma doação de rins, e morriam sem nem ter tido a oportunidade do transplante. Não demorou nascer a primeira organização do segmento de transplantes no estado: *Associação de Pacientes Renais e Transplantados do Estado da Paraíba*, sendo Heliton Santana fundador junto ao Sebastião Moraes e Etan Miranda. Heliton foi eleito por aclamação como primeiro presidente e reeleito em segundo mandato, por unanimidade.

Marta assevera que eles conseguiram muitas coisas e todo sofrimento, toda dor, dificuldade de caminhar, no momento em que Heliton Santana percebeu que mesmo com a doença ele ainda poderia fazer algo pelo coletivo, foi quando abraçou a associação por inteiro, entregando-se de corpo e alma. Ainda foi a uma reunião em Campina Grande, Paraíba, e conversou com outras associações. Nesse sentido, Marta Santana relata:

Ele bancava as xérox etc porque a associação não tinha recurso algum. Eles conseguiram que os renais entrassem pela porta dianteira, uma luta muito grande pelos ônibus com acesso a pessoas com dificuldade de mobilidade. Ele deu muitas entrevistas ... 5 horas da manhã ele estava ligando para as rádios para dizer que os medicamentos estava demorando a chegar. As injeções eram caríssimas e ninguém podia comprar (Marta Santana, Entrevista livre, 2018).

A associação desenvolveu um trabalho muito ativo por políticas públicas, principalmente para organizar o processo de organização e acesso a informação de pacientes que esperavam na fila pela realização de transplante. Heliton Santana logo

passou a ser requisitado em eventos diversos que tratassem sobre o tema: nas universidades, hospitais e concedeu muitas entrevistas aos jornais e televisão locais falando sobre as ações da Associação dos Transplantados. Participou de seminários e resultado destas discussões coletivas, começou a fomentar a criação de uma Associação de Transplantados Geral do Estado da Paraíba, mas não deu tempo! A morte é implacável.

Em ofício nº 412/2006, a Central de Transplante da Paraíba, localizada no Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, em João Pessoa, escreve para Heliton Santana e lhe oferta um diploma (**Ilustração 6**):

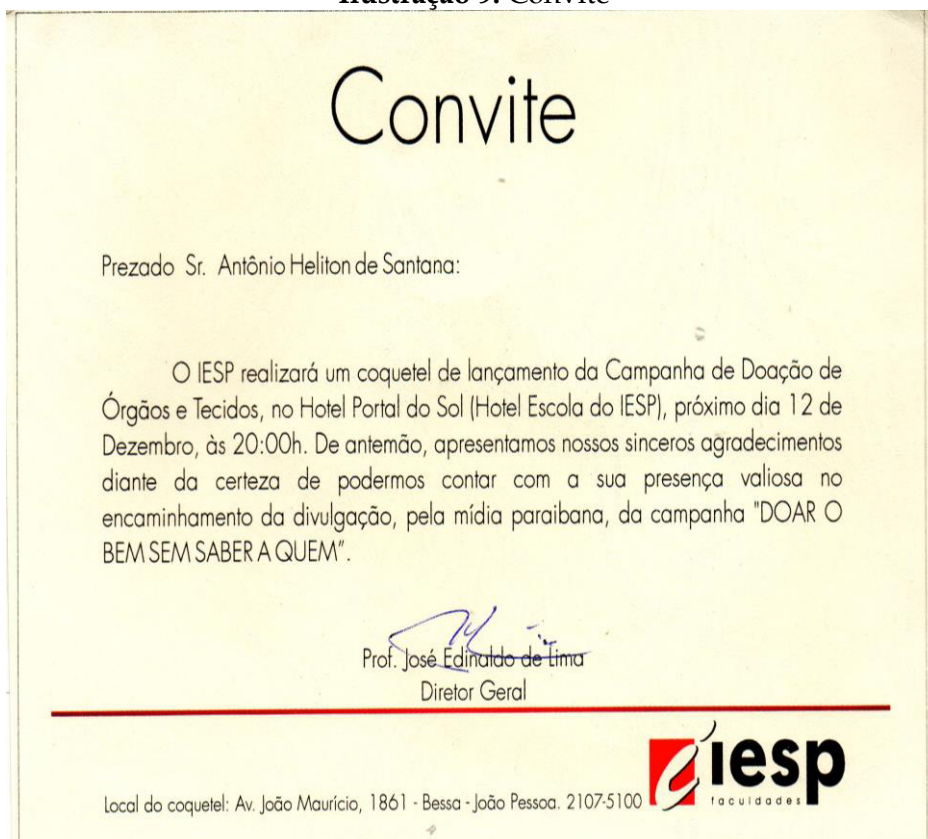
Ilustríssimo Senhor,
A Central de Transplante da Paraíba agradece a sua valorosa participação no curso de formação de Coordenadores Intra-hospitalares de Doação de Órgãos e Tecidos para transplante sem a qual não teríamos atingido o objetivo almejado (Arquivo Pessoal Heliton Santana, 2018).

Ilustração 8 - Diploma



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Em seguida, Heliton Santana recebe o convite da Faculdade Instituto de Ensino Superior da Paraíba (IESP) de João Pessoa, como se pode conferir na ilustração 9:

Ilustração 9: Convite

Fonte: Arquivo Pessoal Heliton Santana.

Antes de Heliton Santana fazer o transplante renal ele estava fazendo diálise e, como aponta Marta, este foi um dos momentos mais difíceis para ele, porque era feito o procedimento a cada quatro horas e não podia sair de casa. *“Foram cinco anos sem ele poder sair de casa”*. O quarto do casal se transformou num quarto de hospital, cheirava a álcool; eles quase não dormiam.

Segundo Marta, quando ela voltou da Bélgica, os médicos chamaram-na e disseram que Heliton teria só dois meses de vida. Nesse momento, ela deixou os médicos e foi onde estava seu marido e disse-lhe que ele não poderia morrer, tinham duas filhas para criar. E ele respondeu dizendo que ainda tinha muita coisa para fazer.

Nessa troca de crença e compromisso mútuo, Marta disse que ele ainda viveu 13 anos depois que os médicos deram esse diagnóstico: *“Ele teria vivido mais, mas ele viveu o que ele quis”*.

Marta relata que seu marido chegou uma noite em casa todo feliz, foi para o banheiro, se barbeou cantando. Ela pediu para ele vir jantar, mas ele, numa tranquilidade, disse que não iria jantar naquela noite porque iria fazer o transplante. A médica ligou dizendo que ele fosse logo porque o órgão para ser transplantado estava chegando. Era de um rapaz de Lagoa Seca, de 21 anos que teve morte cerebral após um acidente automobilístico. Tempos depois, Marta e Heliton conheceram a mãe do rapaz num São João de Campina Grande e a mãe dele ficou muito emocionada nesse encontro.

Ainda que após a cirurgia, feita no Hospital São Vicente, Heliton teve uma “tuberculose renal” e tinha que tomar medicamentos. Em cada quinhentas pessoas, uma tinha reação ao medicamento. E ele teve. Ele tomou trezentos comprimidos e teve neurite periférica, perdendo a sensibilidade nas pernas. Um quadro de muito sofrimento. Segue o depoimento de Marta Santana:

Quando ele estava com dificuldade em andar foi o período em que ele mais andou. Ele fez tudo o que queria fazer. Eu sofri muito nos últimos anos, com medo do que pudesse acontecer com ele. Não usava telefone. Demorou muito a aceitar usar celular e se a gente dissesse a ele que em casa ele viveria mais dois meses e se saísse, só dois dias, ele preferia os dois dias com intensidade (Entrevista livre, 2018).

O desejo “de ser ativista até o fim de sua vida foi mais forte, ele tinha que cumprir, e cumpriu”, assevera Marta Santana. Fechando essa etapa de nossa entrevista, ela ressalta que Heliton se voltava para mudanças sociais ou políticas na Paraíba trabalhando em defesa, propagação e manifestação pública de ideias e práticas.

4.3 PERCURSOS: Andila e Caiala

De acordo com relatos de Andila Nahusi, filha de Heliton e Marta, até os oito anos ela teve uma infância muito tranquila em relação ao seu pai, no que se refere à saúde. A partir dos nove anos de idade, ela começou a presenciar as complicações que já se avizinhavam:

A rotina de ficar com medo da perda do pai, uma pessoa que você ama muito fica aquele medo constante. Ele não tinha a consciência do limite do corpo dele. Minha mãe, querendo cuidar dele e ele querendo cuidar do mundo. Eu disse: mãe, não adianta, ele só é feliz assim. Desde a adolescência dele ele viveu para a militância e não será a doença renal que iria fazê-lo parar (Andila Nahusi. Entrevista livre, 2018).

Sobre a discriminação que sofria sua irmã Caiala, por causa do seu nome, Andila relata:

Eu me lembro de uma situação que Caiala sofria bullying por causa do nome dela na escola, ele foi falar com Tia Penhinha (da Escola Dom Bosco em Santa Rita), ele não foi a escola reclamar, mas ele preparou uma aula sobre a etimologia dos nomes dela e dos outros meninos, sobre as escolhas dos nomes e aplicou na turma de Caiala (Andila Nahusi, Entrevista livre, 2018).

Desde a infância, Andila disse que sempre esteve perto das minorias e sabia que sua família era diferente. Reconhecia a importância e a força que seus pais exerciam nas pessoas, só não tinha noção do reconhecimento da população de Santa Rita:

Das pastorais, uma importância para tanta gente, como uma pessoa que só ajudou tanta gente. Depois da morte vimos o reconhecimento. Tinha muita coisa que ele gostaria de ver, como o fundo municipal (de Cultural), mas ele não viu (Andila Nahusi. Entrevista livre, 2018).

No que se refere à fé, Andila conta que elas sempre foram ensinadas a cultivá-la.

A minha memória de ir à igreja muito nova, era tudo muito triste. Eu não gostava dos santos, de ver Jesus crucificado, do olhar de Maria, era tudo muito de relacionar Deus ao medo. Eu lembro que quando eu tinha 9 anos meu pai me levou a um Candomblé numa festa de Iansã em Mãe Renilda e foi a primeira vez que eu me senti em casa. Trabalhando a minha fé sem nem trabalhar. Eu só fui entender isso muito tempo depois (Entrevista livre, 2018).

Heliton e Marta Santana acolhiam qualquer tipo de crença; respeitavam todas as religiões e as acolhiam. Andila conta que em casa não havia cobrança, por isso mesmo não sentiam, ela e a irmã, necessidade no batismo na igreja católica porque não via relação direta:

Mas aí, quando conheci o padre Luiz Zadra, o pensamento mudou, e o MAC também me trouxe muita coisa do evangelho, e aí eu fui estreitando mais a minha relação; aí eu e Caiala decidimos nos batizar, fazer um batismo diferente. Como Padre Luiz não podia nos batizar na igreja porque ele já não era mais padre, aí veio a ideia de fazer o batismo num rio, e nós fomos catequizadas em casa. Eu sabia que não tinha aquilo em casa nenhuma, porque quando falávamos em catequese com as pessoas elas diziam que era tão chato. Mas eu adorava, era um momento de estar com minha família. Mainha e painho faziam uma leitura, ajudavam a gente a interpretar a leitura, aí a gente desenhava o que entendeu. Era brincadeira, era leitura, tinha procissão com nós quatro (Andila Nahusi. Entrevista livre, 2018).

Sobre o dia do batismo e o ritual praticado, Andila conta que eles saíram bem cedo. Chegando ao local que se daria o batismo:

Minha madrinha fez uma fala sobre a importância do batismo na vida das pessoas. Mainha e painho também fizeram uma fala, e padre Luiz também. Todo mundo de branco; todo mundo entrou no rio. De cabelos soltos, aí ele colocou a gente, usou duas cuias que eram usadas na peça “De grão em grão” e que a personagem de mainha usava para pegar a água quando ela ia falar que o riacho estava secando. Ele usou esta mesma cuia. A gente não mergulhou, ele molhou nossas cabeças (Andila Nahusi. Entrevista livre, 2018).

Nessa passagem descrita acima, Andila narra sobre o ritual do batismo, deixando transparecer que não se tratava de um batismo dentro dos padrões praticados na igreja católica, apesar de ter sido presidido pelo padre Luiz. Mesmo assim, Andila diz que eles se percebem portadores da palavra de Cristo, voltados, quem sabe, para este princípio: “Ide, pois, fazei que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28,19-20).

Ilustração 10 - Batismo de Andila e Caiala



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Ao indagarmos sobre a concepção que tem do MAC, Andila Nahusi conta que entrou no Movimento, bem pequena e adorava, estava sempre acompanhada de seus pais.

Eu comecei como acompanhante a partir dos 12 anos. Participei de grupos de maracatus, de grupos de danças afro. Meu Pai, eu acho que ele era a tradução mesmo do orixá dele. Mãe Renilda²⁰ falou certa vez que ele era filho de Xangô Ayrá. Era inquieto com as injustiças e não conseguia ficar parado frente a isso. Ao mesmo tempo ele era muito calmo. Ele era um militante totalmente amoroso, era muito pai. Era de acolher, de ouvir ... Ele não era uma pessoa dentro de casa e outra no trabalho. Ele era a mesma pessoa ... Ele não era da violência, ele era do diálogo, sempre foi aberto a qualquer tipo de conversa. Ele era uma pessoa muito forte! (Andila Nahusi. Entrevista livre, 2018).

Nesta compreensão, podemos dizer que não somente os adolescentes e as crianças, mas também os acompanhantes participavam de tudo que as crianças gostavam de fazer e, aos poucos, iam juntos descobrindo habilidades e os grupos se formavam de acordo com interesses comuns. Para Albuquerque (2009), o MAC se

²⁰ Mãe Renilda Bezerra de Albuquerque (Doné Renilda de Oxossi). Nascida em João Pessoa e iniciada nas Religiões Tradicionais de Matriz Africana desde 1969. Mulher negra, que enfrenta desafios diariamente; mulher política desde 1972, defendendo as Políticas Públicas e a Inclusão Social. Filiada Fundadora da FICAB-PB. Sócia e Fundadora da Cruzada Federativa de Umbanda; militante atuante do Movimento Negro do Estado da Paraíba, tendo sido Vice-Presidente e assumido em 2008 a Presidência do mesmo.

desenvolveu a partir de um contexto sociopolítico, entrelaçando-se aos movimentos sociais, religiosos e populares. Na concepção do autor, o MAC é uma organização social composta por:

Crianças, adolescentes e acompanhantes – jovens e adultos que dinamizam os grupos de base, objetivando a valorização e a promoção das crianças como sujeitos sociais. Neste sentido, o MAC se define como um movimento educativo que possibilita às crianças e aos adolescentes o desenvolvimento de uma consciência crítica do mundo, para que se tornem sujeitos históricos, capazes de contribuir para a transformação da sociedade (ALBUQUERQUE, 2009, p. 14).

O MAC celebrou em 2018, 50 anos de vida no Brasil. Inicia-se na década de 1960, no período da ditadura civil militar, e vai se tornando um espaço para o trabalho da Educação Popular. Como esclarece Albuquerque (2009), trata-se de um Movimento de Educação, Evangelização e Organização de crianças e de adolescentes voltado para consciência crítica dos participantes no âmbito político, econômico e social. Pelo Projeto do MAC, a inclusão social de adolescentes e crianças se dá pela arte e cultura, e o movimento não se prescindia dos acontecimentos populares de sua realidade. Heliton Santana parecia acreditar na capacidade de participação da criança e do adolescente além de crer que nessa perspectiva surgem comprometimentos com a solidariedade, com a ajuda mútua e com a convivência social, como se pode verificar observando a **ilustração 11**:

Ilustração 11: Heliton e o MAC em sua casa



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Andila e Caiala esboçam a crença de que o MAC as ensinou a viver a igualdade, respeitando as diferenças e partilhando experiências. Elas afirmam que o que elas aprendiam no movimento era posto em prática, no convívio familiar.

Não se vive apenas de boas lembranças. Das experiências vividas ao lado do pai, Caiala, a filha mais nova do casal disse que só se recorda de seu pai doente, e assim se manifesta:

Fazer hemodiálise para mim era normal, eu não o conheci com saúde. Ele era da militância e da solidariedade; ele pensava muito nos outros. E ele cobrava isso de todos que estivessem ao seu redor (Caiala Nahaly, Entrevista, 2018).

Heliton Santana militou pelas causas sociais até o fim de sua vida. Após o transplante, um grupo de pessoas amigas organizou um show em ação de graças, pela vida de Heliton, do qual fez parte com recital poético, chamado “Gracias a la vida”, título retirado do poema de Violeta Parra, como canção interpretada por Mercedes Sosa e cantada, ao final do show, por sua filha Andila. Guardo lembranças de que cada artista presente se juntou no palco com o homenageado, e assim o show se encerra com a platéia cantando e dançando: “O que é o que é” de Gonzaguinha, tal como nas apresentações do teatro popular. Foram instantes de muita emoção, a

começar pela criação do folder, em que se utiliza da música da artista chilena Violeta Parra²¹ para compor a capa (**Ilustração 12 e 13**).

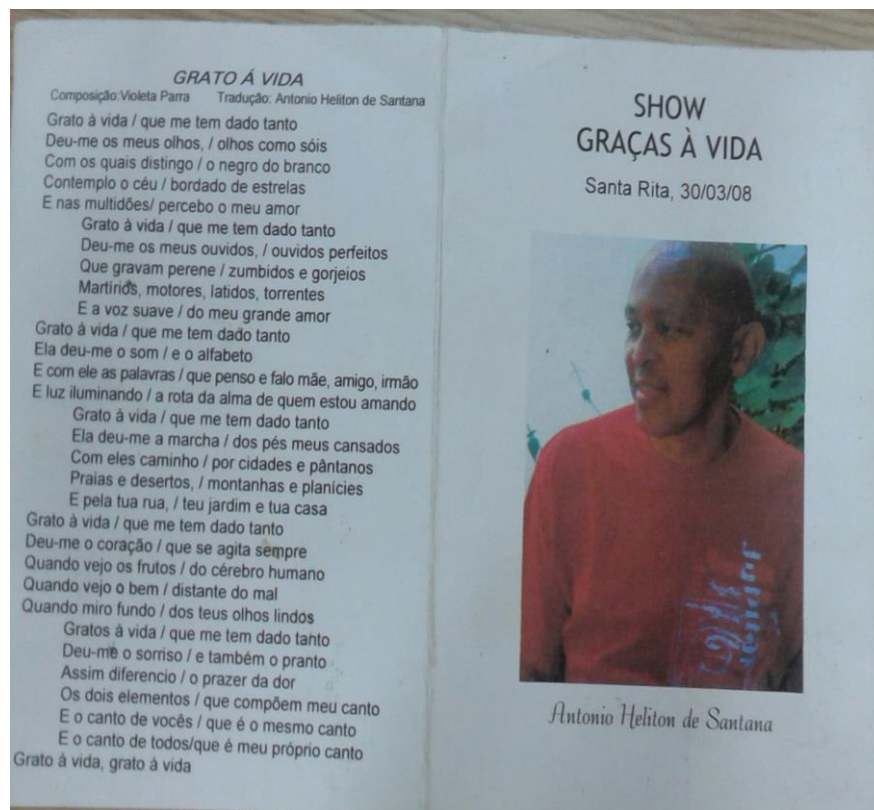
Não foi por acaso a escolha da música “Gracias a la vida”, pois se tratar de uma criação dirigida à luta social, em meio a uma incompreensão oficial de todo o seu trabalho, daí também a referência, em algumas de suas canções, ao problema da burocracia.

Heliton Santana acreditava que a obrigação de cada artista é colocar o seu poder criador a serviço das pessoas. Profundamente influenciado pelas lutas sociais não só no Brasil, mas em toda América Latina, ele realizava peças teatrais ganhando popularidade. Ele acreditava que através da música e do teatro se poderia entoar hinos de liberdade no contexto da resistência à ditadura, marcando profundamente essa passagem no movimento brasileiro. Parte da sua vida foi dedicada e dirigida à luta social.

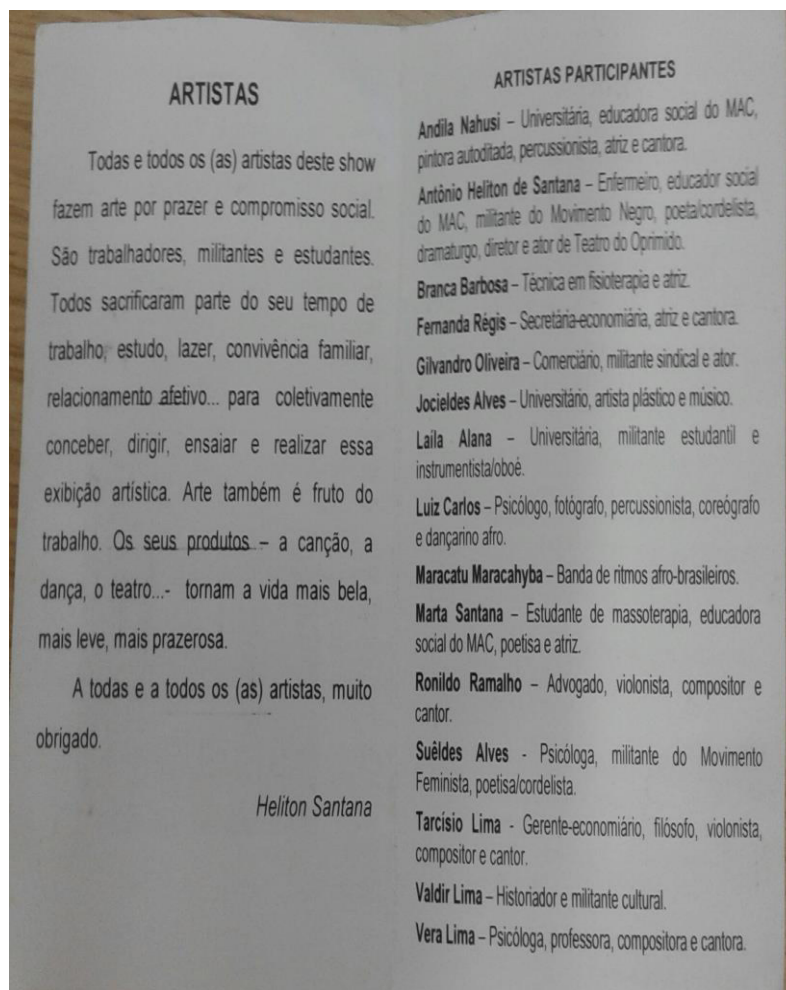
Devemos esclarecer que Heliton Santana não se destacou nas artes literárias, até porque, não tinha a pretensão de se tornar um escritor. Era no palco que ele procurava mostrar os processos de lutas aos quais estava engajado. Ele ressaltava o valor à vida, ao trabalho e à luta dos povos afro-descendentes e indígenas. Visualizar essa realidade através das canções, das peças teatrais, muitas delas compostas por si mesmo, era um renovar a esperança. Era uma forma de mostrar que a arte pode revolver multidões em luta por justiça.

²¹ Com a sua voz e a sua guitarra Violeta Parra, considerada a mais importante folclorista e fundadora da música popular chilena, mergulhou a canção-testemunho e a canção popular da América do Sul numa mistura de revolta. Em 1973, ela já se tinha suicidado, mas as suas canções participaram (pela voz de outros) na denúncia do terror do golpe de estado e da ditadura de Pinochet no Chile. Inspirou muitos músicos e combatentes da América Latina, deu ânimo a outras vozes para se exprimirem em liberdade e se revoltarem também, gritarem a urgência de outra sociedade. A canção-revolta é contagiante. Manuel Diniz Silva e Pedro Rodrigues (musicólogos). “O som contagioso da revolta [“a revolução é prá já”?], no artigo ‘O tempo das cerejas – algumas anotações sobre Música e revolução’. Revista Vírus, 2008.

Ilustração 12 e 13 – Folder (frente e verso)



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Sobre a relação que elas tinham com o pai, Andila e Caiala disseram que se tirassem uma nota baixa na escola, ele não era de repreender, sabia compreender as limitações ou deslizes, mas sempre as incentivava ao estudo.

Caiala Nahahy contou que sofria preconceito por causa do seu nome, mas isso acabou depois que ela saiu da Escola Dom Bosco e foi para o Colégio e Curso José Américo de Almeida (CCJAA): *“outros colegas foram juntos e quando alguém da nova escola queria rir do meu nome, meus colegas me defendiam.”* Ela conta que começou no MAC brincando com seus amigos da rua José Paulino, localizada no Alto das Populares em Santa Rita, coisa que amava fazer. Mais tarde ela entendeu que aquilo que fazia era praticar pedagogia.

Essa afirmação de Caiala nos remete ao que Albuquerque (2009) discorre sobre a educação realizada pelo MAC, pois se trata de um trabalho aplicado, visando a

transformação das “consciências” e da ordem social vigente (ALBUQUERQUE, 2009, p. 40). Corroborando Arroyo (2012, p. 27) assegura que se tem assim uma nova forma de compreender a educação “como um processo de humanização de sujeitos coletivos diversos”. E como diria Paulo Freire (2003), utilizando-se dos saberes da comunidade para aprender e repassar o aprendizado enfatiza-se a dialogicidade em sua dimensão política, teórica e pedagógica.

Caiala parecia comungar desse entendimento, mas misturando diversos sentimentos assim se expressa:

E eu quero ainda ser pedagoga. Já participei da Pastoral de Teatro na igreja. Eu só vim ter essa consciência no velório. Eu não entendia porque o velório do meu pai não era na minha casa. Eu sabia que muita gente gostava dele, mas não sabia a quantidade (Caiala Nahahy, Entrevista livre, 2018).

Sabemos que um dos grandes papéis da educação é de efetivar-se como instrumento fundamental de transformação da sociedade, isto é, a educação, por meio de suas ações (FREIRE, 2003). Heliton Santana tinha essa compreensão, e a partir disso possibilitava mudança das pessoas, dos grupos, das instituições em que estavam inseridas. Esse entendimento ele estendia às suas filhas, influenciando-as de certa maneira, na decisão profissional. Como realidade da presença de Heliton na vida escolar de suas filhas, vestido de palhaço, para incentivá-la à ida ao primeiro dia de aula, segue a **ilustração 14**:

Ilustração 14 – Aniversário de Caiala à caminho da escola com os pais



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Dando ênfase à presença de seus pais, nos momentos mais importantes na formação de suas filhas, agora em relação ao batismo católico, Caiala Nahahy relata:

Nós escolhemos os nossos padrinhos. Para mim era tudo brincadeira e eu achava o máximo! Meus padrinhos e os meus amigos se batizaram novinhos e nem se lembram de nada, e foram os pais que escolheram (Caiala Nahahy, Entrevista livre, 2018).

O Batismo parece ser o fundamento de toda a vida cristã. Heliton Santana nasceu e cresceu ouvido e praticando os fundamentos da igreja católica, e concebia isso de modo muito claro. Por outro lado, já incorporava outras crenças, que iam além dos preceitos católicos, comungando-se mais com as religiões de origem afro. Com o aval de sua esposa, preferiu deixar o batismo das filhas para mais adiante, de modo que elas mesmas pudessem fazer a escolha.

Heliton Santana esboçava uma relação muito boa com as filhas, uma relação de pai, sempre presente, como são reveladas em várias fotos que se encontram no baú, porém destacamos a seguinte.

Quanto ao nome Caiala (descrito na Carta para Caiala), ela explica que significa um nome de Iyemanjá e também sonho, já Nahahy significa Deusa morena.

Quem colocou meu nome de Nahari foi um índio que meus pais encontraram e mainha nem sabia que estava grávida, ele pediu que quando a gente tivesse uma filha colocasse o nome de Nahary (Caiala Nahahy, Entrevista livre, 2018).

Caiala conta que na escola fez amizade só com uma menina, e esta era muito rejeitada na sala. E explica:

Ninguém falava com ela, e até hoje, no trabalho eu sou assim. Eu fui criada conversando. Eu sou totalmente o exemplo de meus pais. Eu procuro ser ativista dentro da minha possibilidade de vida. Eu não participo do movimento negro em si, das reuniões, dos protestos. Minha parte é na questão estética, eu tenho um salão afro. E trabalho com meninas que estão se descobrindo dentro dessa identidade visual, do cabelo crespo. Meu trabalho é todo voltado para a estética negra e para a identidade visual negra (Caiala Nahahy. Entrevista, 2018).

De tudo que foi narrado até aqui, por Andila e Caiala, a impressão que fica é que elas mergulharam no tempo para trazer lembranças e recordações. Um tempo em que o pai Heliton Santana foi o “senhor do seu tempo”, poderoso na cena familiar, e também na cena santaritense e, por que não, na cena paraibana. E um gesto de aceitação, uma delas expressou: “fez tudo e partiu”. Ele aceitou seu destino e foi embora. Nesse aspecto, como diria Clarice Lispector, “foi ao que é seu”, onde talvez, as pessoas deitem em suas camas cansadas de lutar por seus sonhos.

4.3 UM CICLO QUE SE FECHA

Silenciam-se as atividades intelectuais; silencia-se a militância; silenciam-se as dores do corpo; silenciam-se as esperanças: “Um brilho cego de fé” se finda.

Alguns fatos guardam a lembrança: era uma quarta-feira, dia quatro de setembro de 2011, quando fomos informados sobre o quadro de saúde de Heliton, que se agravava. Logo depois, ele faria a passagem. Do choque a articulação para o velório. Ele seria velado na Câmara Municipal de Santa Rita, por tratar-se de uma figura ilustre da cidade. À noite, o corpo passou pela Central Velório da Maternidade Flávio Ribeiro Coutinho, seguindo para a Câmara Municipal onde as pessoas amigas e populares começaram a chegar. Foi grande a movimentação de pessoas ligadas às pastorais sociais e de todos os movimentos que ele fez parte, direta ou indiretamente. Vivenciei todos esses últimos momentos.

O que seria um velório comum transformou-se num evento social com pessoas de todo o Estado e de outras cidades do Nordeste como: Recife, Natal, Mossoró, entre outras. Representantes de diversos movimentos sociais, sindicais, partidos políticos, lideranças religiosas ecumênicas (católicos, umbandistas, candomblecistas) e autoridades políticas, com reverências através de coroas de flores enviadas pelo prefeito de João Pessoa, Luciano Agra, o governo do Estado, Câmara de Vereadores de Santa Rita e Assembleia Legislativa da Paraíba. O governador Ricardo Coutinho esteve presente, bem como o deputado estadual Frei Anastácio e o deputado federal Luiz Couto.

Assistimos alguns depoimentos e testemunhos sobre a importância de Heliton Santana nas suas vidas, inclusive uma breve apresentação musical da cantora Vera Lima. Após as homenagens, seguiu-se o cortejo pelas principais ruas do centro até o cemitério Santana, com revezamento de pessoas conduzindo a urna funerária, e ao som de violão cantamos músicas do repertório afetivo de Heliton e dos espetáculos teatrais: músicas de Gilberto Gil, Milton Nascimento, Djavan e Chico Buarque.

A Câmara Municipal de Santa Rita através do então vereador Moisés Virgínio Barros (Moza) aprovou por unanimidade um Voto de Pesar à família Santana.

A missa de sétimo dia aconteceu no Santuário Santa Rita de Cássia, em Santa Rita, Frei Anastácio celebrou a missa e a liturgia fora realizada.

Já a missa de trinta dias foi celebrada por Padre Luiz Couto, D. José Maria Pires, e também por Frei Anastácio, nesse Santuário, com a presença de muitas pessoas amigas e militantes dos movimentos sociais. À hora do sermão, D. José fez uma analogia da vida de Heliton à vida de dois líderes espirituais: Jesus e São Francisco de Assis. Ele esclareceu que a tríplice comparação deveu-se a uma vida simples e voltada para a caridade e o amor às pessoas oprimidas.

Historicamente, o ser humano sempre necessitou do contato social. A amizade é um fator importante e fundamental à vida das pessoas, e Branca Barbosa, como já dissemos anteriormente, uma das grandes amigas de Heliton e Marta Santana, atriz e também ativista, demonstrou ter esse sentimento, sempre ao lado do amigo, nos momentos mais difíceis, levando confiança e carinho.

Ilustração 15: Branca Barbosa e Heliton Santana em cena



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Branca Barbosa conta que foi a última pessoa a ver Heliton ainda lúcido, antes do coma induzido, e relata que quando chamou a enfermeira e o colocaram na maca, ele pediu que não o levassem para UTI. Essa é a última imagem que ele guarda dele.

Ela relata que conviveu com Heliton Santana durante muitos anos, e por conhecer bem sua história de vida, seu compromisso social, seu senso de justiça, reconhece que mesmo estando hospitalizado ele não parava de se preocupar com as pessoas. Branca relata que ele também se preocupava com os movimentos sociais, com o teatro, com suas atividades educacionais e pedagógicas, enfim, com o ser humano. Por todo esse dinamismo, Branca diz saber “a falta que ele fará nessa cidade” e assim se expressa:

Eu sinto uma cidade morta, pelo menos assim em termo de juventude. Se Heliton não tivesse adoecido, eu acho ... que a juventude tinha alguma coisa, eu acredito. Eu acredito muito em Heliton, de olho fechado. Se Heliton não tivesse morrido, com certeza a gente estava no palco (Branca Barbosa. Entrevista livre, 2019).

Branca Barbosa ainda se lembra da aflição de Heliton ao ver que o estavam levando para UTI e apela para ela não o deixar ir:

“Não deixe me levar pra UTI não”! Pediu demais. As vezes quando eu estou em casa, eu vejo Heliton na maca com a mão estirada assim: “_Oh Branca não deixe eu ir não, não deixa não, eu não quero ir não”. É a última imagem que eu tenho dele (Branca Barbosa. Entrevista livre, 2019).

Branca Barbosa acredita que nem mesmo a força do tempo poderá destruir todos esses episódios, que estão gravados nas suas lembranças, nem a amizade que os unia, e numa espécie de saudação ela finaliza dizendo: “valeu por você existir, amigo”.

Reconhecemos que o limite entre a vida e a morte é mesmo tênue. Nosso corpo não foi feito para viver para sempre. O coração vai parar de bater, a respiração vai cessar e o cérebro vai se apagar. Essa é a realidade de todos nós. A sensação de

finitude do corpo pode acontecer, e sobre isso, Marta Santana conta que ao visitar Heliton no hospital ele revela:

Ele me disse: ‘Marta, eu pensei que eu tinha morrido, mas quando eu acordei estava Matheus (Enfermeiro predileto de Heliton) na minha frente’ (MS, Entrevista, 2018).

As lembranças de Marta vão vindo à tona, e aos poucos ela narra:

Um dia no hospital ele pediu para dar banho nele. Nós tomamos um banho tão grande que a água vazou. Eu fechei a porta para a enfermeira não entrar. Eu me diverti tanto! Lavou, sabe? Foi meu último momento com Heliton. Foi de muita beleza, muita pureza e eu nem sabia por que aquilo estava acontecendo, mas foi a água que estava lavando. [...] Eu fui para casa e ficou Caiala com ele; ele passou mal nessa noite [...], passou muito mal e foi para a UTI. Eu escutando pelo telefone ele dizendo assim: “cuidado, eu tenho alergia a iodo. Se vocês forem me entubar (sic) cuidado, eu tenho alergia a iodo. (Marta Santana., Entrevista livre, 2018).

Heliton Santana passou 17 dias em coma induzido no Hospital Memorial São Francisco na cidade de João Pessoa/PB. Sobre isso, Marta narra o seguinte:

No domingo, uma hora da tarde eu estava lavando os pratos e aquele negócio, aquele choque. E eu chamei as meninas e informei que o pai delas acabara de morrer. Eu peguei um táxi e fomos conversando sobre a última apresentação do Anima Ação em Itambé (no dia 20 de dezembro de 1997). A comunidade não podia nos pagar e nos deu uma feira com diversos produtos rurais plantados por eles [...]. A notícia da morte no hospital foi dada a mim, a Dulce e Dorian. Muita coisa eu não me lembro. É como se tivesse sido um pesadelo que eu tive e me lembro de alguns momentos, flashes (Marta Santana, Entrevista livre, 2018).

Em nossa sociedade, a morte e o medo da morte fazem parte do nosso dia a dia, e geralmente fazemos de tudo para aumentar os anos de vida. E com Heliton Santana não foi diferente, ele lutou o quanto pode para evitá-la, mesmo tendo a concepção de que a morte em si não é o fim, como afiança Prandi (2001), mas um momento de vivo contentamento, e de encontro com os ancestrais. Para o autor a morte é a volta do homem ao essencial, reafirmando o grande mistério da existência. Morrer é uma mudança de estado, de plano de existência, afirma Prandi, e faz parte de um ciclo que possui início, meio e fim.

Heliton Santana conhecia esses preceitos, porém desligar-se da vida não é uma fácil aceitação. Desligar os laços que prendem as pessoas ao corpo físico não é uma tarefa simples, por isso mesmo geralmente recorre-se à ajuda e amparo da espiritualidade nesse processo de desligamento. E Marta parecia crer nisso, tanto que ela conta que quem ajudou Heliton no desenlace foi Andila, quando pediu a Obaluaê²² por seu pai, pois:

Naquele momento ele tinha que subir; ele era uma pessoa tão independente que não suportaria ficar de cama, sem servir mais para o coletivo. Ela foi muito madura; Caiala também. ((Marta Santana, Entrevista livre, 2018).

Sobre as homenagens dirigidas a Heliton Santana, segue-se a de um aluno da Escola Estadual Enéas Carvalho em Santa Rita: Sessão Especial da Câmara Municipal de Santa Rita - Casa Prefeito Antonio Teixeira sobre o dia da Consciência Negra, comemorado no dia 29/11/2011.

Eu entendi que Heliton Santana era um dos melhores alunos do Eneas Carvalho. Ele se formou na UFPB, depois fez várias viagens pelo Brasil e vários outros países. Heliton Santana era amigo de todos. Mas que pena! Heliton morreu e vários alunos de várias escolas fizeram homenagem a ele, mas mesmo assim ninguém se esquece dele. Heliton deixou sua presença em Santa Rita. 20 de novembro dia, da Consciência Negra e por isso fizeram a homenagem a Heliton Santana. Heliton, você sempre será amigo de todos. Você foi mais uma estrela (EVERTON SOARES DA COSTA - 6 Série B, 29/11/2011).

Apesar de todos os percalços, Heliton Santana sempre fez sua parte como cidadão, ativista engajado, destacando-se no contexto sociocultural. Ele palestrava sobre a importância do povo e da cultura africana no Brasil e o impacto que tiveram no desenvolvimento da identidade cultural brasileira, de certo modo, ele lutava pela inserção do negro na sociedade pessoense e santaritense.

4.4 OS RUMOS QUE LEVOU O ACERVO DE HELITON SANTANA

²² Obaluaê também conhecido como Omulu, é um orixá do panteão iorubano que representa tanto as epidemias e doenças, como também a cura e a saúde. É o orixá da saúde.

Como já dissemos anteriormente, com o falecimento de Heliton Santana em 2011, em João Pessoa, parte de seu arquivo encontra-se dividido em quatro locais diferentes. O arquivo é formado por uma coleção de 5 mil documentos, organizados em dossiês, que cobrem o período das décadas de 1970 a 2010.

Quadro 5 – Composição de dossiês:

Documentação Pessoal	Correspondências, projetos, entrevistas, depoimentos, artigos, discursos, documentos pessoais, flâmulas, bilhetes de viagem etc.
Documentos sobre a Conjuntura Nacional	Textos, recortes de jornal, correspondências, projetos de lei, destacando-se dossiês sobre questões ligadas aos movimentos sociais.
Documentos sobre a Conjuntura Internacional	Discursos, biografias, recortes de jornal, artigos e textos sobre assuntos diversos.
Documentos sobre o Movimento Social nacional e internacional	Anais/Relatórios de reuniões, encontros, seminários, congressos do movimento social MNU, Teatro do Oprimido, Pastorais Sociais etc.
Documentos sobre Campanhas	Campanhas de organizações populares, da Fraternidade do Conselho Nacional de Bispos do Brasil (CNBB).
Documentos Diversos	Texto, fotos, iconografias etc.

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Em todos os documentos é preciso registrar sua procedência a determinada Entidade Acumuladora, e ao qual Fundo ou Coleção pertence, dessa maneira, o agrupamento por gênero documental não perde a referência da procedência arquivística (BELLOTTO, 2004). O arquivo pessoal de Heliton Santana sob custódia de Valdir de Lima Silva já passou por esse processo e os documentos se encontram em pastas.

Quanto à identificação, Bellotto (2004) esclarece que se trata de atividade fundamental a identificação dos documentos contidos em pastas, caixas e outros invólucros, indicando: a procedência, o tipo documental, o suporte, as datas, as autorias etc., como primeira definição dos conjuntos documentais ou unidades documentais para posterior recomposição das séries documentais, visando à classificação arquivística. O produto desta fase é chamado de “Planta Baixa do

Acervo”, em formato de base de dados, possibilitando o pronto atendimento às pesquisas.

Como afirma Anderson (1996), essa prática se sustenta na descrição de documentos, seu conteúdo, características e propósitos, e a organização destas descrições, para fazer destes documentos acessíveis às pessoas.

Quanta à catalogação, Mey (1995, p.3) a define como:

Um processo de decisão multidimensional que através de uma estrutura sucinta e padronizada de Dados e Informação sobre um item informacional ou documentário, tem como objetivo tornar o documento único e ao mesmo tempo multidimensionar suas possibilidades de recuperação e uso.

Devo dizer que quando a família Santana me escolheu para ser Curador do Arquivo Pessoal de Heliton Santana, na condição de arquivista, aceitei com satisfação, porém veio a preocupação com a integridade do acervo, pois se trata da soma de vivências de diversas pessoas e de movimentos pastorais e sociais. Ali estão várias vozes silenciadas, aptas para serem ouvidas, literalmente, no Baú Aberto²³. Já de posse do baú, iniciamos a tarefa do reconhecimento do material. Depois passamos a observar o acervo documental nele depositado.

Ilustração 16 e 17 – Baú que guarda o acervo de Heliton Santana (o baú fechado e aberto)

²³ Trata-se de um projeto do qual Heliton Santana fez parte. O Baú Aberto foi um movimento cultural idealizado por artistas e intelectuais no início dos anos de 1980. Eram encontros culturais abertos a comunidade com cobrança de ingressos com preços simbólicos onde as pessoas cantavam e recitavam trabalhos autorias bem como performances teatrais temáticas. Havia participação de convidadas e convidados como artistas do Movimento Jaguaribe Carne como Pedro Osmar, Paulo Ró e Chico Cesár.



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Necessário de faz esclarecer que parte do acervo foi separada, a exemplo de sua biblioteca, que foi doada para ser uma sessão da biblioteca do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Dom Oscar Romero, em Tibiri II, Santa Rita-PB. Parte do mobiliário familiar também foi doada, tendo ficado sob meus cuidados: o baú com documentos e alguns poucos objetos, um guarda roupa, uma mala e uma peça da Casa de Farinha de um assentamento rural da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Massangana - PB, que a comunidade o presenteou por ter feito uma formação temática na comunidade. (**Ilustração 18**):

Ilustração 18- Fuso (Objeto doado pela Casa de Farinha)



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Sabe-se que a polícia destruiu tudo no assentamento e o que sobrou da Casa de Farinha²⁴ foi o fuso, e doado a Heliton Santana como símbolo de resistência. Trata-se de uma peça de madeira da prensa de farinha que aperta a massa, dando sucessivas voltas, usado nas casas de farinha para prensarem o tipiti, extraíndo a goma de mandioca.

Nem precisaríamos remexer o baú para saber que a vida de Heliton Santana foi sempre tecida por questões sociais e políticas, com participação efetiva em movimentos sociais. No entanto, com a abertura do baú pudemos constatar essa realidade. Os documentos que constam no arquivo pessoal revelam sua ligação com os movimentos sociais na Paraíba, com o teatro popular e com a produção de peças teatrais, escritas por ele ou adaptadas de outros autores, enfim, uma vasta documentação arquivística. Iniciamos então, a catalogação do acervo.

²⁴ A fábrica de farinha de mandioca é tradicionalmente chamada de Casa de Farinha. O processamento da raiz da mandioca é frequentemente realizado segundo métodos tradicionais, herdados dos indígenas, que foram os primeiros cultivadores da espécie, no entanto a transformação industrial vem aumentando. Essencialmente, a Casa de Farinha é composta de sistema de ralação, sistema de prensagem e forno (BEZERRA, 2006).

As anotações culturais de Heliton Santana são vistas aqui em toda a sua dimensão, incluindo os aspectos: função dos documentos, sua forma, seus destinatários, fragmentos de textos, considerando-os como *locus* privilegiado de testemunho, memória e história.

A catalogação, como afiança Bellotto (2004), nos permite ver que os documentos e a informação estão disponibilizados ao usuário a partir de suas necessidades e opções de escolha, atendendo suas possibilidades de recuperação e uso, facilitando o acesso e uso do documento e da informação. Nesse entendimento, buscamos realizar a organização do acervo de Heliton Santana voltada para o tratamento técnico, direcionado à recuperação e disseminação da informação aos usuários.

Ao abriremos o baú, deparamo-nos com uma documentação diversa, a saber: objetos e figurino dos espetáculos do grupo Anima-Ação; recortes de jornais das apresentações do grupo, sobretudo nas turnês na Europa; textos teatrais; poemas; cordéis; relatórios; jornais Negra Voz; acervo do Movimento Negro e do Movimento de Teatro Popular; pasta com documentos pessoais, onde um inventário e uma edição crítica mais abrangente ainda estão por ser feitos.

Quanto aos documentos áudio visuais e outros, referentes ao Centro de Educação e Documentação Popular CEDOP, eles se encontram nos arquivos da Arquidiocese da Paraíba e no Sindicato da Construção Civil (SINTRICON). Os da Associação de Pacientes e Transplantados Renais da Paraíba encontram-se na associação.

Com a prática da catalogação, a atuação de Heliton Santana se revela no cenário sociocultural e político da Paraíba. Ele era defensor da teologia da libertação, a princípio seguidor do arcebispo da Paraíba, Dom José Pires, o qual dizia que Heliton Santana era seu filho espiritual, depois companheiro de lutas. Com D. José Maria Pires ele criou o centro de documentação popular (CEDOP) em 1979, e em 1992 se emancipou da Arquidiocese da Paraíba, do qual Heliton foi diretor até seu afastamento por problemas de saúde. Participou também das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's).

Por certo, Heliton Santana viveu uma vida dedicada aos movimentos sociais, uma difícil via crucis. Sempre engajado com a realidade social das minorias, ele entendia ser necessário assumir esse espaço de afirmação, definindo prioridades, frente às diferentes exigências do contexto social em que se encontrava inserido. Parafraseando Paulo Freire (2003), seu compromisso era com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação. Acreditando nisso, ele lutava pelas causas sociais.

Como assegura Luiz Couto em entrevista livre, Heliton contribuiu, além do CEDOP, para o Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Arquidiocese (CDDHA), da qual ele também fazia parte, e relata que:

Lutava na perspectiva de poder destruir esse sistema de injustiça organizado. A Conferência de Medellín considera que a América Latina vive um esse sistema de injustiça. E só através da ação organizada poderemos contribuir para reverter este quadro, para que a justiça possa ser alicerçada por uma cultura de paz. Por isso que Heliton usava as artes. Ele acreditava nesse poder.

E complementa dizendo:

Foi uma grande perda para nós, na Paraíba, como Paulo diz na carta (pausa). Terminou a caminhada dele, mas guardou a sua integridade, a sua fé e, certamente lá no céu, está intercedendo por nós, para que possamos continuar nessa caminhada.

Nas palavras de Luiz Couto:

Ele [Heliton] muitas vezes foi vítima de racismo porque era um homem de luta, e o sistema se contrapõe. Perseguições e ameaças contra ele não faltavam. Mas ele prosseguia resistindo, ele lutava. Nem sempre ele falava das coisas dele, mesmo no momento da doença ele não era pessoa de estar se lamentando, lamuriando. Em um trocadilho, eu diria que era um homem que tinha muita alegria, era viver e não ter a vergonha de ser feliz.

Luiz Couto encerra a entrevista dizendo que a classe política de Santa Rita não tinha muita atenção por ele, e ressalta seus valores reconhecendo que:

Ele era um homem de verdade. De profunda energia. Aonde ele chegava era algo novo que se estabelecia. Heliton era um guerreiro que nunca perdeu a esperança. Algo que me chamava atenção nele era a vinculação profunda com Dom José Maria Pires, também com outros bispos. Uma figura que era muito presente na vida dele era Dom Helder Câmara. Dom Helder e Dom José eram almas siamesas. Heliton aprendeu com Dom Helder algumas coisas importantes, tais como o bom humor. Dom Helder dizia que um cristão não poderia perder o humor da festa, da alegria. Gostar de festas, de capoeira, que são lições de vida. Era um teatro alegre o dele [Heliton]. Com Dom Helder ele aprendeu a capacidade da ironia, da ironia sadia nos textos e a da mística. Dom Helder falava da mística da luta. Uma mística engajada socialmente, comprometida com os direitos inalienáveis do ser humano, promovendo a justiça e a paz.

Dom Helder foi um místico, assegura Comblin (2002). Para esse teólogo, contemporâneo de Dom Helder, antes de ser “[...] o guia da Igreja no Brasil, [...], o defensor dos pobres, [...] promotor da Justiça e dos direitos humanos contra toda opressão, ele foi um místico, e tudo isso foram apenas circunstâncias em que teve que viver a sua mística” (COMBLIN, 2002, p. 29).

Nas palavras de Luiz Couto, a mística de Dom Helder foi um caminho de autoconsciência para Heliton, atento cada vez mais à causa da justiça, na promoção do bem e da paz.

5 UMA MEMÓRIA PARA OS MOVIMENTOS SOCIAIS

5 UMA MEMÓRIA PARA OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Quero a utopia, quero tudo e mais, quero a felicidade dos olhos de um pai. Quero a alegria, muita gente feliz, quero que a justiça reine em meu país [...]. Quero nossa cidade sempre ensolarada e os meninos e o povo no poder. Eu quero ver (Milton Nascimento).

Os movimentos sociais, bem como quaisquer organizações, estão situados num tempo e espaço, considerados como *lócus* de produção de suas ações fundamentadas a partir de concepções políticas que se erigiram nas lutas de classes com determinados fins (ALONSO, 2009); (DAGNINO, 1994); (ROCHA & SILVA, 2013); (ANDRADE, 2017).

A roda do tempo é dinâmica, voraz, e em tempos líquidos de Bauman (2003) podemos dizer descartável, não os movimentos sociais e suas ações, mas o próprio tempo. Como assegura Dodebei (2005), registrar este tempo em recortes de acontecimentos é tarefa de quem trabalha com a memória e das instituições que lidam com a informação. Informação e memória como bases dessa salvaguarda. Reconhecemos que pouco tem se feito como ação afirmativa no processo dessa salvaguarda, no caso dos movimentos sociais Gohn (2013) adverte que o movimento social corre o risco de perder parte significativa de suas memórias que retroalimentam sua militância. Não ignoramos que fatores externos façam parte nesse jogo, porém optamos aqui por nos dedicar à porção da realidade que viveu Heliton Santana e toda sua luta social.

Heliton Santana preocupou-se desde muito cedo em registrar seu tempo no que diz respeito às vivências nos movimentos sociais, através de documentos em suportes diversos produzidos pelo CEDOP, bem como da auto escrita de suas memórias, deixando um legado considerável desta produção revelada neste trabalho

Neste capítulo, apresentaremos uma memória dos movimentos sociais vividos por Heliton Santana, em especial, o MNPB e o MTP (Teatro do Oprimido), bem como do CEDOP a partir de memoriais de Heliton Santana. E ainda, entrevistas com Marta

Santana, Padre Luiz Couto, depoimento de ex-integrantes do CEDOP, de Dom José Maria Pires, além de documentos produzidos por ele para esses movimentos.

5.1 CENTRO DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO POPULAR (CEDOP)

O Centro de Comunicação, Educação e Documentação Populares (CEDOP) ocupa um lugar de grande relevância na vida de Heliton Santana e, por sua vez, neste trabalho. O ano de 1998 foi um marco na história de nosso protagonista, quando se descobre acometido por problemas renais e desenganado pelo seu médico. Neste período, data-se um processo de escrita de vários memoriais por Heliton Santana, memoriais temáticos relacionados à sua vida militante; à sua memória militante. Compreendemos desse modo, a sua preocupação em salvaguardar algumas páginas da história dos movimentos sociais paraibanos, na construção da escrita de si.

O CEDOP servia, em princípio, à Arquidiocese da Paraíba, elaborando Cartilhas de Formação e o Informativo Arquidiocesano (periódico mensal), bem como fazendo a memória da luta popular, porém as qualidades políticas e gráficas de suas edições despertaram o interesse de outras dioceses. Assim, começaram a elaborar subsídios junto as Dioceses de Campina Grande e Garanhuns. Só ou integrando equipes, Heliton Santana colaborou com a criação do material mimeografado, sob responsabilidade do CEDOP. Outras Igrejas Particulares do Nordeste também fizeram uso desses serviços.

Ilustração 19 - Heliton Santana entrevistando a Deputada Federal, hoje está no PSOL, Luíza Erundina, junto a Dom José Maria Pires na Arquidiocese da Paraíba na década de 1980.



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Com a repressão da Ditadura Militar as gráficas e as organizações combativas passaram a solicitar os serviços do CEDOP. A realidade da época levou esse Centro a priorizar os conflitos sociais. Reconhecendo o grande índice de analfabetos, o Centro adicionou o uso de imagens e fotografias para ilustração de cadernos de formação e confecção de cartazes, bem como slides para elaboração de baterias. O avanço tecnológico trouxe o cinema em Super 8 ao CEDOP, e, em seguida, o vídeo. Sobretudo através do vídeo, o campo de atuação do Centro se ampliou, inclusive transpondo as fronteiras do Brasil. Tendo o povo como protagonista, alguns dos vídeos foram inseridos em processo, como elemento de defesa (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998).

Embora Heliton Santana tenha colaborado na confecção de alguns vídeos, apenas quatro têm a sua direção: *Ailarekereke* (1996), menção honrosa no Festival de Salvador-Bahia e *Bloco Bagaço* (1996); *Apenas o começo* (1997); e *Preto Velho* (1997). Além dos vídeos citados, dirigiu também a maioria dos programas semanais televisivos da Arquidiocese da Paraíba.

Algumas das matérias veiculadas serviram como instrumento de formação para o povo, assim como para o conhecimento de realidade desse povo no exterior. A procura dos vídeos por organizações eclesiais, associações diversas, sindicatos, partidos políticos e escolas dos vários níveis levou o CEDOP a montar uma Videoteca Alternativa, em parceria com ABVP (Associação Brasileira de Vídeo Popular). A tramitação entre o CEDOP e a ABVP foi feita por José Barbosa. A estrutura da videoteca coube a Marta Santana, esposa de Heliton Santana. A seleção de vídeos envolveu além de Marta Santana, Dirk Segal, Leo Marcos Alcântara Formiga e o próprio Heliton Santana (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998).

A impressão que fica é que, quando um representante sindical participa do Conselho Administrativo ao lado de elementos da Associação as diferenças parecem atenuar-se; e parece que essa é uma atividade constante de como chegar à democracia e ao exercício da cidadania.

Intencionando salvaguardar, ou seja, partilhar suas vivências como militante social, no período mais crítico de sua saúde, isto é, a doença renal, Heliton Santana escreveu alguns pequenos memoriais. Sua militância, sem dúvida corrobora a

perpetuação não apenas como um artefato escrito, mas para ser vivida, lembrada, suscitada pelas pessoas que militam nos movimentos sociais. Nota-se aí, uma preocupação com a escrita de si por parte de Heliton, mesmo que de modo inconsciente, sem planejamento e preocupação nessa formação biográfica.

Está claro que não se pode criar uma tradição apenas oral ou por repetição de atitudes quando se trata de sociedades letradas e em tempos atuais, informatizada. Os tempos são outros e os desafios também. Para Chauí e Franco (1978) a preservação dos ideais de luta é diversa. Para os autores, a organização popular acontece de forma natural, culturalmente fomentada nos cerne dos movimentos sociais independentes, bem como: das pastorais sociais da igreja católica, dos sindicatos da classe trabalhadora, de grupos de pessoas intelectuais orgânicas nas universidades e grêmios estudantis, nos partidos políticos considerados de esquerda e em outros espaços religiosos ecumênicos. A organização das pessoas é dada por afinidade e novas lideranças surgem sempre, mas o desejo de lutar precisa de inspiração, como asseguram Chauí e Franco (1978).

Nesse cenário surge Heliton Santana com uma atitude de vanguarda ao preocupar-se com a manutenção dos movimentos sociais, partilhando e registrando os legados, não na perspectiva tradicional de buscar vencedores dentro dos movimentos, mas das bandeiras de lutas, perdas e avanços dos próprios movimentos.

O Memorial de Heliton Santana (material acumulado até 1992) pertence hoje ao Arquivo da Arquidiocese da Paraíba, condição exigida por Dom José Maria Pires, quando desvinculou do CEDOP de sua Arquidiocese. A partir de 1992, o CEDOP começou a organização de outro arquivo, ao qual se juntou parte do acervo do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, doado por seu diretor, Dr. Wanderley Caixe, conforme apresentou certa vez, em diversas entrevistas concedidas, o próprio Heliton Santana. Este arquivo serve tanto como base para as pesquisas internas do CEDOP quanto para o público em geral.

O Centro procurava atender ao público à altura das suas solicitações, inclusive indicando vídeos para que a o trabalho se tornasse mais atraente e mais participativo. No tocante à hemeroteca (arquivo de recortes de jornais), houve pouca prioridade no

período de atuação de Heliton Santana, uma vez que outros serviços como: teatro, assessoria, vídeo, articulações com outras organizações despertavam mais o interesse das pessoas. Até o afastamento de Heliton do CEDOP, em março de 1998, para tratamento de saúde, o arquivo esteve sob sua responsabilidade. (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998).

O belga Dirk Segal, intermediando em 1988 a Organização Belga “Caminhar Juntos”, ofereceu ao Grupo TELL (Teatro, Luta e Libertação) através de Heliton Santana uma verba, a fim de que ficassem mais liberados para o exercício do teatro. Desse modo, Heliton apresentou ao Grupo uma contraproposta, a de que a verba fosse colocada a serviço da formação, articulação, produção e divulgação de outros grupos com práticas similares às desse grupo, tais como: o Arte-Povo, O Boca Livre, entre outros. Assim nasceu o Departamento/Setor de Teatro Popular do CEDOP, o qual Heliton integrou a coordenação e assessorou oficinas (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998).

Aos poucos, outros grupos se agregaram ao Departamento do Teatro Popular (DTP), como se pode conferir no quadro abaixo:

Quadro 6: Grupos que se agregaram ao DPT

Semente da Criatividade
Mairarte
Anima Ação
Miramangue
Teatrinho da Criança
100 Nome

Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998.

De início, o Departamento de Teatro Popular assumiu totalmente as produções. À medida que foi feito um acervo de roupas, pertencentes a todos os grupos que assumiram a produção do DTP, esses grupos tomariam qualquer iniciativa para levantamento de fundos. Para que um grupo recebesse verba do DTP, era necessário apresentar o texto a ser montado. “Se o texto contemplasse a realidade, o sonho de bem-estar e felicidade coletiva e a combatividade do povo, então o DTP liberaria a verba” (SANTANA, 1998).

Na visão crítica de Heliton Santana (1998), a sociedade é [ou deveria ser] idealizada com base no princípio igualitário, onde todos tenham direitos à cultura intelectual e ao bem-estar material, preocupando-se de fato com as causas que impedem esse princípio de igualdade. De certo modo, ele se preocupou com as causas que sempre impediram a superação dessa lacuna, mesmo que fosse por descaminhos. Podemos dizer que nosso protagonista revela por vezes sua trilha por descaminhos, mas num anseio “alevantado”, seguia reto para os horizontes onde “pompeia o Sol”, como diria Mário de Andrade (1972).

Reconhecemos que “[...] o conflito interno de vontade e contra vontade cria a dinâmica, cria a teatralidade da interpretação, e o ator nunca estará igual a si mesmo, porque estará em permanente movimento [...]” (BOAL, 2009, p. 79). E assim prosseguia Heliton Santana, na vida e no teatro; assim concebia sua vida, sempre em cena.

Das tantas parcerias do CEDOP destacam-se as seguintes: com a ABVB, a Videoteca; com o MTP, com o Curso de Inverno, Assessorias; com a CTP, o INCRA e a UFPB: Administração e infraestrutura da pesquisa sobre qualidade de vida e áreas de assentamentos da Paraíba; e com a Pastoral do Menor: Profissionalização através de empréstimo de material de serigrafia (Arquivo CEDOP, 2019).

Até 1990, o CEDOP seguia tranquilo em suas atividades, mas com a posse de Dom José Cardoso,²⁵ como pastor da Arquidiocese de Olinda e Recife, as coisas foram mudando, as suas atitudes eram mesmo desastrosas. Ele dissolveu “serviços de apoio às pastorais e movimentos; demitiu servidores; transferiu padres, entre outras ações, mesmo diante da eminência da aposentadoria de Dom José Maria Pires” (Arquivo CEDOP, 2019).

Temendo que o Arcebispo substituto da Arquidiocese da Paraíba, agisse como o Arcebispo de Olinda e Recife agia, Dom José Maria Pires começou a refletir sobre a possibilidade de independência do CEDOP optando pela criação de uma Associação,

²⁵ Dom José Cardoso Sobrinho ingressou aos 13 anos no Seminário dos Carmelitas, em Goiana, tornando-se Sacerdote em 1957. Em março de 1979, foi eleito bispo pelo papa João Paulo II, assumindo a diocese de Paracatu (MG), onde ficou até 1985. Neste ano assumiu o cargo de Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife, onde passou 24 anos. Após o pedido de renúncia por causa da idade limite atingida (75 anos), vive no convento carmelita de Goiana, onde começou sua caminhada religiosa. Disponível em: <https://www.arquidioceseolindarecife.org/>. Acesso em: 30 de ago. 2019.

como o CDDHMMA²⁶, tornando-se fundação (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998).

Por acreditarem na política do CEDOP, Leo Marcos Alcântara Formiga e Heliton Santana, ao serem demitidos da Arquidiocese da Paraíba colocaram o montante das duas rescisões à disposição do CEDOP, para aquisição dos instrumentos de comunicação de propriedade da referida igreja (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998).

Os 20 anos de existência do CEDOP confundem-se com a vida de Heliton Santana, uma vez que ele integrou à equipe desde a fundação, acreditando que o CEDOP tem grandes possibilidades de servir mais e melhor ao povo, o que requer uma revisão profunda da sua organização e prática. Ao deixar o CEDOP, aos voluntários, aos sócios, à clientela, à Arquidiocese da Paraíba e às Agências de Solidariedade Internacional, pela dedicação, confiança e apoio, condições fundamentais para garantir seus serviços ao povo (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998).

Em nome do CEDOP, Heliton Santana assessorou grupos específicos de Teatro (MTP) e diversas organizações (CEB's, Sindicatos, Movimento Popular), que utilizam o teatro em suas metodologias (SANTANA, 1998). Para Santana (1998), as assessorias do CEDOP, as dinâmicas utilizadas mexiam profundamente com a sensibilidade das pessoas, despertando a sua criatividade, tornando-as espontâneas e participativas. Reforça ainda a ideia de que, na medida do possível os meios utilizados estavam ao alcance de todos, para facilitar a devolução dos conteúdos às bases. Santana (1998) revela que as assessorias atingiram, sobretudo, as organizações do Nordeste, e a extrapolação regional se deu através do Curso de Inverno. O exterior também se beneficiou com tais assessorias, diz ele.

Com raríssimas exceções, a quase totalidade das assessorias do CEDOP foi feita por Heliton Santana. O objetivo primordial do MTP consistia em incentivar a construção de espetáculos, que se desenvolvia na lógica interna do processo, na fase

²⁶ Centro de Defesa dos Direitos Humanos Margarida Maria Alves que nasceu na Arquidiocese da Paraíba, tendo tido uma filial em Santa Rita na década de 1980.

que antecede a todo produto de criação, antes da intervenção do espectador e no âmbito de montagens profissionais de teatro (SANTANA, 1998).

Nosso protagonista evidencia a necessidade de criar espetáculos mais impactantes e reivindica um teatro político e popular acreditando não ser possível fazer política sem o engajamento total do espectador. Como ele próprio diz, “é no trabalho com a pessoa e a personagem que sei fazer teatro” (SANTANA, 1998).

O CEDOP ocupava um espaço na TV Cabo Branco – JPB durante a semana, com uma apresentação de cinco minutos. Heliton Santana fazia os livretos da Campanha da Fraternidade escrevendo os roteiros, era também redator e documentarista. Fazia documentação utilizando-se de slides, depois o vídeo k7. O CEDOP era a mola-mestra da documentação, diz Marta Santana em entrevista (2018).

A ideia de que o CEDOP tinha o experimental, mas era muito profissional foi reforçada por José Barbosa, ex-membro desse Centro:

Esse trabalho ajudava a comunidade a entender o que estava acontecendo no país. Na Campanha da Fraternidade Heliton Santana preparava uma cartilha, um bloco de slides e um pequeno vídeo. Tinha muito subsídio para que o pessoal discutisse. Ele tinha uma concepção da própria igreja popular [...]. Uma capacidade, concepção teatral fantástica. Ele tem isso muito presente! Conseguia traduzir uma ideia no teatro. Ele era muito bom ator e tinha um grupo de teatro que trabalhava e, quando ele morre, em Santa Rita teve, muita gente que lamentou a perda que o teatro popular perdeu com a ida de Heliton²⁷.

Sobre o CEDOP e sobre Heliton Santana, D. José Maria Pires argumenta:

Antigamente você só usava da palavra. Hoje a palavra você usa também, mas se você não tiver os meios de comunicação áudio visuais, a palavra atinge, mas atinge muito pouco. Ele fazia essa parte de visitar, de ouvir as pessoas. Fazia a outra parte de procurar material. Olhe, preparava às vezes cenas, levavam aquilo para o interior. O Heliton então tinha uma capacidade para dizer ... (NUNES, 2015).

Ainda falando sobre o papel do CEDOP, Nunes (2015) assegura que:

²⁷ Documentário CDP- PB. CEDOP: Memórias de Fé, Luta e Arte. Direção, produção e edição Gildázio Dantas Nunes. Departamento de Comunicação - UFPB. 2015.

No momento dos conflitos sociais e de sua parceria com D. Helder Câmara, D. José Maria relata: “aí que entra toda a parte da santidade de dom Helder. Se prendia, e a gente tinha que organizar o maior número de pessoas para ir lá quando estava preso. Para fazer o quê? Para ficar lá rezando. Rezando, cantando.

Antes de deixar o CEDOP, Heliton Santana escreve aos seus amigos e amigas. Vejamos a seguir:

Santa Rita, 26 de dezembro de 1998.

Queridas Amigas e Caros amigos,

Agora que disponho de mais tempo e estou bem melhor de saúde, decidi escrever as minhas memórias, com o objetivo de registrar a minha prática política. É evidente que a militância resulta de um somatório, porém, nesta memória do CEDOP (Centro de Comunicação, Educação e Documentação Populares), quero sem vedetismos e sem desmerecer a ninguém, evidenciar-me como um dos protagonistas.

É óbvio que toda e qualquer atividade é passível de erros. Todavia, o que me importa, nesta memória, são os acertos, os frutos que vitalizam a existência do CEDOP, revigoram as minhas ações e energizam as lutas populares.

Este texto foi escrito num fôlego só, acompanhado pelo ritmo de um coração apaixonado. Portanto, se houver dados incorretos, eles resultam dos meus próprios limites enquanto arquivo humano.

Desde já os meus agradecimentos pela paciência de ler este texto, um dos capítulos da minha História. Fraternalmente, Antonio Heliton Santana.

O CEDOP faz parte da história dos movimentos sociais da Paraíba. Desde sua criação até a extinção, o Centro promoveu atividades e registrou outras, programadas ou em tempo real, como por exemplo, os conflitos de terras. Divulgou e difundiu seus produtos, resultados das tecnologias informacionais e da comunicação (TIC's), promovendo uma constante validação da memória proletária, com uma proposta alternativa dentro da comunicação paraibana, mas de caráter profissional (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998).

A extinção do CEDOP se deu por falta de incentivos da arquidiocese, que no momento de sua extinção era pastoreada pelo arcebispo dom Aldo Pagotto, e das próprias instituições internacionais. A saída de Heliton Santana do CEDOP deixou uma grande lacuna na organização, onde o mesmo desenvolvia diversas funções

operacionais, inclusive a de relações públicas, captando recursos junto a instituições filantrópicas europeias (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998).

O acervo do CEDOP se encontra dividido entre o Arquivo da Arquidiocese da Paraíba (acervo documental) e o Sindicato de Trabalhadores da Construção Civil (acervo fílmico) em João Pessoa, disponíveis a população para consultas e pesquisas. Em 2006, Heliton Santana foi citado num capítulo de dissertação de mestrado em educação, cujo título é: “A dimensão pedagógica do teatro: reflexões sobre uma proposta pedagógica” de José Ricardo da Silva Araújo, da Universidade Federal de Alagoas. Salientamos ainda o Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação – DECOM-UFPB, de Gildázio Dantas, que desenvolveu um documentário sobre Heliton Santana.

Perante o exposto esperamos ter localizado, ainda que brevemente, os aspectos fundamentais inerentes ao debate sobre o CEDOP. Reconhecemos que o exposto, em termos de democratização da estrutura das associações, só o historicamente foi possível revelar, pois a busca de sua superação é a utopia a perseguir.

5.2 O MOVIMENTO NEGRO NA PARAÍBA

Na peça teatral “Axé-Resistência Negra” um trecho da música do compositor paraibano Sivuca e do carioca Paulo César Pinheiro, gravada por Clara Nunes, traduz um pouco da memória do povo negro no Brasil:

No sertão mãe Preta me ensinou,
Tudo aqui nós que construiu,
Filho tu, tem sangue nagô,
Como tem todo esse Brasil.

A categoria movimentos sociais até meados do século XX designava o movimento operário, referindo-se às organizações da classe operária em suas mobilizações, sindicatos e partidos. Doimo (2008) chama atenção para o fato de que até os anos de 1960, falar de movimentos sociais era sinônimo de falar da classe

operária, pois a organização em sindicatos e partidos seria sua forma mais acabada de organização racional. O autor considera que a década de sessenta trouxe mobilizações que se proliferaram e ganharam grande visibilidade por serem diferentes do movimento operário. Eram os chamados novos movimentos sociais.

Como assegura Alonso (2009) o cenário do movimento negro no Brasil, as experiências de luta da população negra acontecem desde a formação dos primeiros quilombos; das revoltas das quais os africanos escravizados e seus descendentes foram protagonistas; das irmandades de santo; da denúncia ao racismo pela imprensa negra e tantas outras formas de resistência à escravidão e, por conseguinte, a violência (ALONSO, 2009).

Na Paraíba, Agentes de Pastoral Negros (APN's) foram as primeiras organizações eclesásticas negra do país, salvaguardadas pela memória nacional desta pastoral, fundada em 1983 (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998). Esclarecemos que a memória do Movimento Negro (MN-PB) será vista aqui neste trabalho, a partir do que apuramos no arquivo pessoal de Heliton Santana, isto é, de sua produção intelectual e artística ao longo de uma produção documental de mais de quatro décadas.

O empenho solitário de Heliton Santana em construir um esboço de um inventário, a saber: Agentes de Pastoral Negros da Paraíba (APN's) dos APN's-PB, possibilitou que ele reunisse elementos documentais para escrever a trajetória desse movimento dentro do MN-PB, além de salvaguardar parte de sua memória através de uma documentação expressiva, organizada em seu arquivo pessoal e até então inédita.

Esclarecemos que o Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização pioneira na luta do Povo Negro no Brasil. Fundada no dia 18 de junho de 1978, e lançada publicamente no dia 7 de julho, deste mesmo ano, em evento nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em pleno regime militar. O ato representou um marco referencial histórico na luta contra a discriminação racial no país. O MNU contribuiu com a formulação de demandas do movimento negro à Assembleia Constituinte de 1988, que deu origem à Constituição Cidadã.

Nas palavras de Freire e Freire (2010), a informação Movimento Negro na Paraíba “é um fenômeno que ocorre no campo social e pressupõe para a sua existência algumas condições básicas como o ambiente social, os agentes e os canais” (FREIRE e FREIRE, 2010, p.15). A organização do movimento negro é importante para a memória dos movimentos sociais na Paraíba, por isso reafirmamos que não é possível estabelecer uma relação memorialística desse movimento sem fazermos referência a um dos expoentes centrais, aquele que o idealizou e militou por esta causa até o fim de sua vida: Heliton Santana.

Ele desponta num contexto de organização dos movimentos eclesiais e sociais na América Latina a partir da década de 1970. Neste ambiente social, como agente emissor de informação, Heliton criou condições a partir de instituições como o Centro de Defesa dos Direitos Humanos Margarida Maria Alves e o Centro de Documentação Popular (CEDOP); também produziu e difundiu essas informações, fruto de uma militância engajada no cerne dos movimentos sociais dos quais ele fundou, participou e deu formação em momentos simultâneos ou não (Arquivo Pessoal de Heliton Santa).

Como observa Araújo (2004), a memória do negro no Brasil está atrelada ao estigma que alimenta o preconceito e vai descortinando um passado sofrido, que deixou marcas profundas no confronto com a impunidade de tanto sofrimento e tamanha violência física e moral, perpetradas contra uma raça humana. Araújo (2004) afiança que destituíram os negros de sua própria identidade, torturaram o seu corpo e aniquilaram o patrimônio de sua cultura. Para ele, o estigma reforça a memória do negro demarcando um mundo utópico, onde a diferença não seria obstáculo para a sua integração à sociedade (ARAÚJO, 2004).

Para Araújo (2004), na ambiguidade de nossa história, de que são vítimas os negros, numa sociedade que os exclui dos benefícios da vida social, essa mesma sociedade é capaz de consumir a cultura perpassada pelo negro, seja a música, a dança, a comida, a festa de negros, esquecida de suas origens. Para o autor (2004), trata-se de uma cultura que guarda através de sua história, um rastro de negros africanos e brasileiros, mulatos e cafuzos, construtores silenciosos de nossa identidade.

Na esteira temática da escravidão no Brasil, Domingues (2007) entende que esse tempo é marcado pela memória do castigo, da violência exercida sobre o corpo escravizado, do poder e da crueldade senhoriais. Domingues (2007) vê que essa memória do castigo se une à da resistência, das fugas para escapar do controle e do domínio senhorial. E complementa falando da herança codificada à memória da escravidão, da emancipação e da afirmação identitária.

Sabemos que após a abolição da escravatura, os negros passaram a habitar guetos e comunidades, como forma de proteção, e em razão da falta de oportunidades de trabalho e de sobrevivência mesmo. Para Domingues (2007), entre as reivindicações do Movimento Negro está a compensação por todos os anos de trabalho forçado e à falta de inclusão social após esse período, e reconhece ainda: “a falta de políticas públicas destinadas à maior presença do negro no mercado de trabalho e a aplicabilidade das leis que buscam a criminalização do racismo e a plena aceitação e respeito à cultura e herança histórica” (DOMINGUES, 2007, p.36).

No ano 1950, inaugura-se a primeira grande fase de conversas, reuniões, encontros, seminário, congressos sobre um caminho afro brasileiro. Mas apenas em 1978, nasce o Movimento Negro Unificado (MNU) no Brasil (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998).

Na década de 1970, não havia na Paraíba organizações negras, mas o campo era fértil (SANTANA, 1998). Como assegura Santana (1998), a vinda do arcebispo dom José Maria Pires, de Minas Gerais, para cá, foi num corredor de ventos da teologia da libertação, então ascendente na América Latina. Logo que ele chegou à Paraíba, recebeu dois codinomes: dom Pelé e dom Zumbi, em alusão a sua afirmação da identidade étnica racial, mas preferindo ser identificado por dom Zumbi, em homenagem ao guerreiro de Palmares.

Como um grande expoente do Movimento Negro Unificado do Brasil, sendo os APN's da Paraíba, Heliton Santana desponta como colaborador da criação Primeira Organização Eclesiástica Negra do país. O documento sobre os APN's pode servir como base para a salvaguarda da memória nacional desta pastoral, fundada em 1983 e sem produção abrangente que se tenha registro na academia. Podemos afirmar que esse documento faz parte da história de Heliton Santana, de sua produção intelectual

e artística, ao longo de uma produção documental de mais de quatro décadas, conforme apuramos em diversos documentos abrigados no seu arquivo pessoal.

No início da década de 1980, Heliton Santana fundou em Santa Rita o grupo Kumbi, dentre outros, de consciência negra, que engendrou nos agentes pastorais negros (APN's) e no movimento Negro da Paraíba. Criou também o projeto cultural “Baú Aberto” com o objetivo de promover os artistas locais, a saber: poetas, cantores, escritores, entre outros. Participou como formador de pastoral, da pastoral do índio, do menor, da juventude do meio popular, da terra, e do movimento dos adolescentes e crianças (MAC) (Arquivo de Pessoal Privado de Heliton Santana, 1998).

Nossa pesquisa nos leva a conhecer parte de uma história dos APN's, inserida nos documentos pertencentes ao arquivo pessoal de Heliton Santana, do qual sou Curador, e até então intacta. Assim ele apresenta:

História: Entidade negra cristã católica de âmbito nacional surgiu na Paraíba, no início da década de 80, por iniciativa do Grupo União e Consciência Negra que nos enviou uma representante de São Paulo por intermédio de D. José Maria Pires, pastor de Arquidiocese da Paraíba na época. Os contatos locais foram feitos com Antonio Heliton de Santana, em Santa Rita, onde se fundou o grupo Kumbi, em homenagem ao quilombo de mesmo nome que existiu neste município, e com Jairo Umberto Amorim, em Itabaiana. [...] Com a Campanha da Fraternidade 88, cujo tema foi OUVI O CLAMOR DESTE POVO (grifo do autor), assumida veementemente por esta Igreja Particular, a questão negritude despertou bastante interesse, animando os grupos de negros existentes, fazendo surgir outros, levando comunidades a terem uma maior identidade afro em suas celebrações e centros de formação a considerarem os formandos negros. Para que tudo isso acontecesse, o serviço de comunicação da Arquidiocese da Paraíba elaborou a cartilha APAGAR AS MARCAS DAS CORRENTES DE ONTEM QUEBRANDO AS CORRENTES DE HOJE, fazendo o vídeo OUVI O CLAMOR DESTE POVO NEGRO, grafando camisas e bolsas, produzindo a remontagem do espetáculo AXÉ, do TELL, e adquirindo subsídios de outros. (SANTANA, 2000).

Ainda em relação aos APNs, Heliton Santana elenca alguns elementos como Bandeiras de Lutas. Vejamos (**Quadro 7 e 8**):

Quadro 7 - Espetáculos do TELL

A) Estímulo á auto-estima por reconhecimento dos valores da nossa etnia.
B) Combate ao racismo com assistência psicológica, jurídica e pedagógica, e tentativa de superação do preconceito no agressor.
C) Releitura da história, D) Formação permanente dos integrantes.
D) Formação permanente dos integrantes.
E) Espírito de solidariedade a todos os injustiçados.

Fonte: SANTANA (2000).

Quadro 8: O uso da Metodologia

A) As necessidades da base explicitadas por si e/ou sentidas pela militância
B) A participação como exercício do poder de decisão e não execução
C) O uso de meios pedagógicos que facilitem a compreensão e a irradiação do saber junto á base
D) Maior investimento nas pessoas que se destacam como servidores da causa

Fonte: SANTANA (2000).

A base que integra os APNs - PB é também relatada nesse documento: “Integram os APNs - PB, comunidades de antigos quilombos, grupos artísticos, grupos de capoeira, grupos de alfabetização, grupos de jovens, grupos de formandos, terreiros e outros” (SANTANA, 2000).

Sobre a Identidade da APNs - PB, Heliton Santana (2000) assegura que:

São compostos de membros de várias etnias, sobretudo negros, o que significa dizer que a entidade é aberta á participação, á luz dos quilombos, desde que pessoas de qualquer etnia adiram ao projeto de uma relação multiétnica harmônica, com os mesmos direitos e oportunidades, bem como respeito ás especificidades de cada povo; empobrecidos; de ambos os gêneros e de opções sexuais diversas; de diversas faixas etárias; de graus de escolaridade de analfabeto a profissional universitário; de nacionalidades diversas - brasileiro, africano, italiano, norte-americano; de uma gama de profissionais - agricultor, cozinheiro, costureiro, professor, artista, estudante...

A memória evocada aparece no tecido social como uma resposta ao silenciamento milenar da igreja católica em relação ao negro, como asseveram Dagnino (1994), Domingues (2007), Doimo (2008). Chauí & Franco (1978) entendem que a teologia da libertação que eclode em solo fértil, revolucionário num contexto

latino americano é um intento de grupos ditos subversivos deste novo cristianismo, aberto ao novo em sua liturgia, e novos(as) agentes sociais emergem. Para Nunes (2015), inicia-se aí um processo de formação que se faz necessário para garantir a organização de quadros desses novos grupos que estavam dispostos a lutar contra as práticas engessadas da tradição apostólica romana.

No Nordeste brasileiro, a parceria dos arcebispos dom Hélder Câmara e dom José M. Pires expandiu-se em várias cidades da região. Muitos padres progressistas abraçaram esta teologia, a exemplo do padre Paulo Koellen de Santa Rita, então pároco de Heliton Santana.

Como disse Lima (2015, p.38) em Santa Rita nasceram pessoas memoráveis:

O poeta Américo Falcão, André Vidal de Negreiros, Amaro Gomes Coutinho que participou da Revolução de 1817 e **Heliton Santana** (grifo nosso), artista popular que fundou o Movimento Negro da Paraíba e o Movimento de Teatro Popular (do Oprimido) do Nordeste. Heliton atravessou o atlântico com sua arte engajada e foi registrado pela BBC de Londres, deixando um grande legado revolucionário aos militantes dos movimentos sociais, sendo seu casamento e velório, acontecimentos que marcaram a história local por terem caráter de ineditismos (LIMA, 2015, p.38).

Os Agentes de Pastoral Negros (APNs) contribuem para o pertencimento étnico, renovação de ideais e fortalecimento da entidade e tiveram início:

A partir de reuniões entre intelectuais negros e religiosos dentro da Igreja Católica, e, se fortaleceu durante a organização da Campanha da Fraternidade 1988, com o tema “Ouvir o clamor desse povo”, foi um marco e deu ênfase para população afro-descendente e o centenário da Abolição da Escravatura (www.geledes.org.br).

Trata-se de uma instituição voltada para organização, conscientização, fé e luta. Preocupa-se com a criação de políticas públicas e ações afirmativas que garantam à população negra o acesso aos direitos e à cidadania. Nesse entendimento, Heliton Santana seguia organizando mecanismos de monitoramento e realização de palestras no intuito de conscientizar a população dessas necessidades (**Quadro 9 e 10**):

Quadro 9 - Organização da APNs - PB

A) Grupos de base
B) Áreas que são formadas pelos de base da mesma região geográfica
C) Coordenação Geral, que é composta por militantes que acompanham as áreas.

Fonte: SANTANA, 2000.

Quadro 10 - Tarefa dos militantes

A) Visitas aos grupos de base
B) Assessorias aos grupos de base, áreas e eventos estaduais
C) Elaboração de subsídios (folders, cartilhas, vídeos, jornal, artigos para divulgação em publicações de outros)
D) Captação de recursos
E) Contatos com os meios de comunicação
F) Firmação de parcerias com órgãos públicos e associações diversas
G) Representação em eventos regionais, nacionais e internacionais
H) Articulação com outras pastorais sociais;
I) Apoio e participação em entidades e eventos gerais em defesa da cidadania.

Fonte: SANTANA, 2000.

Quanto à integração e parcerias nos APNs Heliton Santana destaca:

Ao conjunto de pastorais sociais da Arquidiocese da Paraíba e ao movimento social como um todo, além de se reconhecerem como entidade componente do MNPB, razão pela qual desenvolvem atividades em conjunto com este: elaboração de subsídios, realização de eventos (encontros de formação e articulação), participação em seminários e debates, criação do Disque Racismo etc. (SANTANA, 2000).

Das duas parcerias, destaca-se uma com a Curadoria de Defesa dos Direitos do Cidadão e outra, com o Conselho de Psicologia da Paraíba e do Rio Grande do Norte, afora um estreitamento com a Secretaria de Justiça e Cidadania. Os fundos para manutenção dos APNs - PB:

São oriundos de partilha dos grupos de base, colaboração da comunidade, doação de entidades, assistência de órgãos públicos e solidariedade de organizações internacionais e amigos. Os APNs em parceria com o MN-PB têm assessorado e apoiado grupos de mulheres, movimento homossexual, escolas de todos os níveis, pastorais etc.". e que sobre os Serviços de assessorias em parceria com

o MN-PB são: “Danças afro-primitivas, elaboração de projetos para captação de recursos, releitura histórica, capoeira, culinária afro-brasileira, percussão ritual, palestra, elaboração de subsídios gráficos populares, roteiro, direção de vídeo (SANTANA, 2000).

Nesse mesmo documento, Heliton Santana (2000) faz um traçado dos APN's paraibanos, situados nos seguintes municípios: João Pessoa, Santa Rita, Gurinhém, Alagoa Grande (sede, Zumbi, Canafístula e Caiana), Santa Luzia, Pombal, Catolé do Rocha (sede, Lagoa Rasa e Vertente), Itabaiana, Conde, Areia e Juarez Távora. Todos eles sob a coordenação de Solange Cavalcante, Maria José dos Santos (Mazé), Pe. Luiz Zadra, Antonio Heliton de Santana, Marlene do Nascimento Brito e Francisca Maria (Bidia), explica Heliton Santana (2000).

O empenho de Heliton Santana na construção de um esboço dos APN's - PB, resultou no destaque de elementos documentais dentro do movimento do MN-PB, e também de salvaguardar parte de sua memória através de uma documentação farta, ainda inédita e consta no seu arquivo. Trata-se de um trabalho sério, idealizado e bem produzido sobre APN's - PB. Assim, o conhecimento existe assim nos limites de um horizonte de pré-compreensão:

Um horizonte de pré-partilhado pelos que habitam um mundo em comum. Antes de elas serem objeto de conhecimento, lidamos com as coisas, nos contextos habituais e práticos de nossas formas de vida, como pragmáticos. Esses campos pragmáticos de possibilidades em aberto são os contextos constitutivos das práticas de informação, também no sentido linguístico de contextos (GÓMEZ, 2011, p.35).

Constatamos a partir de vivências pessoais, que os APNs, assim como parte das pastorais sociais perderam forças a partir do retorno de Dom José para Belo Horizonte, sobretudo após a sucessão de Dom Marcelo Cavaleira por Dom Aldo Pagotto. Sendo que Dom Aldo Pagotto faz parte da igreja conservadora, reacionária, porta voz do movimento político direitista do País, conforme suas aparições na imprensa em prol do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff em 2016.

Com o fim dos APN's parte de sua memória, sobretudo documental se perdeu, restando algumas informações no arquivo da Cúria Metropolitana em João Pessoa e

parte do que cada militante guardou, além da memória coletiva e individual de cada militante e do acervo fotográfico de Heliton Santana Sobre a produção de Heliton Santana, alguns de seus escritos foram coletivos, como o Jornal Negra Voz e outros documentos. Mesmo sendo coletivos, teve sua redação final.

No desenvolvimento desta pesquisa, fomos percebendo a confluência das informações prestadas por Heliton Santana sobre os APNs e o Movimento Negro. O primeiro documento foi escrito em 2000 e o segundo em maio de 2010.

No ano de 2010, quando escrevia a dissertação de mestrado no PPGCR-UFPB, telefonei para Heliton solicitando um breve histórico do movimento negro na Paraíba. Para minha grata surpresa, logo veio a resposta:

Meu querido Valdir,

Recebi com prazer a sua ligação. Na oportunidade você me solicitou uma síntese da história do Movimento Negro da Paraíba. Logo após a ligação, deparei-me com a seguinte pergunta: Movimento Negro enquanto entidade, como práticas de entidades afins, porém não articuladas, ou ambas? Não disponho de arquivo algum. Não tenho em memória tantas informações quantas o seu mestrado exige, todavia disponho-me a catar o que está no fundo do cérebro. E mais, ainda que o seu pedido fosse antecipado e eu não “free lance”, o arquivo do MN/PB está em litígio, segundo a última informação que tenho a respeito. Seria interessante uma memória coletiva das pretas e dos pretos velhos que participam e participaram do Movimento Negro da Paraíba. Desse modo, a visão seria real. Espero leiam e corrijam o texto. Uma questão insiste desde o momento em que assumi a tarefa em exercício: Qual o valor científico desta memória solitária? Porém, compromisso é compromisso. Aqui está, meu amado afilhado, filho de Iemanjá, o que você me pediu. Espero que lhe seja útil considerando o prazo para entrega da sua dissertação
Heliton Santana, 2010.

As informações que eu havia solicitado, sobre o histórico do movimento negro na Paraíba foram chegando ao meu email, de forma bem resumida. Também fora enviada uma Cartilha escrita coletivamente sobre esse movimento.

Enviou ainda alguns dados sobre *A Formação e Constituição de Grupo de Militância Negra*, uma realização do Movimento de Ação Negra em 1999, denominado de MOVANE e lançado na livraria *O sebo cultural*, além dos textos teatrais: *Axé Resistência Negra*; de 1985, Daruê; de 1995, *Jornal Negra Voz das*

décadas de 1990-2000; processos do Disque Racismo (PB); alguns de seus poemas sobre o assunto tratado.

A história do Movimento Negro é dividida por Heliton Santana em sete etapas, como uma forma de sintetizar as reivindicações ao longo da História pelos direitos da população negra, que sofre com o racismo estrutural e suas consequências, como se pode conferir a seguir:

I ETAPA

O MNU - Movimento Negro Unificado, entidade de caráter civil, surgiu em 1978. Como o próprio nome o define, propunha como prioridades, dentre outros objetivos, tomar iniciativas em defesa da causa étnico racial negro e articular as organizações afins. Porém, considerando-se o contexto histórico - Ditadura Militar de 1964, o MNU extrapolava as questões relativas ao afro-brasileiro. O meu contato com os gametas, ovo ou MN teve início no final da década de 1970, em João Pessoa - PB.

No início da década de 1980, após um grande encontro (regional ou nacional (?) realizado em João Pessoa cuja kizomba se realizou em Santa Rita. O MN passou a ter visibilidade em João Pessoa e, em seguida, em Campina Grande. Paralelamente, mas não adversária ao MN, uma organização eclesial foi implantada na Paraíba: GRUCON - Grupo União e Consciência Negra. Uma representante de São Paulo, a convite de D. José Maria Pires, socializou conosco objetivos e práticas do GRUCON. De início surgiram dois grupos: o Kumbi, em Santa Rita, e o Grupo de Negros de Itabaiana, coordenado por Jairo Umberto Amorim. Posteriormente, o Grupo de Jovens do Jardim Planalto - João Pessoa se identificou com a causa (SANTANA, 2000).

Aquino (2011, p.11) parece corroborar com o pensamento de Santana ao afirmar que “As atuais condições de produção estão postulando novas formas de fazer ciência que desestabilizem os velhos estilos de pensamento e as práticas sociais discriminatórias”. Segue a autora:

Nessa perspectiva, exige-se uma produção do conhecimento que privilegie a diversidade, a localidade, a especificidade e o contingente, criando um mundo onde os atores sociais possam traçar seu próprio caminho, sem a ajuda das grandes metas narrativas que dominaram o mundo, as pessoas e o conhecimento (AQUINO, 2011, p. 11).

Seguindo uma cronologia de acontecimentos do MN-PB, Heliton Santana registra a etapa II e etapa III. Vejamos:

II ETAPA

Com o tempo, por razões que desconheço, o MNU passou a ser denominado MN/PB - Movimento Negro de João Pessoa. Por sua vez, os negros engajados na ação pastoral assumiram a denominação APNs - Agentes de Pastoral Negros, pois o GRUCO N extrapolava os limites do cristianismo, contudo os APNs - PB nunca se fecharam às Religiões Afro-brasileiras, segundo algumas comprovações: seminários com assessoria de integrante desses credos e do Pe. Heitor Frisotti - especialista no assunto; cordel sobre as expressões de fé de matrizes africanas; visitas a terreiros; ações conjuntas; artigos esclarecedores, no periódico *Negra Voz*, sobre as religiões de afro brasileiras; co-fundação e realizações do ERO - Encontro da Religião dos Orixás; participação de Doné Renilda de Oxóssi no vídeo *Motumbá Axé*, no qual há entrevistas também com o Pe. Heitor Frisotti - especialista em religiões afro brasileiras, e D. José Maria Pires” (SANTANA, 2010).

III ETAPA

Tempo, senhor da história. Os APNs passaram a atuar em toda Paraíba: articulação, formação, elaboração de subsídios, contatos com comunidades negras e quilombolas. Além disso, eram articulados em nível regional e nacional, o que não acontecia com o MN/JP, uma vez que a entidade recém mencionada, pelo próprio nome, limitava a sua prática a João Pessoa, porém se articulava com Campina Grande.” (SANTANA, 2010).

Historicamente, os grupos tidos como minoritários não eram, necessariamente, em relação a dados estatísticos. Para Heliton Santana:

Mas que não têm visibilidade, voz, espaço dentro da produção acadêmica, são ainda muito incipientes, acanhadas por assim dizer e, até por assim o ser. Escrever sobre esses grupos nos deixa na vanguarda sobre temas diversos onde pouco ou nada se escreveu, contribuindo para que a memória desses grupos não desapareça para as gerações vindouras” (SANTANA, 210).

Autores como Scherer-Warren (1987); Dagnino (1994); Doimo (2008), dentre outros, asseguram que nos países que a população negra sofreu com a escravidão, o Movimento Negro é uma força histórica que sempre buscou alterar a situação de

opressão vivida por essas pessoas. Nesse sentido, seguem-se mais três etapas, propostas por Heliton Santana, classificando a história do MN:

IV ETAPA

Das atividades desenvolvidas pelo MN/JP, que contemplavam cultura, formação, articulação e intervenção política, a cultural era a de maior receptividade, com as kizombas no Hotel Globo. Em seguida, a atuação política tornou-se mais incisiva. A Câmara Municipal e a Assembléia Legislativa tornaram-se espaços de denúncias reivindicações.

V ETAPA

Fim de década de 80, e parte de 90. O MN abre asas. As ações, assim como o aumento do campo geográfico e, conseqüentemente, do contingente negro ampliaram-se. Isso resultou da participação dos APNs no MN.

No começo havia dificuldade, resultante da histórica da Igreja ao negro, à escravidão. A convivência cuidou de sanar a ferida, graças ao posicionamento contrário da Igreja Particular da época, sob o pastoreio de D. Zumbi.

Foram muitas as conquistas, algumas das quais: abertura do periódico *Negra Voz* para uso do MN; criação do *Disque-Racismo*; estímulo para o MN assumir os encontros em nível de estadual com apoio também dos APNs; inclusão do Ensino da História e da Cultura (africana e brasileira) na rede pública estadual; participação no processo de concepção do Fórum da Diversidade Étnico racial.

VI ETAPA

O Movimento Negro Organizado, como se nomeia hoje, ampliou a sua base e, por conseguinte, as suas ações. Além disso, colaborou com nascimento do mencionado fórum, articula-se com instituições não afins, como a UFPB, através de departamentos relacionados à causa.

O fato é isso contribui para maior envolvimento da sociedade, ampliação e aprofundamento da questão étnico racial. Há uma prática mais conseqüente. O meu afastamento temporário orienta-me que um contato direto com o fórum ou com a direção do mesmo é o caminho melhor para a atualização da prática do MNO (SANTANA, 2010).

As etapas descritas acima, propostas por Heliton Santana, conferem sua preocupação sobre o MN-PB. As décadas de 1980 e 1990 apresentaram caminhos de

muita organização, formação, afirmação interna e publicização do MNPB, em diferentes micro-regiões do estado.

O processo de estruturação do movimento social eclesialístico ou da sociedade civil organizada faz parte e confunde-se com a própria história de militância de Heliton Santana, partindo do pressuposto de sua condição de pertencimento étnico e a consciência crítica que ele desenvolveu ao longo de sua trajetória, ora pelo racismo diário enfrentado pela população negra, ora pelo desejo de pesquisar temas relacionados à sua vivência, o que o fez tornar-se um auto didata nessa militância social, quando ainda não havia grupos que o fizessem.

Por sua vez, a presença marcante e assumidamente negra do arcebispo dom José Maria Pires, que se identificou pela alcunha de dom Zumbi e também dom Pelé, contribuiu como uma ação afirmativa na vida de Heliton Santana, impulsionando-o à militância pelas causas sociais.

A abertura foi dada no “pastoreio” - termo utilizado por Heliton em seus escritos - de dom José, onde as pessoas animadoras das comunidades foram reflexo da efervescente força da Teologia da Libertação, junto ao espaço que Heliton conquistou dentro da cúpula da coordenação arquidiocesana como leigo, uma vez que não era sacerdote, em muito contribuiu para a fertilidade de se criar pastorais sociais, sendo os Agentes de Pastoral Negros, sua bandeira de luta que mais se destacou.

Houve durante toda trajetória de Heliton Santana uma visível preocupação com o registro das memórias dos movimentos dos quais ele fez parte, direta ou indiretamente. Há nele uma consciência com a limitação da memória individual e coletiva. Na VII e última etapa, por exemplo, ele chama atenção para a construção de um documento em que se evoque uma memória coletiva, de acordo com o trecho que se segue:

VII ETAPA

Neste registro, conforme a minha percepção limitada, porque pessoal, tenho a honra e o prazer saudosos de relacionar quilombolas que tem colaborado com o desenvolvimento do MN na Paraíba, enquanto integrantes da entidade e militantes em suas organizações.

É possível que alguns não sejam contemplados, a quem peço desculpas. Todavia, disponibilizo o texto para a inclusão dos demais. Na ocasião, vem-me à memória: João Balula, Paula Frassinte, Vandinho de Carvalho, Tânia Maria, Luiz Zadra, Socorro Pimentel,

Santiago, Doné Renilda d'Oxóssi, Solange Cavalcante, Valdeci, Antonio Novaes, Wellington, Vaninha, Bidia, Marlene, Solange Rocha, Margarida Gomes, Mazé, Efu, Arquicelina, Moisés, Jair, Francimar. (SANTANA, 2010).

A história registra que o MN na Paraíba, em qualquer das suas etapas, nos diversos contextos, tem dado a sua colaboração nas perspectivas da revelação da realidade sócio-política e cultural do negro, bem como a firmeza na efetivação dos direitos, quer os definidos oficialmente quer os exigidos pela realidade. Isto se faz de modo evolutivo, garante Heliton Santana (2000). Na oportunidade, ele faz um agradecimento: “Agradeço ao Valdir, pela oportunidade que me suscitou de escrever estas memórias. Ao MN, que tem sido uma escola para mim e, por isso, no momento, embora distanciado da entidade, acompanho-o como a um mestre, através dos e-mails e da mídia. A ambos, com os quais, estou sempre à disposição para aprender” (SANTANA, 2000).

Ilustração 20 - Ala Kzomba do Bloco Segura o Bagaço - Carnaval de Santa Rita, 2005.
Atividade do MN-PB: Cultura e Ação Afirmativa.



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

O MN-PB encontra-se ativo em suas derivações de ações, com seus militantes, vanguardistas que não abandonaram a militância, incluindo-se, dentre tantos outros, Jacinta de Fátima, Dora Delfino e José Roberto, que militaram ativamente na causa. Algumas das pessoas aqui citadas são doutores e estão na academia (UFPB), a saber:

Antonio Novais, Solange; e UEPB: Valdeci e Vaninha (Ivonildes); outros trabalham em secretarias de Igualdade Racial do Estado e municípios, e os demais militam em suas cidades nos movimentos e mesmo em escolas públicas.

Há também outras pessoas que militaram em grupos e isoladamente, e uma nova leva de militantes no MN-PB que segue orientada pelo passado como: Mãe Verônica Lourenço; Mãe Lúcia Omidéyin; Pai Assis de Oyá; Verônica Lopes; Marli Soares; Terlúcia; Luciana Cândido Babosa; Luíza Barbosa; Alessandro Amorim; Almeida Ofá Odé; Tutu; Nai Gomes; Pai Carlos; Durvalina Rodrigues; Paulo Henrique; e Rodrigo Baima, dentre tantos outros que ajudaram a construir um presente onde se tem alguns avanços e conquistas, no entanto o preconceito racial segue crescente e velado no país.

5.4 VIDAS EM CENA: “BRINCANDO DE FAZER COISA SÉRIA”

Nas reuniões, encontros, apresentações de teatro dos grupos do Nordeste, uma frase bastante usada pelos artistas na década de 1970, e soava como “grito de guerra”:

Chegou,
Chegou o teatro popular.
Ele vem pra divertir,
Ele vem questionar (Domínio Público).

Araújo (2006) assevera que na década de 1970, já sob o peso da ditadura militar e a vigilância da censura oficial, ainda era possível encontrar focos da resistência na sociedade civil e observa que:

Também nesse contexto o Teatro Popular é uma das expressões de resistência ao regime ditatorial instalado no Brasil. Na cidade de São Paulo, por exemplo, são dezenas de grupos que surgem e começam a atuar. Uma experiência que se deu, e forma semelhante se encontra em outras capitais do país (ARAÚJO, 2006, p.80).

Criando e encenando espetáculos, Heliton Santana seguia seu rumo. Os espetáculos eram apresentados no Brasil e também no exterior, exibidos em praças,

sindicatos, escolas, feiras, associações várias. Os aplausos confirmavam os valores artísticos e políticos dos espetáculos por ele encenados.

O teatro popular como articulação regional começou em 1985¹, promovendo cinco encontros. A Paraíba integrou a Comissão Regional, da qual Heliton Santana foi assessor, participando inclusive dos encontros regionais, alguns assessorados por ele mesmo. A articulação entre o Centro de Documentação Popular (CEDOP) e o Movimento do Teatro Popular (MTP) esteve sob responsabilidade de Heliton Santana. Para ele:

Tanto a organização do Movimento de Teatro Popular em nível do estado da Paraíba quanto em âmbito regional, o CEDOP deu seu apoio através de: formação, pesquisas, produções, articulação, documentação, divulgação, cessão de espaço para reuniões, encontro, ensaios e disponibilidade de telefone, fax e transportes. Em 1992, o Movimento de Teatro Popular desvinculou-se do CEDOP, porém continuou caminhando em parceria (SANTANA, 1998, p.3).

Heliton Santana começou a fazer teatro aos cinco anos de idade. Foi rei e pastor da Lapinha de Dona Francisca que, por promessa, a cada ano montava esse Auto de Natal na minúscula sala da sua residência, no antigo Bairro do cercado, atual Liberdade, em Santa Rita-PB. A coroa de papel de capa de caderno, enfeitada com areia prateada e um manto de laquê, o transformavam no rei pretinho, o Rei Baltazar. Como afiança o próprio Heliton, “O povo se comprimia na porta e na janela para assistir, sob a luz de candeeiro, ao espetáculo de louvação pelo nascimento do Menino Jesus” (SANTANA, 1999, p.1).

Assim, ele passou a integrar o elenco de variedade que consistia, sobretudo, em pequenos atos cantados.

As meninas se vestiam com roupas de papel crepom enfeitadas com areia prateada. Cada pessoa pagava “10 tons” para assistir aos dramas na saleta da casa de dona Julieta e seu Nozinho, um casal de vizinhos da família de Heliton no bairro da Liberdade. Heliton fazia também parte do circo de quintal da casa de dona Áurea e seu João Martins, que eram seus vizinhos. Os momentos de danças eram acompanhados por uma orquestra de boca que se protegia com um lençol transformado em cortina (SANTANA, 1999, p.1-2).

Nosso protagonista fez um intervalo na prática teatral, retornando em 1973, com um jogral poema denominado de *Brasil Caboclo*, de Zé da Luz. No elenco, estavam alunos do ginásio Augusto dos Anjos, de Santa Rita, onde Heliton Santana atuou como professor. A referida experiência escolar deu origem ao grupo de Teatro Estudantil Luiza Lacet (TELL), cujo nome foi uma homenagem a uma professora daquele estabelecimento de ensino, dedicada à arte de representar.

5.4.1 O Teatro Popular

Com o desenvolvimento da consciência crítica dos seus integrantes, como esclarece Santana (1999) o nome do grupo foi mudado para *Teatro, Luta e Libertação*, garantindo-se a sigla já conhecida do público. A partir de 1978, graças a uma oficina de teatro, foi definida a linha política dessa prática teatral: um teatro comprometido com a causa do povo garante Santana (1999, p.3). Dentre os espetáculos do TELL, destacam-se:

Quadro 11- Espetáculos do TELL

NOME	DESCRIÇÃO
Cristo Nasceu	Louvação a Jesus com expressões culturais nordestinas
Prostituição	Denúncia das causas da prostituição
Descobrimento ou Invasão?	A questão indígena antes e depois da invasão portuguesa no Brasil
Axé	Negritude, escravidão e resistência
Alô-alô Brasil	Campanha pró-constituinte
Abandonados	Marginalização de crianças e adolescentes

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

O primeiro espetáculo do TELL, a ser apresentado noutra município foi *Cristo Nasceu*, exibido no sítio Gurugi, no Conde, em janeiro de 1977, a convite dos franciscanos que evangelizavam naquela área (SANTANA, 1999). Como assevera Santana, a partir de 1985, com a participação do TELL nos Encontros Regionais promovidos pelo setor de comunicação social do Regional Nordeste II, depois

denominado de Setor Pastoral de Comunicação Social, o TELL passou a ser conhecido nessa região. O Espetáculo representado na ocasião foi *Axé*.

Através de uma apresentação do espetáculo *Prostituição*, num Encontro Nacional do Movimento de Promoção da Mulher, em João Pessoa-PB, no início da década de 1980, o TELL começou a ser conhecido no Brasil, assegura Santana (1999).

O conhecimento do TELL no exterior aconteceu através da filmagem do espetáculo *Axé* pela BBC de Londres, intermediada pela irmã Mary Jô, da Congregação Sagrado Coração de Maria, em março de 1986. Os textos são fruto de criação coletiva total ou parcial, escritos por uma pessoa ou pelas equipes, porém submetidos à crítica do grupo. Quase sempre Heliton Santana quem os escrevia, ou só integrava uma comissão. A direção também era participativa, mesmo que a coordenação ficasse com uma pessoa ou equipe (Arquivo de Heliton Santana, 1998).

Quanto às personagens, cada um escolhia a sua ou recebia sugestão. Caso, após os ensaios, a pessoa não tivesse condições de construir a personagem, propunha-se a troca. Em se tratando de remontagem, o elenco era incentivado a permutar as personagens entre si. O figurino e adereços eram frequentemente sugeridos por Heliton Santana, todavia com observações e mudanças dos componentes do grupo (Arquivo de Heliton Santana, 1998).

Em se tratando da produção artística, Santana (1999) relata que:

Acontecia de várias maneiras: numa oportunidade buscava-se apoio de pessoas e organizações diversas; noutra ocasião, procurava-se uma entidade que pudesse produzir o espetáculo, como a Pastoral de Jovens do Meio Popular ou o CEDOP; noutra ainda, recursos do próprio grupo, de material do acervo do Departamento de Teatro Popular-Setor do CEDOP, e de percentual do CEDOP que cobriam as despesas.

Nosso protagonista informa que após cada apresentação, para reforçar o *feedback* que acontecia durante as exibições:

A plateia cantava as músicas dos espetáculos, aplaudiam cada cena. Eram feitos debates com o público sobre o tema desenvolvido no espetáculo. No que diz respeito ao cachê, não era cobrado, pois importava ao grupo a militância teatral. Uma vez ou outra recebiam uma gratificação. Esse dinheiro era utilizado para pagar passagens, quando quem fazia a solicitação não tinha condições de assumir o

transporte, bem como destinado à formação, ao lazer do grupo e à produção. Numa oportunidade, receberam até 8 cocadas como cachê. (SANTANA, 1999).

A metodologia utilizada pelos dirigentes no TELL beneficiava atores, plateia e comunidade, em termos de consciência crítica e participação, diz Santana (1999). Um exemplo de metodologia é o Axé. Para montagem desse espetáculo foram realizados os seguintes passos:

Cada membro do grupo socializava a sua genealogia; expunha o pensamento de sua família em relação ao negro; explicitava o seu pensamento a respeito da negritude. Viam slides a propósito da história do negro e refletiam com o kumbi, um grupo de negros de Santa Rita. Conversavam sobre religiões afro-brasileiras; visitavam terreiros; realizavam festas afro, com oração, comida, roupas, danças e ritmos. Por fim, foi constituída uma comissão para escrever o texto; submeteram-no à crítica do grupo e distribuíram as personagens, além de levantar recursos para a produção (SANTANA, 1999).

Heliton Santana diz que para atender aos convites, eles apresentavam os espetáculos em qualquer lugar:

Igreja, centro comunitário, escola, sítio, favela, margem de estrada. Em encontros diversos e nos mais variados eventos. Valia ir onde o povo estivesse presente. Socializar o teatro, devolvendo-o ao povo, consistia numa das principais metas desse grupo (SANTANA, 1999, p.8).

A figura de Heliton Santana e as lições que ele ofereceu por tantos anos, a saber: atuando nos palcos; escrevendo peças teatrais; produzindo espetáculos; participando de movimentos sociais na Paraíba, repercutem hoje em palcos e estúdios, abrigados no coração dos atores que conviveram com ele.

A propósito, sobre a construção de um teatro em Santa Rita, Paraíba, a Câmara Municipal, por meio de seus vereadores, argumenta que o assunto já foi mais do que discutido pelos artistas em diversos Fóruns e Conferências realizadas, bem como, no Conselho Municipal de Cultura. Já foi discutido inclusive o nome, que seria “Teatro Municipal Heliton Santana, em homenagem ao Santaritense, ator, precursor do Teatro do Oprimido no Brasil.

O Espetáculo Teatral *Descobrimento ou Invasão?* Fazia uma reflexão sobre a conquista do território brasileiro pela Coroa Portuguesa. Uma reflexão pelos olhos das pessoas exploradas, ou seja, os povos originários do Brasil. Com músicas do cancioneiro popular e informações sobre o processo de dizimação indígena, o espetáculo, rico em figurino e coreografias.

Já o espetáculo teatral *Abandonados*, montado no ano de 198, discutia a Campanha da Fraternidade do Conselho Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) que trazia o abandono de crianças pelas famílias como tema, refletindo sobre questões sociais como: êxodo rural, exploração do trabalho infantil, abuso sexual entre outros. Trazia como pano de fundo a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), percorrendo escolas e Comunidades Eclesiais de BASES (CEB's).

Por fim, o espetáculo *Alô-alô Brasil*, pretendia alertar o povo brasileiro para o processo de construção da Constituição Cidadã de 1988, alertando a população para discutir em suas comunidades sobre suas reais necessidades.

Ilustração 21 - Espetáculo Alô Alô Brasil. Centro Comunitário João Paulo II-Alto das Populares, Santa Rita



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Heliton Santana em suas criações teatrais reforçava sempre a abordagem sobre o teatro do oprimido, nos moldes de Augusto Boal, buscando sempre lutar contra todas as formas de opressão. Era um teatro de cunho político, libertário e transformador.

Como assevera Santana, a partir de 1985, com a participação do TELL nos Encontros Regionais promovidos pelo setor de comunicação social do Regional Nordeste II, depois denominado de Setor Pastoral de Comunicação Social, o TELL passou a ser conhecido nessa região. O Espetáculo representado na ocasião foi *Axé*.

Era a necessidade de colocar em cena uma diversidade de assuntos que representavam o dia a dia da comunidade negra paraibana, contribuindo com a valorização e divulgação da cultura negra, além das experimentações estéticas que aliaram à matriz africana ao teatro contemporâneo brasileiro.

Atrizes e atores negros cantavam, dançavam e se vestiam com elementos da cultura negra, em cena não apenas ornamentando-os, mas sim determinando a encenação do espetáculo, como ponto de força determinante. Esse encontro apontou um caminho para a encenação da peça *Axé*, dando pistas de como colocar em cena questões que já vinham sendo por eles abordadas.

A arte, a poesia da dança afro, a música negra brasileira foram decisivas para que o teatro popular, dirigido por Heliton, tomasse força. O intuito do grupo, mesmo de forma velada, era fazer com que a plateia saísse dali modificada.

Branca Barbosa revela que os espetáculos:

Os espetáculos mexiam tanto com as pessoas, ao ponto de modificar as relações entre mãe e filho, pai e filha, nas comunidades aonde a gente ia [...] Tinham mulheres que relatavam: “_ Ah, meu marido era muito ignorante, mas depois que ele viu o “drama” de vocês, ele não quer perder um” (Branca está se referindo aos espetáculos teatrais por apresentados (Branca Barbosa. Entrevista livre, 2019).

Tudo isso apontou um caminho que foi experimentado nos espetáculos. Muitos dos movimentos eram extraídos das danças africanas, fortalecendo as raízes da ancestralidade e da negritude. A capacidade de Heliton em produzir, dirigir e encenar contribuiu para o bom caminhar das peças teatrais e o grupo parecia não ter

medo da palavra e da luta assumida em cena, com discurso convergente com seus ideais políticos, religiosos e culturais.

Por ter encenado várias peças, a atriz Branca Barbosa afirmou que foi taxada de prostituta e, segundo o que ela nos relata:

Nessa cidade, nesse país, naquele tempo quem fazia teatro era considerada prostituta, fumava maconha... e nada disso aconteceu, comigo. Absolutamente nada (Branca Barbosa, Entrevista livre, 2019).

Branca Barbosa relata que entrou no TELL na montagem da peça Prostituição, e disse que tirava a roupa em cena e a colocava num biombo que cobria a parte acima do joelho dela. Quando o grupo se apresentava na rua, ela conta que tinham medo, mas Heliton as encorajava. Nesse clima de confiança, ela conta que:

Tinha alguns espetáculos que a gente trocava de roupa ali, na hora. Por exemplo, em Semeando Estrelas eu usava um colant preto. Eu e Marta, só de colant. Então passava um e dizia: "Gostosa!" Uma vez a gente se apresentou no SESC, no horário de almoço, botaram um tablado e agente se apresentando, tinha uma pessoa jogando dominó etc, o pau da bioca (jogo) batia na gente, a gente fazendo o espetáculo. (Branca Barbosa, Entrevista livre, 2019).

A figura de Heliton Santana e as lições que ele ofereceu por tantos anos, atuando nos palcos, escrevendo peças teatrais, produzindo espetáculos, participando de movimentos sociais na Paraíba, repercutem hoje em palcos e estúdios, abrigados no coração dos atores que conviveram com ele, mesmo depois de sua saída definitiva de cena.

Nos relatos de Branca Barbosa está viva a memória. Nesse sentido, Candau (2012, p.16) assegura que:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.

O Espetáculo "Descobrimento ou Invasão?" reflete sobre a conquista do território brasileiro pela Coroa Portuguesa. Uma reflexão pelos olhos das pessoas exploradas, ou seja,

os povos originários do Brasil. Com músicas do cancioneiro popular e informações sobre o processo de dizimação indígena, o espetáculo, rico em figurino e coreografias.

Sobre esta forma de expressão artística com bases na educação escolar, o MTP se ancorou em Freire (2016, p.17) que indaga sobre quem melhor que os oprimidos se encontrará preparado para compreender o significado de uma sociedade opressora e de sua necessidade de libertação? Segundo Freire (2016, p.17:

Libertação a que não chega pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando essa se revista da falsa generosidade referida.

Tanto a organização do Movimento de Teatro Popular em nível do estado da Paraíba quanto em âmbito regional, o CEDOP deu seu apoio através de: formação, pesquisas, produções, articulação, documentação, divulgação, cessão de espaço para reuniões, encontro, ensaios e disponibilidade de telefone, fax e transportes. Em 1992, o Movimento de Teatro Popular desvinculou-se do CEDOP, porém continuou caminhando em parceria (SANTANA, 1998, p.3).

O MTP tem uma forte identificação com o pensamento freireano, enquanto um teatro que atua através da educação, ora nos próprios espaços de educação, ora na educação alternativa junto à comunidade. A pedagogia do oprimido está presente no teatro do oprimido. É um oprimido. É uma catarse a relação entre artistas e plateia. As pessoas se sentem no palco ou chão batido onde ocorre o espetáculo.

O teatro militante vai “onde o povo está”, dialogar através da representação e a *posteriori*, promover uma reflexão sobre o tema apresentado e a sua correlação direta com o cotidiano da comunidade para quem se apresentam. Um teatro que diverte, educa, se propõe a conscientizar a plateia sobre questões políticas. Um teatro politizado, engajado. De acordo com Freire (2016, p.47).

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas tentar dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a visão de mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação de

mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não podem prescindir do conhecimento crítico dessa situação.

Sobre os espetáculos do teatro popular, Araújo (2006, p, 91) tece assegura que eles poderiam ser espetáculos bem estruturados. “[...] poderiam ser performances de atores, sem necessariamente um texto dramático a ser encenado, mas um teatro feito de imagens [...]. Ao exemplo dessa experiência, Araújo cita o ator Heliton Santana que, “vestindo-se com a bandeira do Brasil, carrega uma cruz imensa pelas ruas de João Pessoa”.

Ilustração 22 - Espetáculo Abandonados. Centro Comunitário João Paulo II-Alto das Populares, Santa Rita



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

O espetáculo *Alô-alô Brasil*, pretendia alertar o povo brasileiro para o processo de construção da Constituição Cidadã de 1988, alertando a população para discutir em suas comunidades sobre suas reais necessidades.

De acordo com Araújo (2006, p.48):

No ano de 1986, o grupo de teatro TELL (Teatro, Luta e Libertação), integrado por jovens e adultos de comunidades pobres do município paraibano de Santa Rita, produziu o espetáculo “Alô, Alô Brasil”, cujo eixo temático era a propaganda da nova república (...). Segundo

Heliton Santana, ator e diretor do grupo teatral TELL, a peça realizou diversas apresentações a convite de organizações populares, escolas, sindicatos... Era apresentada de forma gratuita, pois na compreensão dos integrantes do grupo, aquela era uma atitude militante e comprometida com a defesa dos direitos sociais, sobretudo da população pobre, socialmente excluída, da qual os atores faziam parte.

O espetáculo *Nuestra América*, escrito, encenado e dirigido por Heliton Santana, foi montado em 1992, em comemoração aos 500 Anos de Conquista do Continente americano. O texto foi escrito com a intenção de fazer uma revisão historiográfica sobre o processo de conquista e promover reflexões característica do teatro do oprimido onde a plateia pode interagir diretamente com artistas em cena durante a apresentação (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998).

Para Branca Barbosa, “Se Heliton não tivesse morrido, com certeza a gente estava no palco. Ele não falava de morte, só falava de vida. (...) Eu acho que ele morreu quando ele adoeceu... O Anima-Ação morreu quando Heliton adoeceu” (Branca Barbosa. Entrevista livre, 2019).

Boal (1991, p.71), o maior expoente do Teatro do Oprimido, garante que “as peças demasiadamente dirigidas para um só objeto correm o risco de contrariar um princípio fundamental do teatro, que é o conflito, ou a contradição, ou qualquer tipo de choque ou combate”. Para esse dramaturgo, ainda que “Esse novo teatro, materialista, dialético, será forçosamente também um teatro de abstrações superestruturais. Seus personagens ainda revelam em algumas peças de Brecht, a sua condição de simples objetos” (BOAL, 1991, p.96).

Em 1995, o espetáculo *De grão em grão a galinha enche o papo*, que também fez parte de uma turnê italiana, trouxe uma discussão sobre a seca como um problema social, político no Nordeste brasileiro. O espetáculo *Mulheres* foi um monólogo escrito, dirigido e encenado por Marta Santana, em turnê na Bélgica em 1997, tendo como tema a vida das mulheres brasileiras empobrecidas (Arquivo de Heliton Santana, 1998).

Para Paulo Freire (2016, p.91), “Na medida em que a consciência, na e pela “revolução cultural”, se vai aprofundando, na práxis criadora da sociedade nova, os

homens vão desvelando as razões do permanecer das “sobrevivências” míticas, no fundo, realidades, forjadas na velha sociedade”.

Na busca por equidade de direitos e reconhecimento, incluímos o pensamento de que onde se escrevem homens, por parte de autores e autoras, de acordo com um hábito cultural vigente em nossa sociedade, acrescentamos “mulheres”, o substituímos por pessoas, dando ênfase ao recorte de gênero justamente reivindicado em dias atuais.

Freire, Boal e Heliton Santana, deixaram contributos para a academia, para os movimentos sociais e a memória de ambos. O teatro popular, teatro do oprimido pensado por Boal no sudeste e por Heliton Santana no nordeste, beberam na fonte da pedagogia do oprimido pensada por Freire para a educação e que se estendeu para além dela.

5.4.2 Cordéis

Heliton Santana produziu Cordéis Educativos em parceria com diversos órgãos, com temas como: Voto consciente, Ecologia segundo os orixás, e escreveu a cartilha: “Brincando de fazer coisa séria” em homenagem aos 10 anos do grupo de teatro popular, o “BAB do Teatro Popular”.

Os cordéis, assim como a militância cultural engajada de Heliton, nas demais artes, ele trazia em seu escopo mensagens de questionamentos a uma sociedade; compreendida por ele, a partir de seu arquivo; branca, ocidentalizada, cristã, hetero normativa e misógina.

No cordel organizado pelo Movimento Do Espírito Lilás (MEL), Associação das Travestis da Paraíba (ASTRAPA) e Prefeitura de João Pessoa, convidaram Heliton pra escrever um cordel educativo intitulado O QUE HÁ DE ERRADO EM AMAR? Que traz em seus versos:

HOMOSSEXUALIDADES

É melhor assim dizer
Pois há homens e mulheres
São muitos jeitos de ser

E cada um termo seu
Do amor e sexo viver

A base desta conversa
É CIÊNCIA, é estudo
Dita d'uma forma simples
Debulhando tudo, tudo
Com toda sinceridade
Trocando tudo em miúdo
(SANTANA, 2006, p.6)

Adiante, Heliton faz um percurso pelos termos utilizados para referirem-se as pessoas homossexuais, descreve as homossexualidades, os tipos de preconceitos e as organizações da sociedade civil que lutam por direitos, bem como a legislação e a atuação do movimento LGBTQ. A concepção desta cartilha foi resultado de reivindicações de políticas públicas voltadas para esses grupos junto com a prefeitura de João Pessoa. Mais adiante continua Santana (2006, p.15, 17,19).

Se faz sexo, não lhe pagam
TRAVESTI vai para prisão
Tortura, roubo, "abuso"
De quebra, acusação
É condenado até
Até por religião (...)

Em sendo mulher e negra
Pobre e analfabeta
A vida é mais difícil
Seja avó, filha ou neta
E se também for LÉSBICA
A luta é a sua meta [...]

Surgiu, no ano de oitenta
Um grupo, o NÓS TAMBÉM
Lá na UFPB
O primeiro, veja bem
Desta nossa Paraíba
Outros nascem mais além.

A escrita em cordel naturalmente carrega tons lúdicos, capazes de fomentar uma leitura mais suavizada de temas carregados socialmente, que expressos em artigos podem trazer uma relação mais dura entre palavras e significados.

Os cordéis produzidos por Heliton Santana eram geralmente escritos sob encomenda, mas ele também fazia produções independentes com temas que o inquietavam. Este esforço, todavia, corroboravam a salvaguarda da memória dos movimentos populares. O cordel sobre homossexualidade traz um percurso da criação, surgimento e ação dos grupos LGBTQ da Paraíba.

Em 2007, Heliton Santana publica um cordel intitulado O ENDIREITAMENTO DO AYÊ EM NOME DE OXALÁ, onde em sua apresentação, ele assina com o heterônimo de Airá Ahs. Neste caso, Ayirá é uma qualidade do orixá Xangô, que segundo Heliton Santana era o seu orixá e Ahs era Antonio Heliton de Santana.

O autor tem escrito muito sobre o povo negro brasileiro. Agora ele nos presenteia com mais uma obra [...]

Em tudo que ele tem escrito, são preocupações suas: informar, questionar, estimular a organização do povo e animá-lo a lutar por melhores condições de vida para todos e todas. O título do cordel já diz o assunto e convida a ação.

Que ele continue escrevendo. Que façamos um bom proveito deste folheto Axé (SANTANA, 2006, p.1).

A necessidade de contribuir para a formação de intelectuais orgânicos, de militantes por causas diversas, era um traço do cotidiano profissional e pessoal de Heliton Santana, notoriamente relatado num cordel escrito em um dia. Dia de Iyemanjá em 8 de dezembro de 2007, conforme assina o autor na página final do cordel.

O pedido que seu heterônimo Airá Ahs faz para Heliton Santana é que não deixe de escrever sobre o povo negro brasileiro; é também um auto apelo, para que o mesmo nunca possa desistir de lutar por uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária, tão apregoada pela Teologia da Libertação, mas que a nossa personagem em sua trajetória, sob a ótica da informação e da memória, extrapolasse essas

delimitações, quando falava, por exemplo, de outras religiões, como constataremos nos versos a seguir:

ILÊ DA HUMANIDADE

Negros, indígenas, brancos
Além de asiáticos
Todos num só arranco
Em defesa do PLANETA
Pegar a luta no tranco

As RELIGIÕES que falo
São as AFRO-BRASILEIRAS
Candomblé, Tambor-de-mina
Há uma lista inteira
Umbanda, Xangô, Batuque
Tem mais. Digo nas carreiras

Jurema ou Catimbó
Terecô, Tambor-da-mata
Quem conhece outras mais?
Lá no juízo se cata
Quem se lembra d'umazinha
Esse nó logo desata

O cordel sobre as religiões afro-brasileiras, bem como os demais, foram divulgados entre o público alvo e professoras e professores com comprometimento junto a diversas questões sociais. Heliton fazia a divulgação e distribuição entre essas pessoas, agentes sociais.

No cordel, também escrito em um único dia (29 de junho de 2007, festa de São Pedro Pescador), intitulado “A IGREJA QUE DOM JOSÉ CONSTRUIU NA PARAÍBA”, Heliton conta a trajetória de seu pai espiritual. Relação tornada pública por ambos em escritos de cada um. Nas primeiras rimas, Heliton Santana (2007, p.1) diz:

Tudo que vou escrever
Não foi dos livros tirado
São lembranças que tenho
De um recente passado
O Príncipe se fez Pastor
Servo dos injustiçados

Chegou em sessenta e seis
 Ditadura Militar
 Quem lutasse por justiça
 Deter, prender, torturar
 Achando isso ainda pouco
 Matar, exilar, calar.

Os versos a seguir narram a trajetória de dom José, seus codinomes de dom Pelé, dom Zumbi, a organização das CEB, a resistência no apogeu da ditadura militar. São versos autoexplicativos com uma linguagem específica de militantes sociais. Sobre os serviços de informação e memória da Arquidiocese da Paraíba, Santana (2007, p.9) afirma:

O CEDOP era o serviço
 O de comunicação
 Jornal, cartilha, teatro
 Folha de celebração
 Som, vídeo e memória
 Das lutas desse povão

O Arquivo da Igreja
 Que é a sua memória
 Foi todo organizado
 É uma longa história
 Quem passa por lá afirma
 O Arquivo é uma glória

Já o CDDH
 Defendia os direitos
 Do povo injustiçado
 Usando meios e jeitos
 De acordo com a lei
 Quem não se lembra dos feitos?

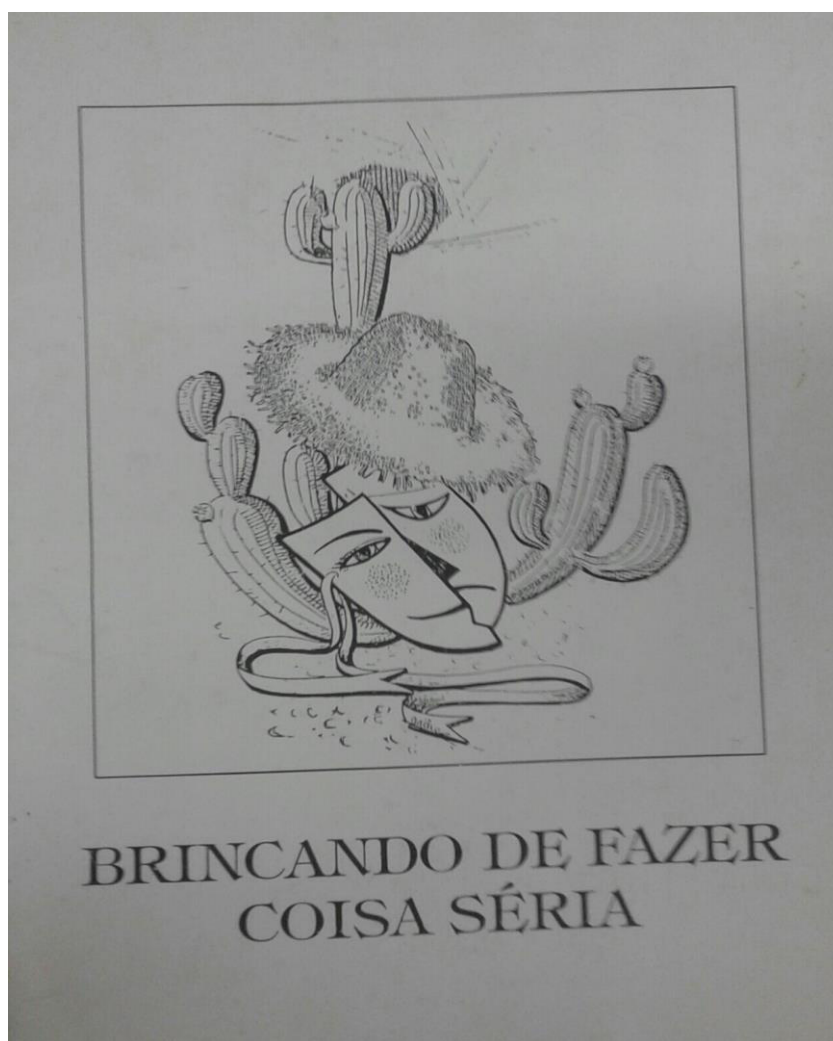
Na produção da escrita de si de Heliton Santana, há uma direção no sentido de uma escrita de si e dos outros como uma necessidade de registrar um passado recente e ao mesmo um presente vigente de suas realizações individuais e coletivas. Neste sentido, este esforço proporcionou um acúmulo de documentação, dossiês, em geral, organizados por temáticas. Digamos assim, não apenas o arquivo privado

pessoal de Heliton Santana, mas o da própria arquidiocese paraibana, com todos os órgãos a ela subordinados hierarquicamente.

Em parcerias com órgãos, como Centro de Defesa dos Direitos Humanos, UFPB, Conselho Regional de Psicologia, Arquidiocese da Paraíba, CEDOP, Movimento Negro etc, Heliton produziu diversas cartilhas e cordéis sobre temáticas diferentes.

Heliton Santana produziu Cordéis Educativos em parceria com diversos órgãos, com temas como: Voto consciente, Ecologia segundo os orixás, e escreveu a cartilha: “Brincando de fazer coisa séria” em homenagem aos 10 anos do grupo de teatro popular e o “BAB do Teatro Popular”.

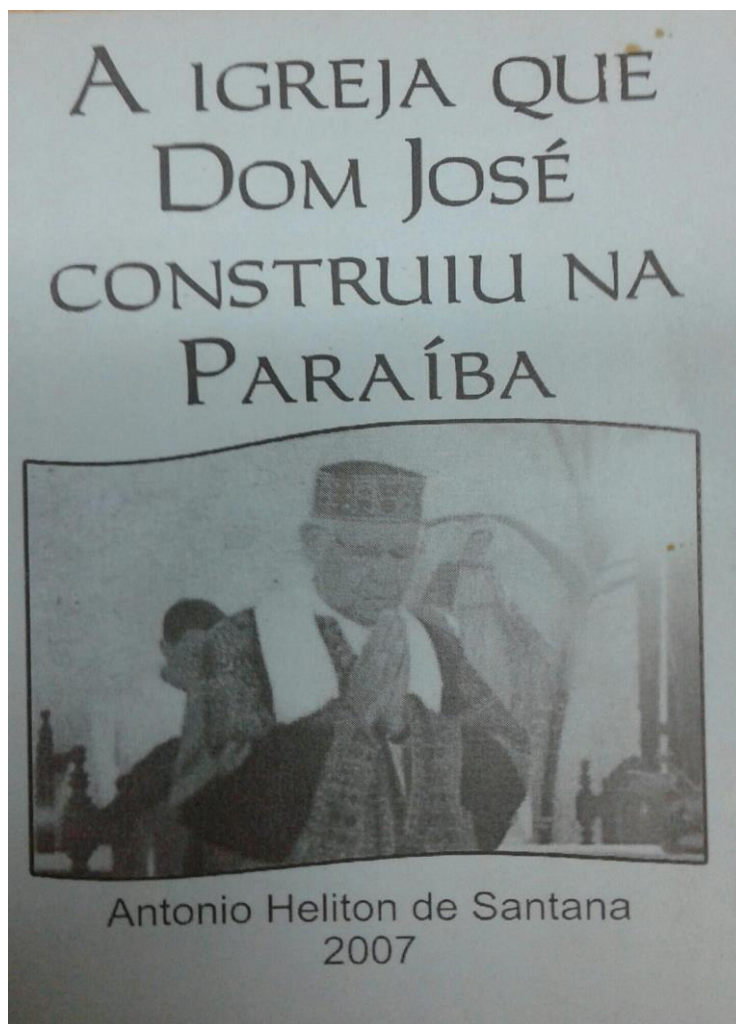
Ilustração 23 – Capa da Cartilha “Brincando de fazer coisa séria”



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Em parcerias com órgãos, como Centro de Defesa dos Direitos Humanos, UFPB, Conselho Regional de Psicologia, Arquidiocese da Paraíba, CEDOP, Movimento Negro etc, Heliton produziu diversas cartilhas e cordéis sobre temáticas diferentes.

Ilustração 24 – Capa da cartilha “BAB do Teatro Popular”



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

Ao enveredar pela literatura popular, em particular os cordéis, Heliton Santana abre espaço para que se discutam temas sociais, antes trabalhados apenas nas artes cênicas e na sétima arte (o cinema), agora para a literatura, falando a linguagem do povo simples, fazendo um trabalho didático de educação popular, sem se perder do foco da proposta da arte engajada.

Em parcerias com órgãos, como: Centro de Defesa dos Direitos Humanos, UFPB, Conselho Regional de Psicologia, Arquidiocese da Paraíba, CEDOP, Movimento Negro, entre outros, Heliton produziu diversas cartilhas e cordéis sobre temáticas diferentes, em parcerias com esses órgãos.

Brincando de fazer coisa seria é o título da cartilha que Heliton Santana escreveu em homenagem aos 10 anos do Grupo de Teatro Popular, o “BAB do Teatro Popular”. Nessa ocasião, ele lançou o Caderno de Poesias, *Nu de corpo e alma*, cujo prefácio o padre Luiz Albuquerque Couto, amigo de Heliton Santana, começa dizendo que percebeu que “a poesia de Heliton Santana se transforma num canto de liberdade, resultado de uma postura amorosa. Que é um não cheio de sentido contra tudo que é prisão, escravidão, desamor?”, questiona Luiz Couto (SANTANA, 1990, p.1). Ele complementa dizendo que:

Como poeta, o ativista paraibano escuta o gemido do povo sofrido, a fala que se faz bala, o grito aflito, os clamores carregados de dores e transforma tudo isto num canto que anuncia a tão esperada libertação. [...] constatei que o poeta não está sozinho, nunca fica solitário. Há muitos que cantam com ele. Ele está com todo povo oprimido em busca de libertação. O povo que é poeta e profeta está sempre revelando a sua linguagem poética [...] a poesia está presente no seu clamor, na reivindicação e no avanço para libertação (SANTANA, 1990, p.2)

Esta última afirmação, como cita Couto, pode ser vista no poema *Lembranças* de Heliton Santana (1990, p.14).

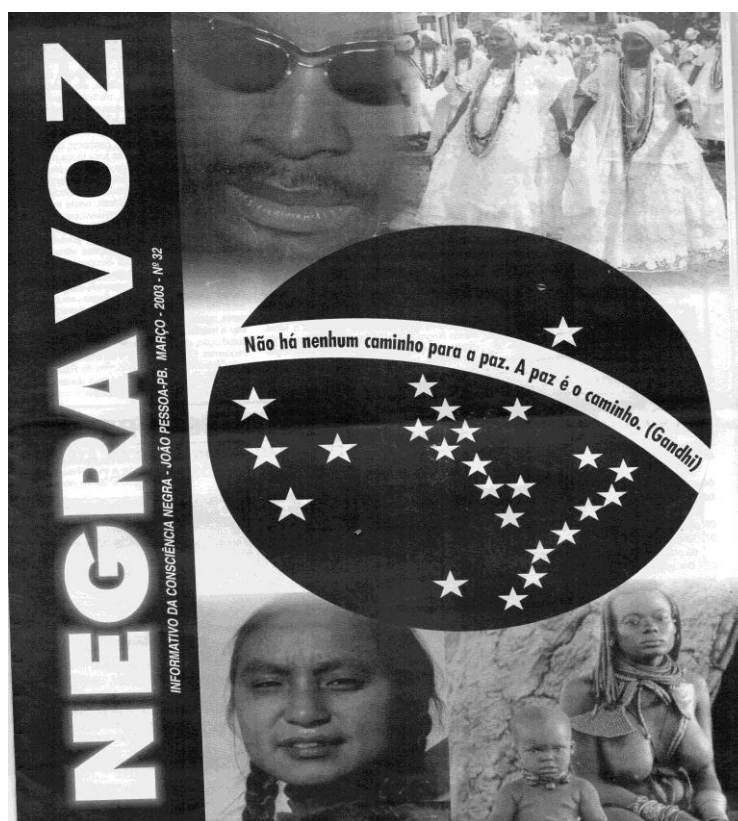
Do engenho, o poder-dominação
Do quilombo, o poder-serviço
Do engenho, a riqueza concentrada
Do quilombo, os bens partilhados
[...] Do engenho, a negação
Do quilombo, a esperança.

Na “Carta ao amigo leitor”, Heliton Santana garante que desde 1967 escreve poesias tendo um projeto com Fábio Fonseca, hoje professor doutor do Centro de Educação da UFPB, e Jairo Umberto (In memoriam) de lançarem em 1984 o livrete de poesias denominado de *Três faces três*, que resultou num aborto literário. Mas,

O tempo passou. Concebi outra vez, levando a gestação a termo. Nasceu NU DE CORPO E ALMA. Ficaremos todos “Nus de corpo e almas como crianças, como índio, no paraíso das palavras (SANTANA, 1990, p.3).

Além de poemas e outros textos, como já nos referimos ao longo deste trabalho, Heliton Santana produziu vídeos documentários como Aylá Kekerê, premiado num festival de cinema em Salvador. Ele foi editor da revista “Negra Voz” (Ilustração 25), do movimento negro da Paraíba e foi colaborador do Disk Racismo.

Ilustração 25 – Capa da revista Negra Voz



Fonte: Arquivo Pessoal de Heliton Santana.

O CEDHOR / UFPB realiza anualmente um prêmio dos Direitos Humanos para pessoas e instituições, sendo que em 1999 Heliton Santana foi o homenageado reconhecendo-o como um dos quatro diretores negros do Brasil a enfocar, insistentemente, a questão do seu grupo étnico racial. Esclarecendo que antes da

premiação o CEDHOR fez um levantamento das ações e biografias das pessoas e instituições que concorreriam ao prêmio.

Em 1989, com a extinção do TELL foi criado o Grupo de Teatro Popular Anima-Ação e o Movimento de Artistas da Caminhada (MARCA). Os espetáculos eram vários, e os locais de suas apresentações também, como se pode ver no quadro a seguir:

Quadro 12 - Anima-Ação e o Movimento de Artistas da Caminhada

Espetáculos	Local
Nuestra América (1992)	Com uma turnê de 57 apresentações, sendo 40 delas na Itália
De grão em grão a galinha enche o papo (1995)	Percorreu várias cidades da Itália
Damas da vida (1997)	Bélgica

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

O espetáculo “Nuestra América”, escrito, encenado e dirigido por Heliton Santana, foi montado em 1992, em comemoração aos 500 Anos de Conquista do Continente americano. O texto foi escrito com a intenção de fazer uma revisão historiográfica sobre o processo de conquista e promover reflexões característica do teatro do oprimido onde a plateia pode interagir diretamente com artistas em cena durante a apresentação (Arquivo Pessoal de Heliton Santana).

As pessoas que fizeram parte do espetáculo, a saber: Heliton Santana, Marta Santana, Branca Barbosa e Wando Oliver tiveram aulas de italiano para poder se comunicar no país. Quanto ao espetáculo. O texto foi escrito em português e algumas músicas eram em espanhol. O grupo interpretava em língua portuguesa e em espanhol. Já na porta do teatro as pessoas recebiam o texto em italiano para entenderem melhor. O grupo foi bastante elogiado pela imprensa nacional, lotando casas de espetáculos. A notícia de que naquele palco já se apresentou Mercedes Sosa num festival de artes no *Coliseum deixou o grupo muito orgulhoso, feliz*.

Em 1995, o espetáculo “De grão em grão a galinha enche o papo”, que também fez parte de uma turnê italiana, trouxe uma discussão sobre a seca como um problema social e eminentemente político no Nordeste brasileiro.

O espetáculo “Damas da Vida” foi um monólogo escrito, dirigido e encenado por Marta Santana, em turnê na Bélgica em 1997, tendo como tema a vida das mulheres brasileiras empobrecidas (Arquivo de Heliton Santana, 1998).

No início da década de 1980, Heliton Santana fundou em Santa Rita o grupo Kumbi, dentre outros, de consciência negra, que engendrou nos agentes pastorais negros (APN’S) e no movimento Negro da Paraíba. Criou também o Projeto Cultural Baú Aberto, com o objetivo de promover os artistas locais, tais como: poetas, cantores, escritores, entre outros. Participou como formador de pastoral, da pastoral do índio, do menor, da juventude do meio popular, da terra, e do movimento dos adolescentes e crianças (MAC) (Arquivo Pessoal de Heliton Santana, 1998).

Esta última afirmação, como cita Couto, pode ser vista no poema *Lembranças*, de Heliton Santana, escrito em 1990: “Do engenho, o poder-dominação / Do quilombo, o poder-serviço / Do engenho, a riqueza concentrada / Do quilombo, os bens partilhados / [...] Do engenho, a negação / Do quilombo, a esperança”.

Na “Carta ao amigo leitor”, Heliton Santa diz que, desde 1967 escreve poesias, tendo um projeto com Fábio Fonseca²⁸ e Jairo Umberto de lançarem em 1984 o livrete de poesias *Três faces três*, que resultou num aborto literário. Heliton Santana diz que ficaremos todos “Nus de corpo e almas” como crianças, como índio, no paraíso das palavras.

No prefácio dessa Cartilha, escrito por Luiz Albuquerque Couto (1990), encontram-se essas palavras:

[...] constatei que o poeta não está sozinho, nunca fica solitário. Há muitos que cantam com ele. Ele está com todo povo oprimido em busca de libertação. O povo que é poeta e profeta está sempre revelando a sua linguagem poética [...] a poesia está presente no seu clamor, na reivindicação e no avanço para libertação.

De acordo com Araújo (2006) no ano de 1986, o grupo de teatro TELL (Teatro, Luta e Libertação), integrado por jovens e adultos de comunidades pobres do

²⁸ Fábio Fonseca é de Santa Rita. Poeta e professor do Centro de Educação da UFPB. E Jairo Umberto era um artista popular de Santa Rita.

município paraibano de Santa Rita, “produziu o espetáculo ‘Alô, Alô Brasil’, cujo eixo temático era a propaganda da nova república” (ARAÚJO, 2006, p.48).

Araújo (2006) revela que a peça realizou diversas apresentações a convite de organizações populares, escolas e sindicatos. Era apresentada de forma gratuita. “Heliton Santana considerava que aquela era uma atitude militante e comprometida com a defesa dos direitos sociais, sobretudo da população pobre, socialmente excluída, da qual os atores faziam parte” (ARAÚJO, 2006, p.48).

Em 2012, Heliton Santana foi homenageado na Semana da Consciência Negra na Paraíba, na cidade de Santa Rita, em que a Câmara Municipal fez uma sessão especial homenageando-o. Atualmente, está sendo votado o Fundo Municipal de Cultura na Câmara Municipal de Santa Rita cujo nome do fundo é Heliton Santana, em homenagem a sua contribuição à cultura local.

Como já nos referimos anteriormente, Heliton Santana escreveu cordéis, peças teatrais, produziu junto ao CEDOP documentários sobre a questão fundiária na Paraíba. Porém essa documentação corre o risco de ser destruída por falta de políticas públicas de preservação ou de ser até destruída intencionalmente por interesses de quem faz oposição a esses movimentos.

Os arquivos pessoais são cada vez mais utilizados, tanto como fonte quanto como objeto de pesquisas em diversas áreas do conhecimento. A criação pela UNESCO, do Programa Memória do Mundo, em 1992, estimulou a consciência internacional sobre a importância do patrimônio documental garantindo a identificação, a preservação e a democratização do acesso a fundos documentais de significância internacional, nacional e regional. Assim:

Por conseguinte, a concepção do Programa Memória do Mundo é que o patrimônio documental mundial pertence a todos, deveria ser plenamente preservado e protegido para todos e, com o devido respeito aos hábitos e práticas culturais, deveria ser acessível para todos de maneira permanente e sem obstáculos (UNESCO, 1992, p. 9).

De acordo com o que propõe a UNESCO, diversos processos de patrimonialização que associam arquivos de natureza pessoal à noção de legado são reconhecidos e desenvolvidos em pesquisas sociais. Assim, a valorização das

trajetórias individuais como foco de interesse de alguns projetos institucionais, com a criação de memoriais, fundações e institutos voltados especificamente para a preservação da memória de uma personagem relevante da história local, regional ou nacional são exemplos de como trabalhar com arquivos pessoais.

A memória de Heliton Santana, evocada a partir da abertura simbólica de seu baú físico e seu arquivo privado não traz revelações no sentido de se descobrir curiosidades sobre nosso protagonista. Porém, evidenciar seu percurso dentro dos movimentos sociais a partir de um olhar informacional, trilhado por ele em seus esforços da escrita de si, a partir de seu trabalho, sobretudo no CEDOP, como a partilha de suas memórias em movimentos coletivos.

Ilustração 26 – Escola Estadual que leva o nome de Heliton Santana



Fonte: Arquivo pessoal de Heliton Santana.

A Escola Estadual Cidadã Heliton tem capacidade para atender 320 alunos em tempo integral, uma reivindicação da população feita durante audiência do Orçamento Democrático na cidade Santa Rita. A escola está localizada no bairro

Marcos Moura em Santa Rita, sendo a primeira neste modelo de ensino. “Esse colégio vai ficar marcado na história, não apenas pela excelente estrutura, mas por ser uma homenagem mais que merecida a Heliton Santana, figura importantíssima nas lutas populares do Estado”, disse o governador à época Ricardo Coutinho em discurso de inauguração da escola²⁹.

A memória de Heliton Santana não foi negligenciada. Muitos foram os reconhecimentos, prêmios e homenagens que se transformou em nome de lei, rua e escola. Sendo agora o sujeito desta tese que o lança para a academia abrindo espaços para futuras pesquisas a partir do seu arquivo pessoal.

²⁹ https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_politicas/ricardo-inaugura-escola-cidada-integral-em-santa-rita. Acesso em: outubro 2019.

6 PALAVRAS FINAIS:
IDEIAS SINTETIZADORAS

6 PALAVRAS FINAIS: IDEIAS SINTETIZADORAS

*Há aqueles que lutam um dia e por isso são muito bons.
Há aqueles que lutam muitos dias, e por isso são muito bons.
Há aqueles que lutam anos e são melhores ainda.
Porém, há aqueles que lutam toda vida,
esses são imprescindíveis (Bertolt Brecht).*

Os estudos em arquivos pessoais são cada vez mais utilizados como fonte e objeto de pesquisas em diversas áreas do conhecimento. A criação do Programa Memória do Mundo, em 1992, pela UNESCO, por exemplo, estimulou a consciência internacional sobre a importância de arquivos pessoais e do patrimônio documental, garantindo a identificação, preservação e democratização do acesso a fundos documentais de significância internacional, nacional e regional. Nesse Programa, a UNESCO propõe diversos processos de patrimonialização que associam arquivos de natureza pessoal à noção de legado são reconhecidos e desenvolvidos em pesquisas sociais. Assim, a valorização das trajetórias individuais como foco de interesse de alguns projetos institucionais, com a criação de memoriais, fundações e institutos voltados especificamente para a preservação da memória de uma personagem relevante da história local, regional ou nacional são exemplos de como trabalhar com arquivos pessoais.

Uma memória apagada é impossível de ser ressignificada, até porque não se recupera o vivido. Desse modo, entendemos ser importante a produção de pesquisas sobre arquivos pessoais, principalmente quando se aborda sobre a trajetória do titular do acervo. Os arquivos pessoais exercem papéis sociais importantes e representam a relação que o biografado teve com os registros que produziu em vida, configurando-se como suportes de suas memórias.

Como representante de uma memória individual, o arquivo de Heliton Santana, no seu conjunto está ligado à trajetória dos movimentos sociais em Santa Rita e, por que não, em âmbito da Paraíba. Preservar essa memória individual é, também preservar a memória de toda uma coletividade, sobretudo, considerando

que toda memória individual está assentada nas relações com o coletivo, ademais, quando se percebe o seu arquivo sob muitos olhares, reconhecendo sua atuação nos movimentos sociais, sindicais, entre outros, numa perspectiva de dar voz, não a figuras isoladas, mas a grupos sociais por ela representados.

Ao longo deste trabalho procuramos fazer um traçado do arquivo pessoal de Heliton Santana, como fonte de possibilidades de pesquisar outras memórias, com perspectivas diferentes, sobre os movimentos sociais na Paraíba num corte temporal entre 1970 a 2010.

Reconhecemos que a produção de Heliton Santana está em todo o processo de criação e organização de movimentos sociais, muitas vezes expressos em peças teatrais, bem como em documentos, e podem ser concebidos como decorrentes da intenção de fixar a escrita de si. Porém, cientes de que toda documentação corre o risco de ser destruída, por falta de políticas públicas de preservação ou até de forma intencional, por interesses diversos de apagamento de memórias.

Desse modo, inicialmente procuramos catalogar a produção contida no arquivo pessoal de Heliton Santana buscando uma memória evocada a partir da abertura simbólica de seu baú físico e seu arquivo pessoal. Essa tarefa inicial revelou seu percurso dentro dos movimentos sociais e seus esforços na construção da escrita de si, sobretudo no CEDOP.

Em seguida, levantamos os traços representativos da memória de Heliton Santana, a partir de sua produção cultural. Dentre os diversos traços da memória descritos neste trabalho, destacamos aqui a produção de Heliton Santana em vídeos documentários como Aylá Kerekê, premiado num festival de cinema em Salvador, e sua atuação, como editor da revista “Negra Voz”, do MNPB, além de sua colaboração no Disk Racismo.

Heliton Santana foi um dos quatro diretores negros do Brasil a enfocar, insistentemente, a questão do seu grupo étnico racial. Isso lhe rendeu um prêmio em 1999, sendo homenageado pelo CEDHOR / UFPB, que realiza anualmente um prêmio dos Direitos Humanos para pessoas e instituições.

Evidenciamos através de documentos, a atuação de Heliton Santana ao Movimento Negro na Paraíba. Com o interesse de identificar informações sobre os

Movimentos por meio do Arquivo Pessoal de Heliton Santana, nos deparamos com a criação do projeto cultural “Baú Aberto”, voltado para promoção dos artistas locais, poetas, cantores, escritores, entre outros. Constatamos que ele fundou e participou da pastoral do índio, do menor de idade, da juventude do meio popular, da terra, e do movimento dos adolescentes e crianças (MAC) e- PB.

Nosso protagonista não esteve à frente apenas dos espetáculos artísticos e de musicais. Por ter sido acometido por sérios problemas renais, como já mencionado neste trabalho, ele fundou na década de 2000 a Associação de Renais Crônicos Transplantados e Doadores da Paraíba.

Vimos também que o grupo TELL, Anima-Ação, cofundados por Heliton, assim como os demais: Boca Livre, Teatrinho da Criança (depois Teatro Popular de Adolescentes - TPA), 100 Nome e Doa a Quem Doer em Santa Rita que faziam parte do MTP, realizavam uma pré-estreia uma noite antes da estreia com portas fechadas, apenas para artistas convidados pelo elenco para opinarem sobre o espetáculo. Na noite de estreia ao público, o Centro João Paulo II que tinha um tablado, ficava lotado, sobretudo por alunas e alunos da escola estadual Maria Honorina Santiago que fica vizinho ao centro, por pessoas da própria comunidade, familiares e amigos.

Estas memórias ficaram guardadas no imaginário coletivo como sendo o centro João Paulo II em lugar de cultura, um espaço de resistência, de contracultura e aqui o chamaremos também, de um lugar de memórias, sempre que evocadas, revisitadas, registradas.

A trajetória de Heliton Santana não se pretende ser como parte de uma memória ufanista, apologética, uma biografia não autorizada, uma vez que é um trabalho póstumo. O que procuramos evidenciar neste trabalho foi o legado que deixou. Um legado de luta pelo social ao longo de mais de 40 anos de carreira artística e de militância social, mais que isso, Heliton se ocupou de forma disciplinada, de tarefa de registrar seu tempo, salvaguardar suas memórias junto aos movimentos, compondo a escrita de si, diriam Gomes (2004) e Oliveira (2018).

No caso do arquivo pessoal de Heliton Santana, temos uma teia de personagens, grupos e eventos que caracterizam uma escrita de muitas mãos, falas de muitas bocas, numa dinâmica anti silenciamento. Nosso esforço foi significativo

no sentido de buscar selecionar as informações a serem condensadas e ressignificadas de acordo com a proposta aqui aventada. Portanto, inferimos que a trajetória de Heliton Santana se fortalece a partir do seu arquivo pessoal, como uma trajetória de recuperação memorialística dos Movimentos Sociais na Paraíba, mais especificamente, na cidade Santa Rita.

Inferimos ainda que essa memória afirma-se no registro e salvaguarda de diversas organizações sociais das quais Heliton Santana foi fundador, colaborador e militante por mais de quatro décadas. Fazer esse caminho e revisitá-lo através da arte sem fronteiras, das ruas do Bairro Popular em Santa Rita-PB, do jornal *Negra Voz* e de ser documentado pela BBC de Londres nos ajudou a captar não apenas o percurso do homem militante, mas sua intervenção no tempo e espaço. Por fim, podemos dizer que muito desse acervo de conhecimento e informações ainda encontra-se velado, necessitando ser descoberto, isto é, visibilizado.

Acreditamos que há muito por fazer, por descobrir e por abrir caminhos na pesquisa arquivística, a partir do arquivo pessoal de Heliton Santana.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ABELLÁS, José. Arquivos pessoais, saberes coletivos: a organização da documentação pessoal e pública de cientistas – o caso Hussak, 2012. In: SILVA, Maria Celina; SANTOS, Paulo Elian. **Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: FAPERJ. 2012. 191p.

ALBUQUERQUE, Klaus Paz de. **Eu também sou gente**: Movimento de Adolescentes e Crianças e Educação Popular. 2009. Dissertação (mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO.

ALONSO, Ângela. As Teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. In: **Lua Nova**, N. 76, 2009, p. 49-86. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452009000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em jun. 2019.

AMORIM, Alessandro Moura de. **MNU representa Zumbi (1970-2005): cultura histórica, movimento negro e ensino de história**. Dissertação. Mestrado em História. UFPB, João Pessoa, 2011.

ANDERSON, J. D. Organization of knowledge. In: FEATHER, J.; STURGES, P. (Eds.). **International encyclopedia of information and library science**. London: Routledge, 1996. p. 336-353.

ANDRADE, Flávio Lyra de. Movimentos sociais, crise do lulismo e ciclo de protesto em junho de 2013: repertórios e performances de confronto, crise de participação e emergência de um quadro interpretativo automista. Tese (Doutorado em Sociologia). UFPB / CCHLA / PPGS, 2017.

ANDRADE, Mário de. **Ensaio sobre a música brasileira**. 3. ed. São Paulo: Vila Rica; Brasília: INL, 1972.

AGENTES PASTORAL NEGROS DO BRASIL celebram 30 anos de história . Disponível em: <https://www.geledes.org.br/agentes-pastoral-negros-do-brasil-celebram-30-anos-de-historia>. Acesso em: ago., 2019.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. Uma introdução à segunda edição. In AQUINO, Mirian De Albuquerque (João Pessoa) (Org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. 2. ed. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2011. p. 9-13.

ARAÚJO, Emanuel. Negras memórias: o imaginário luso-afro-brasileiro e a herança da escravidão. **Estud. av.** vol.18 no. 50. São Paulo, jan./apr. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100021>. Acesso em mai. 2019.

ARAÚJO, José Ricardo da Silva. **A dimensão pedagógica do teatro**: reflexões sobre uma proposta metodológica. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. Maceió, 2006.

ARAÚJO, C.A.A. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.22, n.1, p.145-159, jan./abr. 2012.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**: teórica e método. Bauru - SP, Edusc, 2006.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.11, 1998.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ASSIS, Ailton. Um lampião dentro da mala: O Arquivo Pessoal de Octávio Pacheco – memória e autobiografia. São João Del Rei, 2009. 264 p. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de São João Del Rei, 2009.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BARROS, Dirlene Santos; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **Transinformação**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 5561, jan./abr., 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

BELLOTTTO, H. L. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BEZERRA, Valéria Saldanha. **Farinhas de mandioca seca e mista**: agregando valor à pequena produção. Brasília: Embrapa, 2006. Disponível em: www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/120197/1/00079010.pdf. Acesso em jul. 2019.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BRASIL. Arquivo Nacional. Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. **O Arquivo**, 2005. Rio de Janeiro. Publicações Técnicas - AN, n. 51.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. Câmara Técnica de Normalização da Descrição Arquivística. **Descrição arquivística**: referências bibliográficas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004. 50 p.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BRASIL. **Lei nº 8.394**, de 30 de dezembro de 1991.

BRASIL. **Lei nº 12.527**, de 18 de novembro de 2011.

BRASIL. **Decreto nº 4.073/02**, de 03 de janeiro de 2002.

BRASIL. **Lei nº 8.159**, de 8 de janeiro de 1991.

BRASIL. **Lei n. 10.639**, de 03 de janeiro de 2002.

BRASIL. Arquivo Nacional. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: O Arquivo, 2005. Publicações Técnicas - AN, n. 51.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. Câmara Técnica de Normalização da Descrição Arquivística. **Descrição arquivística**: referências bibliográficas. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004. 50 p.

BRIET, Suzanne. **Q uestce que la documentacion?** Paris: Edititions Documentaires Industrielles ET Techniques, 1951, p. 48.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTELO, Rodrigo. O novo desenvolvimentismo e a decadência ideológica do pensamento econômico brasileiro. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 112, p. 613-636, out.-dez. 2012.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 29 de jun. 2019.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da informação da UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 20 de jun. 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena de Souza; FRANCO, Maria Sylvia. **Ideologia e mobilização popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 131, 1998.

COMBLIN, José. Espiritualidade de Dom Helder. In: MONTENEGRO, Antonio; SOARES, Edla; TEDESCO, Alcides (Org.). **Dom Helder**: peregrino da utopia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002, p. 29-42.

DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO, Evelina (Org.). **Os anos 90**: política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 103-115.

DANTAS, Camila G. O passado em bits: questões sobre a reelaboração da memória social na internet. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIENCIA DA INFORMAÇÃO CINFOM, 6. Salvador, 2005. **Anais eletrônicos do V I CINFOM**, Salvador: UFBA, 2005.

Disponível em: http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/CamilaDantas.pdf. Acesso em: 25 mai. 2012.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Colab.). Trad. NETZ, S. R. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DODEBEL, Vera. Memória, circunstância e movimento. In: _____. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: PPG em Memória Social, UFRJ, 2005.

DOIMO, Ana Maria. Perfil dos Movimentos Sociais e das ONGs na Grande Vitória em meados dos anos 90: a face integrativa em tempos de globalização. In: **SINAIS – Revista Eletrônica**. Vitória: CCHN, UFES, Edição nº 4, v. 1. Dezembro, 2008, p. 225-275. Disponível em: www.indiciarismo.net/revista/CMS/?Edi%E7%F5es:Edi%E7%E3o_n.04%2C_v.1%2C_Dez.2008. Acesso em junho de 2019.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo**, vol. 12, n. 23, Niterói, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042007000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em junho, 2019.

DUARTE, Z.; FARIAS, L. **O espólio incomensurável de Godofredo Filho**: resgate da memória e estudo arquivístico. Salvador: ICI, 2005. 230 p. il.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências**: Introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

FERREIRA, Marieta Soares. Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: O caso do Brasil. **Revista História Oral**, n. 1, p. 1320, jun. 1998.

FISCHER, Tânia. A cidade como teia organizacional: inovações, continuidades e ressonâncias culturais: Salvador da Bahia, cidade puzzle. In: MOTTA, Fernando C. Prestes; CALDAS, Miguel P. **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araujo; FREIRE, Isa Maria. **Introdução à Ciência da Informação**. 2. ed. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010.

GARCIA, Maria Madalena A. de M. Machado. Os documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 179, 1998.

GARVEY, William D. **Communication**: the essence of science. Oxford: Pegamon, 1979.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações sociais civis no Brasil contemporâneo**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GÓMEZ, Maria Nélida Gonzáles de. Dos estudos sociais da informação ao estudo do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (João Pessoa) (Org.). **O campo da Ciência da Informação**: gênese, conexões e especificidades. 2. ed. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2011. p. 29-45.

GÓMEZ, Maria Nélida Gonzáles de. A informação: dos estoques às redes. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, p. 77-83, jan./abr. 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/611>. Acesso em: 19 de jul. 2018.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP; Rio de Janeiro, RJ: Editora da UNICAMP: Vozes, 2012.

HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algarves, 2006.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 1997.

HEYMANN, L. **Velhos problemas, novos atores**: desafios à preservação dos arquivos privados. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1610.pdf. Acesso em 10 mai. 2018.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio: Aeroplano, 2000.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewFile/439/397>. Acesso em: 30 jun. 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas, ÚNICA MP, 2003.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LOPES, Luís Carlos. **A nova arquivística na modernização administrativa**. Rio de Janeiro: [s/ed.], 2000.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Trad. Éric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2019. Recurso digital.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MEY, E. S. A. **Introdução a catalogação**. Brasília, DF: Lemos Informação e Comunicação, 1995. 123 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MIRANDA, Wander Mello. Archivos e memória cultural. In: SOUZA, Eneida Maria de. **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 3542.

MOREIRA, Maria Alice. Na rede do tempo: história da literatura e fontes primárias – a contribuição de Joaquim Norberto. In: ZILBERMAN, Regina et al. **As pedras e o**

arco: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 119-198.

NOUGARET, C.; EVEN, P. (coord.). *Les archives privées: manuel pratique et juridique*. Paris: La documentation Française, 2008.

NUNES, Gildázio Dantas. Centro de Documentação Popular-PB-CEDOP: Memórias de Fé, Lutas e Artes. **Video-documentário** com direção, produção e edição: Gildázio Dantas Nunes. Orientador: João de Lima Gomes. Turma de Rádio e TV. 2015.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Bernardina M. J. Freire de. **José Simeão leal: o editor público brasileiro**. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2018.

PACHECO, Leila S. Informação enquanto artefato. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 2024, jan./jun, 1995.

NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro. **Arquivo Nacional**, 2006. 124p.: 29,7c.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto história. **História & cultura**. (Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP). São Paulo, dez. n. 10, 1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

PEARCE, Susan. **Museums, objects ou collections**. Washington: Smithsonian Institutions Press, 1992.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Gêneses da Ciência da Informação: Os sinais anunciadores da nova área. In: AQUINO, Mirian De Albuquerque (João Pessoa) (Org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. 2. ed. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2011. p. 59-87.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-202, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto história**, São Paulo (14). fev, 1997.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

ROCHA, S. P.; SILVA, J. A. N. À luz da lei 10.639/03, avanços e desafios: movimentos sociais negros, legislação educacional e experiências pedagógicas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as) – ABPN**, v.5, p.55-82, 2013.

SANTANA, Sérgio Rodrigues de, Henry Poncio Cruz de Oliveira, Izabel França de Lima Informação e Memória Étnico-racial na memória da produção científica do grupo NEPIERE. **XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)**, Bahia, GT 10, 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, José Antonio Novaes da. Doutor Tito Lívio de Castro: novas luzes sobre a trajetória de vida de um inesperado médico na capital do Brasil oitocentista. *Revista da ABPN*, n. 25, mar./jun., 2018. P.43-68.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R.S. Trabalhando com história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Revista de Enfermagem USP**. Vol. 37 (2), 2003. p. 119 – 126.

TILLY, Charles. Movimento Social como Política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 3, jan.-jul., 2010.

VENÂNCIO, Giselle Martins. **Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)**. 2003, 340f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2000.

VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes. A vontade de guardar: lógica e acumulação em arquivos privados. **Arquivo e administração**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 1986.

YALOM, Irvin. **De frente para o sol: como superar o terror da morte**. Trad. Daniel Lembo Schiller. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

ZEMAN, Jíri. O significado filosófico da noção de informação. In: COLÓQUIOS FILOSÓFICOS INTERNACIONAIS DE ROYAUMONT. O Conceito de Informação na Ciência Contemporânea. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1970. p. 154-179.

SCHERER-WARREN, Ilse. O caráter dos novos movimentos sociais. In: SCHERER-WARREN, Ilse; KRISCHKE, Paulo J. (Orgs.). **Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América do Sul**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 35-53.

FONTES DOCUMENTAIS

SANTANA, Heliton. **Agentes de Pastoral Negros da Paraíba**: memorial. Santa Rita, 2000.

SANTANA, Heliton. **Histórico do Movimento Negro Paraibano**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: valdirpoesia@gmail.com. em: 5 out. 2010.

SANTANA, Heliton. Brincando de Fazer Coisa Séria. **Cartilha do Teatro Popular**. CEDOP, João Pessoa, 1995.

SANTANA, Heliton. **Memórias do CEDOP**. 1998. Arquivo pessoal de Heliton Santana.

CHEGOU, CHEGOU O TEATRO POPULAR. **Movimento de Teatro Popular de Pernambuco**. MTP-PE. Editoração Eletrônica Arte de Linha. Ilustração João Monteiro. Recife: Maio, 1993.

O B-A-BÁ DO TEATRO POPULAR. **Campanha da Fraternidade** - CNBB – Setor de Comunicação Social Regional Nordeste II. Recife: 1989.

O USO DO TEATRO POPULAR NA PASTORAL. Campanha da Fraternidade - CNBB, 1989 – Setor de Comunicação Social Regional Nordeste II. **Relatório**. Recife: 7 e 8 de setembro de 1985.

TREINAMENTO DO TEATRO POPULAR. **Relatório**. Setor de Comunicação Social Regional Nordeste II. Recife: 19 a 21 de setembro de 1986.

UM TEATRO QUE LIBERTA. **Pastoral da Juventude**. CNBB, Setor de Comunicação Social Regional Nordeste II. Recife.

ANEXOS

**ANEXO A: AGENTES DE PASTORAL NEGROS DA PARAÍBA: MEMORIAL. Santa
Rita, 2000**

ANEXO B: HISTÓRICO DO MOVIMENTO NEGRO PARAIBANO [MENSAGEM PESSOAL]

ANEXO C: CARTILHA DO TEATRO POPULAR. CEDOP, JOÃO PESSOA, 1995